



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

NÍVIA SANTOS MENEGAT

PORTUGAL EM MEMÓRIA:
LONGFORM SOBRE A EXPERIÊNCIA DE VIVER UM
INTERCÂMBIO

GOIÂNIA
2025

NÍVIA SANTOS MENEGAT

PORTUGAL EM MEMÓRIA:
LONGFORM SOBRE A EXPERIÊNCIA DE VIVER UM
INTERCÂMBIO

Trabalho de Conclusão
de Curso apresentado como
requisito para obtenção do
título de graduação em
Bacharel em Jornalismo, sob
orientação da Professora
Mestra Maria Carolina Giliolli
Goos.

GOIÂNIA
2025

NÍVIA SANTOS MENEGAT

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) como requisito para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, orientado pela Profª Ma. Maria Carolina Giliolli Goos.

Goiânia, ____ de _____ de 2025.

COMISSÃO JULGADORA:

Profª. Ma. Maria Carolina Giliolli Goos
(Orientadora)

Profª. Ma. Gabriella Luccianni Moraes Souza Calaça
(Avaliadora)

Profª. Ma. Sabrina Moreira de Moraes Oliveira
(Avaliadora)

GOIÂNIA
2025

AGRADECIMENTOS

Com gratidão, registro aqui meu reconhecimento a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço a Deus pela sabedoria e força ao longo da jornada. Reconheço, com gratidão, a coragem que tive para seguir em frente, mesmo com medo. Vir do sudoeste do Pará e chegar até aqui é, por si só, uma conquista que carrego com orgulho.

Agradeço ao meu pai, exemplo de força, por sempre apoiar minhas decisões, manter o otimismo diante dos desafios e acreditar no melhor que ainda está por vir. À minha mãe, meu porto seguro, agradeço pelo amor incondicional e por ser uma mulher inspiradora, batalhadora, que me motiva a buscar sempre a minha melhor versão.

Estendo meu reconhecimento às minhas irmãs Cecília, Júlia e Letícia e à minha prima Bruna, por todo o carinho, apoio e presença. Vocês são parte fundamental da minha história, e sou profundamente grata por cada gesto e palavra ao longo do caminho.

Agradeço com muito carinho à família do seu Aldo, dona Nete, Sofia, Orion e Alana, por abrirem as portas da casa e do coração para me receberem tão bem. Vocês se tornaram uma extensão da minha família, e sou profundamente grata por todo o cuidado, apoio e afeto que recebi.

À Angélica, minha companheira de intercâmbio que virou uma irmã, deixo um agradecimento especial. Junto com a Laryssa e a Bruna, formamos um grupo que foi essencial para enfrentar os desafios e tornar essa experiência ainda mais significativa.

A todos os amigos que estiveram presentes nessa caminhada, meu sincero obrigado pelos sorrisos, companheirismo e momentos inesquecíveis, guardarei cada lembrança com muito carinho.

À minha família do coração de Porto — Arthur, Laíssa, Paula, Beatriz, Maurício, Flávio, Liliane e Priscila, deixo meu profundo agradecimento. O acolhimento de vocês foi valioso e verdadeiro. Mais do que amigos, vocês se tornaram referência de afeto, companheirismo e generosidade.

Sou especialmente grata à Laís e à Gabriela, amigas que a faculdade me presenteou e que se tornaram verdadeiros pilares ao longo da minha trajetória

acadêmica. Em cada desafio, cada vitória, cada noite mal dormida e em tantos momentos de riso e aprendizado, vocês estiveram ao meu lado com generosidade, força e companheirismo. A presença de vocês tornou os dias difíceis mais suportáveis e os dias bons ainda mais especiais.

Aos professores, do Brasil e de Portugal, deixo meu reconhecimento, cada aula foi mais que um aprendizado técnico, foi uma formação humana. Agradeço em especial à professora Carolina Goos, pela orientação sensível e paciente neste percurso final.

Encerrando, deixo uma reflexão: Às vezes, é preciso sair do lugar onde estamos para dar espaço aos nossos sonhos. As decisões podem ser difíceis, mas ouvir a própria intuição é, muitas vezes, o melhor caminho. Que cada passo dado com o coração, seja sempre o mais certo.

*“Então viva uma vida da qual você irá se lembrar”
Avicii, As noites*

RESUMO

Este projeto integra o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) e tem como objetivo relatar a experiência de participar da mobilidade acadêmica internacional durante a graduação, com ênfase na vivência da mulher imigrante na Europa. O relato parte da experiência da autora como estudante na Universidade do Porto, ao longo de onze meses de intercâmbio e inclui relatos de outras mulheres imigrantes. Para a construção do trabalho, foram realizadas pesquisas sobre distintos gêneros jornalísticos, aspectos da mobilidade estudantil, a história da cidade do Porto e de Portugal, bem como sobre a questão da imigração feminina no contexto europeu. A narrativa adota os recursos do jornalismo literário e da memória afetiva para compor uma reportagem no formato *longform*, com uma abordagem imersiva que entrelaça entrevistas, registros culturais e históricos. O objetivo é oferecer ao leitor uma compreensão sensível e aprofundada dos encantos da região, das complexidades da experiência migratória e da construção do sentimento de pertencimento em território estrangeiro. Mais do que informar, o trabalho busca capturar a essência das experiências vividas, oferecendo uma narrativa envolvente que dialoga com temas como identidade, gênero, cultura e deslocamento.

Palavras-chave: Jornalismo; Imigração feminina; Longform; Memória; Mobilidade; Narrativa Literária; Portugal.

ABSTRACT

This project is part of the Final Course Work (TCC) of the Journalism course at the Pontifical Catholic University of Goiás (PUC Goiás) and aims to report on the experience of participating in international academic mobility during the undergraduate course, with an emphasis on the experience of immigrant women in Europe. The report is based on the author's experience as a student at the University of Porto, during an eleven-month exchange program, and includes accounts from other immigrant women. To construct the work, research was conducted on different journalistic genres, aspects of student mobility, the history of the city of Porto and Portugal, as well as the issue of female immigration in the European context. The narrative adopts the resources of literary journalism and affective memory to compose a longform report, with an immersive approach that interweaves interviews, cultural and historical records. The goal is to offer the reader a sensitive and in-depth understanding of the charms of the region, the complexities of the migratory experience and the construction of a sense of belonging in a foreign territory. More than informing, the work seeks to capture the essence of lived experiences, offering an engaging narrative that discusses themes such as identity, gender, culture and displacement.

Keywords: Female immigration; Journalism; Longform; Memoir; Mobility; Literary Narrative; Portugal.

LISTA DAS TABELAS

Tabela 1 – Execução das reportagens

Tabela 2 – Fontes das reportagens

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Bandeira de Portugal

FIGURA 2 - Marca Porto.

FIGURA 3 - Bandeira do Porto

FIGURA 4 - Reportagem *Longform Snow Fall - The Avalanche at Tunnel Creek*

FIGURA 5 - Reportagem *Longform* - Portugueses nos Campos de Concentração

FIGURA 6 - Paleta de cores da base

FIGURA 7 - Moodboard

FIGURA 8 - Paleta de cores do projeto

FIGURA 9 – Tipografia Oswald do título

FIGURA 10 – Tipografia Oswald e Times New Roman nos intertítulos e texto

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. HISTÓRIA DE PORTUGAL.....	13
2.1. O PORTO.....	16
2.1.1. Origens remotas.....	17
2.1.2. A modernidade.....	21
2.1.3. Patrimônio cultural da humanidade.....	23
2.1.4. Cultura e identidade do Porto.....	24
2.1.5. Economia e turismo do Porto.....	26
2.1.6. Imigração no Porto.....	28
3. MOBILIDADE ACADÊMICA.....	32
3.1. CIÊNCIAS SEM FRONTEIRAS.....	34
4. MOBILIDADE CULTURAL.....	37
5. IMIGRAÇÃO INTERNACIONAL FEMININA.....	40
6. JORNALISMO.....	44
6.1. GÊNEROS JORNALÍSTICOS.....	46
6.1.1. Entrevista.....	48
6.2. JORNALISMO OPNATIVO.....	49
6.2.1 Crônica.....	51
6.3. JORNALISMO LITERÁRIO.....	53
6.4. JORNALISMO DE VIAGEM.....	59
7. MEMÓRIA.....	66
8. JORNALISMO DIGITAL.....	70
8.1. <i>LONGFORM</i>	73
DESCRIÇÃO DA <i>LONGFORM</i>.....	80
TÍTULO E IDENTIDADE VISUAL.....	80
ELEMENTOS JORNALÍSTICOS.....	85
MATERIAIS.....	85
MEMORIAL.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97
APÊNDICE.....	101
Apêndice A - Capítulo do diário de viagem: Do sonho ao Porto.....	101

Apêndice B – pauta da reportagem “Mulher imigrante na Europa”	109
Apêndice C – pauta da reportagem “Além do intercâmbio: saúde mental, adaptação e as transformações da experiência internacional”	111

1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta a reportagem *longform* Portugal em memória, que retrata a experiência de intercâmbio acadêmico internacional vivenciada na Universidade do Porto, em Portugal. A proposta busca explorar memórias e narrativas de estudantes que participaram ou aspiram participar de programas de mobilidade acadêmica, por meio de uma abordagem imersiva que contempla aspectos culturais, educacionais e sociais.

A escolha do formato *longform* justifica-se pela sua capacidade de aprofundamento narrativo e sensibilidade estética, permitindo uma construção jornalística mais envolvente. Esse modelo amplia as possibilidades expressivas do jornalismo, favorecendo a criação de uma atmosfera mais próxima da realidade vivida pelos personagens.

Além disso, a integração de recursos multimídia como áudios, vídeos, fotografias e trilhas sonoras amplia a imersão do leitor e enriquece a compreensão dos contextos abordados. A combinação entre texto e elementos visuais permite não apenas informar, mas também emocionar e provocar reflexões mais profundas sobre os sentidos da mobilidade acadêmica.

A narrativa é construída a partir de entrevistas com acadêmicos, psicóloga, profissionais já formados, estudantes brasileiros e o assessor de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Os depoimentos abordam questões como adaptação cultural e acadêmica, saúde mental dos intercambistas, desafios enfrentados por mulheres imigrantes e impactos sociais e econômicos do turismo educacional em Portugal.

A relevância do tema se evidencia em dados recentes. Segundo dados de 2024, do portal Consultor Jurídico, entre os anos letivos de 2022 e 2023, 26% dos estudantes estrangeiros no ensino superior português eram brasileiros. Esse número reforça a importância de discutir a mobilidade acadêmica entre Brasil e Portugal e de compreender as transformações que esse processo gera tanto no plano individual quanto coletivo.

Desde o início da graduação, o desejo de estudar fora do país esteve presente como uma meta pessoal e profissional. A concretização do intercâmbio em Portugal representou não apenas um avanço acadêmico, mas também uma vivência profundamente humana, marcada por aprendizados, desafios e descobertas.

Durante os onze meses de experiência, surgiu o interesse em explorar o *longform* como linguagem narrativa, até então pouco utilizada em minha trajetória. Ao conhecer seu potencial narrativo e estético, percebi a força desse formato para contar histórias de forma sensível, completa e imersiva.

Com isso, a reportagem não se limita à minha vivência individual, mas amplia a visibilidade do intercâmbio ao reunir relatos de outras trajetórias. Cada história registrada contribui para mostrar como a mobilidade acadêmica ressignifica identidades, constrói vínculos interculturais e amplia horizontes pessoais e profissionais.

Mais do que documentar uma experiência, este trabalho busca também celebrá-la. Ao valorizar as vozes de quem atravessou fronteiras em busca de conhecimento, Portugal em memória propõe uma reflexão sobre o intercâmbio como experiência de transformação, capaz de provocar mudanças internas e promover conexões que ultrapassam o tempo e o território.

2. HISTÓRIA DE PORTUGAL

Portugal foi fundado no ano de 1143, com o Tratado de Zamora, quando D. Afonso Henrique, o primeiro rei de Portugal, e Afonso VII de Leão e Castela, garantiu o reconhecimento do reino como independente. Em 1179, o Papa Alexandre III confirmou essa independência, e nos séculos XII e XIII, os reis portugueses expandiram o território até conquistar o Algarve, formando as fronteiras que permanecem até hoje (PORTAL DIPLOMÁTICO¹, 2020).

Com o território estabelecido, Portugal focou no desenvolvimento interno. Em 1385, após um movimento popular, D. João I foi aclamado rei, dando início à 2ª dinastia. A ascensão de D. João I ao trono deu-se em um período conturbado, marcado por conflitos com Castela que haviam começado ainda durante o reinado de D. Fernando (1367-1383). Essas guerras trouxeram prejuízos ao reino português, resultando em dificuldades sociais como o aumento de impostos, escassez de trabalho e episódios de fome. Diante desse cenário adverso, surgiram diversos movimentos populares ao longo do reinado de D. João I, conhecidos como uniões (ZIERER, 2005).

Seus filhos, conhecidos como a geração íclita², devido a educação e qualidades governativas, foram destacados por Camões em *Os Lusíadas* ³(1572). O Infante D. Henrique, impulsionou os descobrimentos, com as caravelas portuguesas desbravando os mares (PORTAL DIPLOMÁTICO, 2020).

Nos séculos XIV a XVI, os portugueses exploraram África, Oriente e América do Sul, conquistando territórios e levando riquezas para a Europa. Em 1498, Vasco da Gama descobriu o caminho marítimo para a Índia, e em 1500, Pedro Álvares Cabral chegou ao Brasil. Frei Vicente do Salvador, no livro *História do Brasil*, de 1627, enfatizou que Pedro Álvares Cabral, seguiu as orientações de D. Manoel, “[...] afastando-se da costa de Guiné, que já era descoberta ao Oriente, achou outra ao Ocidente, da qual não havia notícia alguma; foi a costeando alguns dias com tormenta

¹ Disponível em: <https://portaldiplomatico.mne.gov.pt/sobre-portugal>. Acesso em: 30 de set. de 2024.

² Íclito: adjetivo, nobre; ilustre; egrégio, célebre; famoso.

³ *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, é um poema épico publicado em 1572, considerado uma das maiores obras da literatura em língua portuguesa. Inspirado em epopeias clássicas como *Odisseia*, de Homero, e *Eneida*, de Virgílio, a obra exalta as conquistas do povo português, narrando a descoberta do caminho marítimo para a Índia por Vasco da Gama.

até chegar a um porto seguro, do qual a terra vizinha ficou com o mesmo nome”, talvez tenha sido o início da globalização (SALVADOR, 1918, p. 13).

Em 1640, Portugal restaurou sua independência com D. João IV. No século seguinte, o rei D. João V, um absolutista apaixonado pelas artes, construiu o Convento de Mafra e o Aqueduto das Águas Livres, em Lisboa. Porém, a capital foi quase totalmente destruída pelo terramoto de 1755, e o Marquês de Pombal reconstruiu Lisboa de forma monumental e mais resistente.

No século XIX, as invasões napoleônicas forçaram a corte portuguesa a se mudar para o Brasil, assegurando a continuidade dinástica e a independência. Quando D. João VI retornou em 1821, Portugal estava diferente, a guerra e o movimento liberal transformaram o país, limitando o poder real e preparando a aprovação da primeira constituição (PORTAL DIPLOMÁTICO, 2020).

Após a morte de D. João VI em 1826, Portugal enfrentou uma crise política e dinástica. A guerra civil estourou em 1828 entre os filhos de D. João VI e D. Pedro. A disputa terminou em 1834 com a Convenção de Évora Monte, que restaurou a monarquia constitucional em Portugal.

No final do século XIX, as ideias republicanas ganharam força, culminando no regicídio de D. Carlos em 1908 e na Revolução de 5 de outubro de 1910, que instaurou a República. D. Manuel II foi o último rei de Portugal, e Teófilo Braga o primeiro chefe de Estado republicano, seguido por Manuel de Arriaga, o primeiro presidente eleito. Após um período turbulento, incluindo a participação na Primeira Guerra Mundial, um golpe militar em 1926 pôs fim à Primeira República e iniciou uma ditadura militar. Em 1933, estabeleceu o Estado Novo, regime autoritário liderado por António Oliveira Salazar, que governou Portugal por quase meio século.

Figura 1 - Bandeira de Portugal



Fonte: Reprodução/Nacionalidade Portuguesa nacionalidadeportuguesa.com

A bandeira de Portugal é um dos principais símbolos nacionais, representando a soberania, independência, unidade e integridade do país. Ela é composta por um retângulo dividido em duas partes: verde-escuro à esquerda, junto ao mastro, e vermelho vivo à direita. Sobre a linha que separa as cores, localizam-se a esfera armilar e o escudo de armas português. Adotada em 1910, com a Proclamação da República, a bandeira marcou a transição do regime monárquico para o republicano, ressignificando os elementos e cores de acordo com os novos valores políticos.

A Revolução dos Cravos⁴, em 25 de abril de 1974, consolidou a liberdade e a democracia no país, abrindo caminho para a independência das colônias africanas. Posteriormente, Portugal fortaleceu seus laços europeus ao ingressar na Comunidade Económica Europeia (CEE) em 1986, integrando-se a um projeto de construção de uma nova Europa, sem renunciar à sua história e tradições (PORTAL DIPLOMÁTICO, 2020).

⁴ A Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974, marcou o fim da ditadura salazarista em Portugal, restabelecendo a democracia e as liberdades individuais. Aproveitando o desgaste do governo de Marcelo Caetano, o movimento teve como símbolos os cravos nas baionetas dos militares e a música *Grândola, Vila Morena*, que anunciou o início da revolução.

2.1. O PORTO

A cidade do Porto, é complexa e ampla, elementos que contribuem para uma identidade única. Para entendermos a atual situação da cidade, primeiro devemos analisar a origem de tudo e os fatores que contribuíram para se tornar a segunda maior cidade de Portugal. Uma contextualização de como houve as mudanças que moldaram uma pequena aldeia à beira do rio Douro em uma cidade reconhecida internacionalmente.

Figura 2 - Marca Porto.



Fonte: Reprodução/Câmara Municipal do Porto

Lançada em 29 de setembro de 2014 pela Câmara Municipal do Porto, a marca gráfica "Porto." foi a primeira identidade visual oficial da cidade, desenvolvida pela agência local White Studio. Incorporada à comunicação da autarquia e das suas empresas municipais, a marca conquistou diversos prémios internacionais, como o Gaphis (Nova Iorque), o D&AD Awards (Londres) e dois ouros no *European Design Awards* (Istambul), em 2015. Atualmente, é reconhecida globalmente como um case de sucesso em *branding* urbano.

2.1.1. Origens remotas

O Porto é reconhecido como a capital do Norte, situada no noroeste da Península Ibérica e de Portugal. A segunda maior cidade do país, carrega em suas ruas paralelas e praças uma profunda herança, reflexo do centro histórico, que foi classificado como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, em 1996.

Com nome, de origem na palavra "porto", carrega o reflexo da vocação ancestral⁵. Desde a origem, a cidade sempre ocupou uma posição estratégica, guardando a foz do rio Douro enquanto o mesmo se lança no profundo Oceano Atlântico.

Segundo os informativos da Câmara Municipal do Porto ⁶(2024), as delimitações geográficas do Porto, apresentam uma grande diversidade de vestígios de ocupação humana desde a Pré-história, abrangendo Meolítico e Calcolítico, até a Idade do Bronze e Idade do Ferro, em áreas próximas do centro da cidade, como Campanha, Aldoar e Nevogilde⁷.

A origem da cidade do Porto surgiu pelos vestígios do pronto histórico, encontrados no morro da Sé e da Penaventosa, com semelhanças a outros castros ⁸do noroeste peninsular. A vitalidade econômica da cidade naquela época já era evidenciada pela existência de várias portas em sua muralha (FALCÃO, 1999-2000). No Arqueossítio⁹, localizado na Rua de D. Hugo n.º 5, foram descobertos objetos de uso cotidiano e estruturas que datam dos séculos IV e III a.C. Além disso, achados próximos revelam uma ocupação que remonta aos primeiros séculos do 1º milênio a.C. Na Rua de Penaventosa, também foram identificados vestígios da muralha que cercava esse núcleo primitivo.

Figura 3 - Bandeira do Porto

⁵ "Voz ancestral" ou "vocação ancestral" refere-se, em contextos culturais e religiosos, a um chamado, missão ou sabedoria herdada dos antepassados, transmitida de geração em geração como parte de uma tradição ou responsabilidade coletiva.

⁶ Disponível em: <https://www.cm-porto.pt/historia-da-cidade>. Acesso em 22 de set. de 2024.

⁷ No concelho do Porto, foram integradas na União das Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde, conforme estabelecido pela Lei n.º 11-A/2013, de 28 de janeiro.

⁸ Do latim *castrum* 'fortaleza'. Significa castelo antigo.

⁹ Local onde há vestígios materiais de culturas ou comunidades antigas; sítio arqueológico.



Fonte: Reprodução/Câmara Municipal do Porto

A cidade do Porto, além de sua rica herança cultural e demográfica, possui símbolos oficiais que reforçam sua identidade, como a bandeira municipal, composta por oito partes alternadas em branco e verde. Estabelecida pela Portaria n.º 9513 de 25 de abril de 1940¹⁰, essa bandeira é complementada por cordões e borlas em prata e verde, além de haste e lança douradas, formando um conjunto visual marcante que representa oficialmente a cidade, conforme destaca o site da Câmara Municipal do Porto (2024).

Marjay (1973) situa a proto-história da região no período Mesolítico, aproximadamente há doze mil anos, muito antes da chegada dos romanos. Próximo à foz do rio Douro, foram encontrados "vestígios castrejos e romanos" (PEREIRA, 1998, p. 152) que delimitam dois importantes sítios, um deles se desenvolveu como um cais, conhecido durante a ocupação romana como *Portus*:

[...] alcandorada num morro granítico, ficava *Cale*, a *civitas*, com origem num velho povoado castrejo, romanizado a partir de finais do século II a.C., que dominava o cruzamento da via fluvial com a via terrestre que ia da cidade de *Olisipo* (Lisboa) a *Bracara Augusta* (Braga). A expansão do povoamento de *Cale* para a zona ribeirinha, na época tardo-romana, ligando os dois núcleos,

¹⁰ Ordenação heráldica do brasão e da bandeira conforme parecer da Comissão de Heráldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses, emitido em 13 de março de 1940. Aprovada pelo Ministro do Interior em 25 de abril de 1940 e publicada no Diário do Governo n.º 96, 1.ª Série, na mesma data.

viria a originar a expressão *Portucale*, que aparece já no século VI e que dará, depois, o nome a Portugal (PEREIRA, 1998, p. 153).

As relações comerciais de castro de Cale ¹¹com o mundo romano, apresentava um nível significativo de romantização no século I d.C., possivelmente pela reorganização implantada pelo Imperador Otávio Augusto. Durante o período tardo romano, a "civitas"¹² expandiram para o morro da Cidade e pelas encostas da Penaventosa, chegando à área da Ribeira, conforme registros arqueológicos da Casa do Infante e arredores, onde foram encontrados vestígios de edifícios inseridos numa malha urbana regular. A crescente atividade portuária fortaleceu o papel de Cale como um importante ponto da economia regional, momento em que surgem as primeiras referências ao nome *Portucale*.

Cordeiro (2002) aborda a noção de patrimônio imaterial em diferentes dimensões, que, ao se somarem às materialidades do patrimônio, não apenas perduram ao longo do tempo, mas também definem e alimentam a identidade local, especialmente no imaginário portuense.

A primeira dimensão refere-se à contribuição da cidade para a formação da identidade nacional, ao originar o nome da futura nação portuguesa a partir das localidades de Portus e Cale, que mais tarde deram origem a *Portucale*¹³. A segunda dimensão está ligada na atuação de Afonso Henriques e, posteriormente, de Henrique, o Navegador, figura nascida no Porto, para a expansão ibérica e as explorações ultramarinas (PORTO, 2024).

A terceira dimensão envolve a participação ativa do Porto na expansão marítima portuguesa, para a construção e abastecimento de setenta embarcações para a conquista de Ceuta. E a quarta dimensão, sobre a renovação urbana da cidade no século XVIII, impulsionada pela expansão da vitivinicultura.

A crise dinástica de 1383-1385 trouxe destaque à cidade, momento em que o décimo rei de Portugal, D. João I, conhecido como o rei da "Boa Memória" demonstrava gratidão pelas vitórias da guerra contra Castela. Dos destaques da guerra, a Rua Nova ou Formosa (atualmente conhecida como Rua do Infante D.

¹¹ Cale era o nome de um antigo povoado localizado na foz do Rio Douro.

¹² Termo latino que significa "cidade" ou "conjunto de cidadãos". É a origem da palavra "cidadania".

¹³ Este nome geográfico, originalmente associado à nação que deu origem a Portugal, também designou locais específicos e um condado. Sua origem vem da junção de "portus" (porto, em latim) e "cale" (passagem).

Henrique) sendo uma construção estruturada, que auxiliou a urbe¹⁴ e seu couto¹⁵ pertencer à realeza e os novos territórios foram acrescentados ao termo do Porto. A cidade onde ocorreu a celebração do seu casamento com D. Filipa de Lencastre e onde o quinto filho, o infante D. Henrique, nasceu e foi batizado (PORTO, 2024).

No século V, os povos germânicos chegaram à Galécia e estabeleceram um breve reinado, que gerou uma época de instabilidade regional, gerando um certo protagonismo de Portucale. A cidade foi um dos principais cenários da guerra civil que precedeu a queda do reino suevo. Para proteger a cidade, desde a época castreja¹⁶ as muralhas foram reforçadas e renovadas pelos romanos (PORTO, 2024).

A reestruturação das dioceses e paróquias promovida por São Martinho de Dume, no século VI, conferiu grande destaque, principalmente pela construção da diocese de Portucale e a subsequente transferência do bispo de Meinedo para Portucale. Durante esse período, os monarcas visigodos¹⁷ também estabeleceram uma oficina monetária. Com o enfraquecimento do reino visigodo, a travessia do estreito de Gibraltar pelos muçulmanos deu o golpe final, o que permitiu a ocupação da Península Ibérica (PORTO, 2024).

Portucale assume-se como protagonista, com o reordenamento do território impelido pela nobreza condal¹⁸, sendo os presores de Afonso III, como Vímara Peres, presor e conde de Portucale, em 868. Destacando a importância que o Condado renasce em 1096.

Entre os anos de 1113 e 1114, com a restauração da diocese do Porto, o bispo D. Hugo tornou-se o senhor do couto portugalense, em 1120, por concordância da condessa D. Teresa. No vasto território, abrange áreas de Santo Ildefonso, Paranhos, Bonfim e Campanhã, ao qual atribui formalmente em 1123, uma estratégia inovadora para o comércio. A proteção proporcionada pelo alargamento das fronteiras até a

¹⁴ Substantivo feminino que designa uma povoação com elevada densidade populacional, infraestruturas avançadas e predominância de atividades na indústria ou serviços. Sinónimo de cidade. Origem: do latim *urbs*, *urbis*.

¹⁵ Substantivo masculino que significa terra protegida ou privilegiada e, figuradamente, asilo ou refúgio. Sinónimo: *coito*. Origem: do latim *cautum* (precaução).

¹⁶ Castreja é a forma feminina de *castrejo*. Adjetivo: Relativo a *castro* ou às fortificações peninsulares de origem romana ou pré-romana (ex.: cultura castreja). Substantivo masculino: Lugar elevado e fortificado; pequeno castro (*castrelo*).

¹⁷ Povo godo do Ocidente europeu, com presença marcante na Península Ibérica até as invasões árabes, em contraste com os ostrogodos.

¹⁸ Adjetivo de dois géneros, relativo a condado e a conde.

linha do Tejo permitiu que a cidade, antes confinada às suas muralhas primitivas, se expandisse para os arrabaldes, tornando-se um importante centro comercial e marítimo (PORTO, 2024).

A partir do século XIV, tornou-se evidente a necessidade de desenvolver um novo plano de muralhas para proteção das pessoas e estabelecimentos, das crescentes ameaças vindas por terra e mar. Por decisão real, deu-se início a um grande projeto, com o apoio das terras ao redor do Porto, como Maia, Bouças, Gondomar, Melres, Refojos do Ave, Aguiar de Sousa, Paiva e Feira. A muralha, uma iniciativa de D. Afonso IV, foi concluída apenas no reinado de D. Fernando I, razão pela qual passou a ser conhecida como "muralha fernandina"¹⁹.

A cidade fortaleceu-se militarmente e, ao mesmo tempo, facilitou o acesso de moradores e visitantes por meio de várias portas e postigos abertos ao longo do perímetro das muralhas. Também foi planejada a expansão territorial intramuros, incluindo o monte do Olival, então composto apenas por soutos²⁰ e campos cultiváveis. Local relativamente isolado, foi a escolha de D. João I para a instalação de uma judiaria, em 1386 (PORTO, 2024).

2.1.2. A modernidade

Segundo os informativos da Câmara Municipal do Porto (2024), no século XVI, ocorreu a expansão urbana, mantendo um certo aspecto rural, com quintais e campos de cultivo. Uma nova rua é construída em terrenos do bispo e do cabido²¹, a Rua das Flores, onde as estruturas foreiras a um ou a outro têm uma marca nas suas fachadas a roda de Santa Catarina representava o bispo, enquanto São Miguel Arcanjo simbolizava o cabido. Esta construção estabeleceu uma importante ligação entre o Mosteiro de São Bento da Avé-Maria e o antigo Convento de São Domingos, conectando duas praças que viriam a ser centros comerciais de destaque, além da Praça da Ribeira.

A Foz do Douro²², uma pequena área sob controle beneditino, também passou por significativas melhorias. Sob a liderança do bispo de Viseu, D. Miguel da Silva,

¹⁹ Eram a cintura medieval de muralhas do Porto, hoje preservada em pequenos trechos. Também chamadas de cerca nova ou muralha gótica, nomes cientificamente mais corretos, porém menos usuais.

²⁰ Refere-se a árvores frutíferas.

²¹ Refere-se a uma comunidade ou corporação de cônegos associados a uma catedral ou sé.

²² É uma área litorânea famosa por suas praias, como a da Luz e a do Homem do Leme, além de restaurantes ecléticos e o Mercado da Foz, com produtos tradicionais locais.

entre 1527 e 1546, foram criadas várias obras importantes, como a construção de uma igreja renascentista. Mais tarde, essa igreja foi cercada pelos muros do Forte de São João Baptista, em 1570, enquanto o Farol de São Miguel, na Cantareira, também foi erguido, consolidando a importância estratégica e religiosa da região.

O crescente movimento de embarcações demandava melhorias na infraestrutura de apoio à navegação, principalmente no conjunto de marcas ou balizas²³ que se instalaram ao longo da margem do rio e da costa marítima. Em 1542, houve a substituição de um antigo pinheiro por uma estrutura mais robusta e duradoura, a Torre da Marca, uma torre de pedra construída em Massarelos (PORTO, 2024).

Em 1560, São Francisco de Borja fundou o Colégio de São Lourenço, da Companhia de Jesus. Inicialmente, a instituição se instalou na Viela do Colégio Velho, mas com o passar do tempo foi transferida para um edifício especialmente construído para esse fim no Largo do Colégio, fundação jesuíta que marcou o desenvolvimento na educação e na influência religiosa da cidade.

O crescimento do comércio e da construção naval impulsionou um aumento demográfico que acabou por ultrapassar os limites impostos pela muralha da cidade. Esse processo levou à expansão para áreas extramuros, predominantemente rurais, introduzindo um novo conceito de urbanismo.

Durante a ocupação filipina (1580-1640), foram construídas várias edificações religiosas importantes, como o Mosteiro de São Bento da Vitória, para os monges beneditinos, no local onde antes funcionava a judiaria. Já o Mosteiro de São João Novo, pertencente aos Eremitas de Santo Agostinho, foi construído sobre a antiga igreja paroquial de São João de Belmonte, fora das muralhas da cidade, foi fundado o convento dos Carmelitas Descalços (PORTO, 2024).

Em 1583, criou-se o Tribunal da Relação do Porto, ficando como governador o conde de Miranda. Inicialmente, o tribunal funcionou no paço do conde até o início da construção do edifício definitivo, localizado próximo à Porta do Olival. Nesse período, também foram reforçados os fortes que protegiam a entrada da barra e a cidade.

²³ "Baliza" em português pode ter vários significados, dependendo do contexto. Em geral, significa um objeto ou sinal que indica um limite, uma meta ou uma direção, como uma estaca, um farol, um obstáculo em um circuito de atletismo ou o gol de um jogo.

Surgiram amplos espaços verdes de uso coletivo, como a Alameda da Cordoaria e a Calçada das Virtudes (PORTO, 2024).

Em 1583, a diocese aproveitou a reorganização, e dividiu a única freguesia²⁴ existente em quatro: Sé, São Nicolau, São João de Belmonte (existiria apenas até 1604) e Nossa Senhora da Vitória. Mais tarde, em 1614, para cadastrar todos os imóveis foreiros pertencentes à vereação municipal, foi estabelecida a marca “F.A CÂMARA” em cada um desses bens, sinalizando sua ligação à câmara municipal.

Entre os séculos XVI e XVII, a população estrangeira começou a formar colônias na região. Os flamengos, associados aos germânicos, concentraram-se sobretudo em Vila Nova. Já os franceses, embora permanecessem por longos períodos, criaram apenas residências temporárias. Os britânicos estabeleceram-se com maior firmeza a partir do final do século XVII, especialmente por meio de suas casas comerciais (PORTO, 2024).

2.1.3. Patrimônio Cultural da Humanidade

Cordeiro (2002) parte do pressuposto de que a noção de patrimônio imaterial traz novos desafios à preservação do patrimônio cultural. Durante o século XX, nas décadas de 40 e 50, foram propostos diversos planos urbanísticos que poderiam transformar permanentemente o Centro Histórico do Porto, no caso de serem modificados.

Embora estivesse degradada, havia opositores à política vigente que defendiam a reabilitação, como o arquiteto Fernando Távora. No início de 1974, o Centro Histórico passou a ser reconhecido como um patrimônio de valor local e nacional, levando à criação do CRUARB (Comissariado para a Renovação Urbana da Área de Ribeira/Barredo), com o objetivo de resolver o problema do realojamento e recuperar os bairros mais degradados (PORTO, 2024).

A Câmara Municipal do Porto aderiu à Lei das Finanças Locais, de 1982, assumindo a responsabilidade pelos trabalhos do CRUARB, ampliando a atenção no âmbito da ação à região Histórica do Porto. No ano de 1993, a primeira edição do Porto a Património Mundial foi publicada, que marcou o começo do processo de

²⁴ Designa a menor divisão administrativa de um município ou os seus residentes.

candidatura da cidade do Porto à Lista de Património Cultural da Humanidade da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura).

A UNESCO foi estabelecida após a adoção da Convenção sobre a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural, em 16 de novembro de 1972. Com essa convenção, cada Estado signatário compromete-se a conservar os bens localizados em seu território, protegendo seu patrimônio cultural e natural. Portugal, um dos Estados assumiu o compromisso, em 1979. A organização estabeleceu uma lista que reúne bens de interesse patrimonial, considerados de valor inestimável e insubstituível para toda a humanidade.

Em 5 de dezembro de 1996, na cidade de Mérida (México), o Centro Histórico do Porto foi inscrito na Lista do Patrimônio Mundial, juntamente com a ponte Luiz I e o mosteiro da Serra do Pilar, com base no IV Critério Cultural (PORTO, 2024). Considerou-se que o valor universal deste bem reside em seu tecido urbano notável e nos diversos edifícios históricos, refletem o desenvolvimento de uma cidade europeia ao longo do último milênio, orientada para o Ocidente devido às suas conexões comerciais e culturais.

O estímulo da inscrição enfatiza que, enquanto cidade e expressão da criatividade humana, o Centro Histórico do Porto é uma obra-prima do gênio criativo do Homem. Neste local, interesses militares, comerciais, agrícolas e demográficos se uniram, formando um refúgio para a população da cidade. Resultando em uma criação única em seu gênero, de elevado valor estético, resultado do trabalho coletivo que não se deve a uma obra pontual, mas sim de constantes contribuições ao longo do tempo (PORTO, 2024).

2.1.4. Cultura e identidade do Porto

A cidade do Porto, com sua rica história e contribuições notáveis para as artes, literatura e patrimônio, é um importante centro cultural. Sua identidade é moldada pela arquitetura única, a expressão artística de seus habitantes e uma topografia singular de colinas íngremes com vistas sobre o Rio Douro, que inspirou artistas e escritores ao longo dos séculos. As tradições portuenses, ligadas às atividades marítimas e comerciais, permeiam a cultura local e se refletem nas obras que destacam a conexão entre o Porto e o Atlântico. A diversidade arquitetônica da cidade reflete sua rica herança cultural.

Castells (1999) construiu a ideia de identidade como "uma fonte de significado e experiência de um povo". Ponto que o autor se reporta a Calhoun (1994, p. 9-10) nenhum povo que não nomeie ou que não possua idioma ou cultura, que se coloca como "alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles. [...] O autoconhecimento, invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer descoberta, nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos, pelos outros".

Castells afirma que a identidade não deve ser confundida com papéis seja trabalhador, mãe, sindicalista, fumante, entre outros. A identidade é "fonte de significado para os próprios atores, por eles originados, e construídos por meio de um processo de individuação" (CASTELLS, 1999, p. 23), o sociólogo diz mais:

[...] entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas (CASTELLS, 1999, p. 22).

No contexto, onde o significado pode ser entendido como "a identificação simbólica, por parte de um ator social, da finalidade de suas ações" (CASTELLS, 1999, p. 23). A identidade é moldada por fatores como história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, memória coletiva, fantasias pessoais e sistemas de poder.

No entanto, ela também é continuamente reorganizada por tendências sociais e "projetos culturais enraizados na estrutura social e na percepção de tempo/espaço" (CASTELLS, 1999, p. 23). Esse processo é completado na formação de uma identidade coletiva, baseada nos conteúdos simbólicos e no significado para aqueles que a adotam ou dela se excluem, sempre mediada por relações de poder. Castells identifica três tipos de identidade: a legitimadora, a de resistência e a de projeto, a identidade legitimadora é imposta pelas instituições dominantes para manter sua autoridade. A resistência surge em resposta, criada por grupos marginalizados que buscam resistir à dominação. Já a identidade de projeto usa elementos culturais para construir novas formas de identidade, transformando a sociedade e redefinindo a posição dos indivíduos, como ocorre, por exemplo, com o feminismo.

O São João é uma celebração popular e animada que acontece na noite de 23 para 24 de junho na cidade do Porto, exemplo da alegria e vitalidade da cultura

portuense. Uma celebração que remonta a tempos imemoriais, tanto nas origens dos ritos pagãos de solstício²⁵ quanto em sua versão cristianizada, associada a São João no contexto católico. Com festividades que incluem música, dança, martelos de plástico para bater na cabeça uns dos outros, acender balões para deixar voar no céu, tornando um momento mágico, a festa de São João reflete o espírito acolhedor e festivo do Porto.

O São João "constitui uma antecipação do anúncio do Advento, considerando o papel de João Batista como precursor de Cristo" (LUCENA FILHO, 2012, p. 38 apud GASTAL, 2013, p. 187). O calendário cristão, instituído no século VI, dedica o dia 24 de junho a este santo. A primeira referência à Festa de São João no Porto data de 1384, no texto de Fernão Lopes intitulado "Crónica de D. João I", onde é narrada como o rei entrou na cidade justamente no dia em que celebravam o santo.

A cultura do Porto manifesta-se nas ruas, nas artes visuais, na arquitetura, na música e nas tradições que definem a identidade singular da cidade. Essa diversidade cultural, enraizada tanto na história quanto na contemporaneidade, consolida o Porto como um verdadeiro tesouro cultural a ser explorado e apreciado.

No que diz respeito à importância da cultura imaterial na construção de identidades, celebrações como o São João, não apenas funcionam como rituais que trazem o passado à tona, mas também, ao restabelecer o vínculo com tempos anteriores, promovem uma projeção para o futuro.

2.1.5. Economia e turismo do Porto

Conhecida como "Cidade Invicta"²⁶, o Porto é a segunda maior cidade de Portugal localizada na margem direita do rio Douro, simbolizando a sua resiliência e coragem. Cidade que deu nome ao país, Portugal, hoje é reconhecida pela história, arquitetura antiga e moderna, gastronomia e pelo famoso vinho do Porto.

Segundo dados da Câmara Municipal do Porto (2024), a cidade é o pilar central da economia do Noroeste da Península Ibérica, impulsionando o motor das exportações da indústria portuguesa. Com uma localização estratégica, o Porto consolidou-se como um dos destinos turísticos mais atraentes da Europa. A cidade

²⁵ Solstício é um fenômeno da astronomia que marca o início do verão ou inverno.

²⁶ Invicta significa "Invencível". Apesar de ter sido tomada pelos mouros em 715 e reconquistada em 868 por Vimara Peres, o título se consolidou no século XIX, refletindo o espírito resistente da cidade.

passou por uma notável revitalização urbana e um renascimento econômico, alavancado por novos projetos de investimento de alcance internacional.

A economia da cidade é substancialmente terceirizada e, na sua maior parte, voltada para os setores da saúde, do turismo e do comércio. Nos últimos anos, a cidade tem testemunhado uma diversificação de seu tecido empresarial, impulsionada pela expansão de serviços empresariais ligados às TIC (Tecnologias de informação e comunicação) e aos centros de serviços partilhados, além de indústrias criativas e tecnológicas de ponta.

Entre janeiro e julho de 2023, o turismo no Porto alcançou marcos históricos, refletindo diretamente na economia da cidade. O consumo por turistas estrangeiros, medido através dos gastos com cartões, atingiu um novo recorde, assim como os rendimentos gerados pelos estabelecimentos de alojamento turístico, evidenciando o impacto positivo do setor (PORTO, 2023).

Até julho de 2023, a cidade do Porto registrou um total de 344 milhões de euros em transações com cartões estrangeiros, com um crescimento de 36% em relação ao mesmo período de 2022. Esse aumento reflete a contribuição significativa dos visitantes internacionais para a economia local.

Ainda no mesmo mês, o consumo por meio de cartões estrangeiros chegou a 73 milhões de euros. Quanto aos estabelecimentos de alojamento turístico no Porto, os rendimentos no primeiro semestre atingiram um valor recorde de 193,6 milhões de euros, representando cerca de 48% dos proveitos totais dos alojamentos turísticos na região Norte (PORTO, 2023).

A principal porta de entrada para a região, o Aeroporto Francisco Sá Carneiro, atingiu recordes de passageiros embarcados e desembarcados no primeiro semestre do ano, num total de 7.056.007 passageiros, tendo crescido 28,6% quando comparado com o período homólogo de 2022, somando 15,7% comparando com igual período de 2019. Apenas no mês de junho registou-se um desembarque médio diário de cerca de 23,7 mil passageiros. De janeiro a junho, o aeroporto concentrou 22,6% do total de passageiros movimentados no país (PORTO, 2023).

Os impactos que são reflexos do turismo na economia, tanto pelos aumentos de receitas quanto pelas despesas associadas. Além de estar diretamente ligado a benefícios financeiros, como a criação de empregos e o surgimento de novas oportunidades de negócios, o turismo também acarreta custos, especialmente com a manutenção da infraestrutura urbana e a possibilidade de inflação. Nas cidades onde

o turismo é sazonal, esses custos tendem a ser mais elevados, já que as infraestruturas permanecem inativas durante grande parte do ano (Dumont et al., 2005; Dumont, 2006; Ardahaey, 2011).

De acordo com Ardahaey (2011), os efeitos diretos do crescimento turístico refletem-se nos setores primários do turismo como alojamento, restauração, transportes, atrações e comércio, pelo que os efeitos secundários abrangem os outros setores da economia.

O autor ainda destaca que os impactos positivos do turismo na economia tendem a superar os negativos, pois, na maioria das vezes, os benefícios que ele traz para um lugar são mais evidentes. No entanto, ressalta também que muitos dos efeitos negativos acabam sendo subestimados nas análises, ao contrário dos benefícios. Exemplos disso incluem o aumento no custo das habitações e dos preços no comércio local, mudanças na tributação e os impactos indiretos causados pelo congestionamento. Embora os impostos pagos pelos turistas possam aliviar a carga tributária local, em contrapartida, se houver custos adicionais com infraestrutura e serviços, os moradores podem acabar enfrentando um aumento nos impostos para cobrir essas despesas (Ardahaey, 2011).

As economias de diversas cidades saem beneficiadas com o turismo, por receberem as contribuições para receitas do governo através de impostos locais para o turismo e pelo efeito multiplicador do turismo ajuda na expansão de outras atividades econômicas (Organização Mundial do Turismo - UNTWO, sigla em inglês, 2014).

O impacto econômico gerado pelos turistas se sobressai em relação aos efeitos sociais e políticos. Dessa forma, a economia apresenta melhorias, impulsionadas pela necessidade de medir os retornos dos investimentos realizados, especialmente em termos de geração de empregos e impacto financeiro.

2.1.6. A imigração no Porto

Segundo os autores Maria Ioannis Baganha, José Carlos Marques e Pedro Góis (2009), até meados da década de 1970, Portugal contava com cerca de 30 mil estrangeiros, majoritariamente espanhóis ou descendentes de emigrantes portugueses. A situação mudou significativamente após a Revolução de 1974 e a consequente independência das colônias africanas, quando cerca de meio milhão de portugueses retornaram ao país. Em 1985, o número de estrangeiros legalmente

residentes subiu para 79.594, dos quais 44% eram oriundos de países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP).

A entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia (CEE), em 1986, impulsionou grandes investimentos em infraestruturas públicas, o que aumentou a demanda por mão de obra, especialmente no setor da construção civil. Esse contexto atraiu novos imigrantes, sobretudo de Cabo Verde. Em 1999, o país contava com 190.896 estrangeiros legalizados, representando menos de 2% da população total. Destes, a maioria (76% em 1999 e 77% em 2000) era originária de países lusófonos, refletindo a influência do passado colonial, das relações históricas e do crescimento econômico fomentado por investimentos públicos e estrangeiros.

Ao longo da história, a imigração para o Porto foi moldada por diversos fatores, que incluem eventos econômicos, políticos e sociais. Em épocas de instabilidade em outros países, a cidade se destacou como um refúgio para aqueles que buscavam melhores condições de vida, oportunidades de emprego e maior estabilidade. Como uma importante cidade portuária com forte ligação ao comércio internacional, o Porto atraiu muitos imigrantes interessados nas oportunidades oferecidas pelo setor marítimo e pelas atividades comerciais associadas.

O principal vetor do sistema internacional de migração continua sendo o movimento do sul para o norte, com migrantes saindo de países em desenvolvimento rumo aos países desenvolvidos. Os primeiros permanecem sob intensa pressão migratória, que parece distante de diminuir e pode até se intensificar no médio prazo. Já os segundos continuam a incorporar populações estrangeiras de diversas origens, embora em ritmos variados, com alguns países integrando mais migrantes que outros, alternando entre períodos de maior e menor intensidade em comparação com o passado (Machado, 1997).

No caso da Europa mais desenvolvida, os fluxos migratórios provenientes do chamado "terceiro mundo" diminuíram consideravelmente, mas não cessaram. A transição dos anos 1980 para 1990, entretanto, trouxe ondas migratórias inesperadas e substanciais, desencadeadas pela desintegração do bloco comunista no leste europeu. As projeções atuais indicam uma forte probabilidade de intensificação dos fluxos migratórios para os países industrializados, impulsionados pela crescente globalização das relações econômicas, políticas e sociais. A relação entre o fenômeno da globalização, amplamente debatido nas ciências sociais (Robertson, 1992), e as migrações internacionais ainda precisa ser mais profundamente

explorada. O surgimento e a recente consolidação da imigração em Portugal devem ser entendidos no contexto das dinâmicas migratórias mais amplas que ocorrem no sul da Europa.

Após a Segunda Guerra Mundial, a imigração para o Porto aumentou significativamente com a crescente urbanização e o desenvolvimento industrial. Migrantes saíram das áreas rurais e seguiram para a cidade visando empregos nas indústrias emergentes, impulsionando o crescimento econômico local. Simultaneamente, o Porto também acolheu imigrantes de outros países, que buscavam melhores condições de vida e oportunidades de trabalho.

A diversidade cultural trazida pela imigração enriqueceu o cotidiano da cidade, influenciando a economia, a culinária, as tradições e as práticas sociais. Com comunidades imigrantes desenvolveu-se bairros multiculturais, onde originaram inúmeras identidades, criando uma rica diversidade de experiências e perspectivas únicas. Do ponto de vista econômico, os imigrantes contribuíram para a revitalização de setores como a construção civil, o comércio e os serviços, além de desempenharem um papel essencial no enfrentamento do envelhecimento populacional.

O processo de imigração também gera desafios, principalmente sobre à integração social e à coesão comunitária, com dificuldade de garantir que a presença de populações imigrantes seja acompanhada por políticas inclusivas que promovam a igualdade de oportunidades, a interculturalidade e a minimização de tensões sociais. A imigração no Porto representa não apenas um fator de crescimento e enriquecimento cultural, mas também um fenômeno complexo, uma cidade procurada por muitos profissionais, empreendedores, aposentados e estudantes internacionais.

Segundo Igor José de Renó Machado (2009), a partir da década de 1980, o Brasil passou de país receptor a emissor de migrantes, com fluxos direcionados principalmente aos Estados Unidos, Japão e Paraguai, e, em menor escala, à Europa, especialmente Portugal. Impulsionada por crises econômicas e instabilidades políticas, essa emigração gerou desafios nos países de destino, sobretudo no que se refere à integração social e à situação de indocumentação dos brasileiros. Embora Portugal ocupasse posição periférica entre os destinos até o final dos anos 1990, no início do século XXI passou a ganhar maior relevância simbólica e midiática no cenário migratório brasileiro, destacando-se nos estudos acadêmicos ao lado das tradicionais rotas migratórias para EUA e Japão.

Segundo Renó (2009), os brasileiros no Porto, especialmente no início de sua presença mais significativa, eram fortemente associados a estereótipos positivos como alegria, simpatia e cordialidade, o que os tornava desejáveis para empregos no setor de atendimento ao público, como garçons, vendedores, representantes de vendas e músicos. Essa associação os posicionava como entertainers, papel que, embora valorizado em certos contextos, era permeado por conotações ideológicas e estigmatizantes.

Os brasileiros no Porto eram associados a estereótipos como alegria e simpatia, o que facilitava sua inserção em funções ligadas ao atendimento, mas também os marcava negativamente como menos intelectualizados e sexualmente permissivos. Essa exotização, de base colonialista, era imposta socialmente, mas também reforçada internamente pela própria comunidade brasileira. Aqueles vistos como "mais autenticamente brasileiros" tornaram-se referências simbólicas, influenciando a identidade coletiva. Assim, os imigrantes não apenas sofreram os efeitos dos estereótipos, mas também atuaram na sua reprodução e consolidação dentro da comunidade.

Ao falarmos sobre imigração na contemporaneidade, é preciso considerar as mobilidades, sejam elas acadêmicas ou culturais, como pontos de partida para trajetórias que, por vezes, ultrapassam o caráter temporário. Muitos estudantes cruzam continentes em busca de experiências de intercâmbio, com a ideia inicial de passar apenas alguns meses fora. No entanto, cidades como o Porto, em Portugal, com sua rica história, ambiente acolhedor e vida cultural vibrante, muitas vezes despertam o desejo de permanência.

3. MOBILIDADE ACADÊMICA

A mobilidade acadêmica remonta à Idade Média, impulsionada pela busca de novos conhecimentos e descobertas em diferentes partes do mundo. Segundo Charle e Verger (1996), embora houvesse liberdade para a circulação de pessoas em busca de aprimoramento e validação de diplomas, esse processo não era uniforme para todos. As grandes universidades da época, com infraestrutura superior e riqueza cultural, atraíam estudantes de diversas regiões do continente.

Atualmente, a mobilidade acadêmica é vista como uma oportunidade para estudantes ampliarem seus horizontes acadêmicos e culturais. Seja durante a graduação ou em uma especialização, estudar em outro estado ou país permite aprofundar conhecimentos, vivenciar novas culturas e agregar valor à formação acadêmica.

Stallivieri (2003 apud MARTINEZ; STALLIVIERI; MAZON, 2016) descreve que, foi um período, onde os estudantes se deslocavam na Europa Central para as universidades na França, e para as universidades italianas. As primeiras escolas já tinham o caráter internacional, nomeadas “universitas”, compostas por professores e estudantes de outras regiões ou outros países.

Como o próprio nome sugere, “universitas” refere-se a um universo cultural que engloba a universidade e a diversidade de visões de mundo, filosofias, correntes científicas e políticas, ou seja, diferentes formas de pensar das pessoas vindas de várias partes do mundo (STALLIVIERI, 2003 apud MARTINEZ; STALLIVIERI; MAZON, 2016).

Nas últimas décadas do século XX, o fenômeno da globalização fez com que as universidades tivessem que se reorganizar para ultrapassar os novos desafios que surgiram, obstáculos que estimulou as universidades a modernizar e rever os critérios de aceitação dos estudantes que tivessem capacitações profissionais e acadêmicas que possam atuar em uma sociedade cada vez mais intercultural e multicultural (Stallivieri, 2003 apud MARTINEZ; STALLIVIERI; MAZON, 2016).

O novo cenário apresentou como desafio a cooperação internacional como uma alternativa para a disseminação do ensino, da pesquisa e da extensão. Visando gerar conhecimento, segundo a autora, a universidade acompanha o ritmo acelerado das transformações tecnológicas, contribuindo para o desenvolvimento dos meios de comunicação e para a rápida disseminação de informações. Fator que possibilita

acesso ao conhecimento da população, mesmo em locais mais remotos do mundo, impulsionando um processo acelerado de internacionalização.

A globalização da ciência, cultura e das tecnologias exige dos estudantes universitários um nível de formação e conhecimento muito competitivo, nesse sentido, as universidades são orientadas para atender essa demanda, para preparar melhor os alunos. Segundo Stallivieri, as ações ampliam a missão da universidade, tornando-se uma instituição que não apenas produz e socializa o conhecimento científico, mas que atua para como um vetor de expansão, qualificação e manutenção de sua atividade principal.

Para Teichler (2004) a mobilidade estudantil é indispensável para ampliação dos conhecimentos, para a propagação de informação e internacionalização. Segundo ele, mobilidade é uma transmissão de conhecimento em uma ordem vertical, que consiste no deslocamento de informação a partir de lugares com níveis superiores para lugares de menor nível ou que apresenta falhas em determinadas áreas. Teichler reforça esse deslocamento de informação segundo uma visão análoga ao conceito de *brain circulation* (circulação de cérebros) dos autores de Baruffaldi e Landoni (2012), cujos conhecimentos adquiridos são levados pelos pesquisadores aos seus países de origem.

Para Nogueira (2008 apud MARTINEZ; STALLIVIERI; MAZON, 2016, p.3,) a mobilidade internacional é um fenômeno que atinge as camadas médias, os meios sociais mais beneficiados, como define a autora. O crescimento dos recursos internacionais são estratégias e as diferenciações que auxiliam as barreiras que os capitais econômicos e culturais estabelecem. Porém, a autora descreve um crescimento das trocas internacionais e mobilidade geográfica, intercâmbio que expandiu para uma maior população, além da elite. No entanto, a dimensão do projeto não pode ser homogênea, pelo mundo ser marcado pela desigualdade de condições nos diversos lugares ou nas posições que fazem parte da estrutura social de cada país.

Segundo Nogueira, encontramos várias maneiras de fazer mobilidade, como programas de intercâmbio para graduação e *high school*. Segundo a autora, houve uma maior quantidade de intercâmbios desde o ensino básico ao ensino superior, resultados dos acordos e projetos com parceiros internacionais, que oferece referências de vantagens da internacionalização dos estudos. Tornando possível uma espécie de internacionalização *in loco* pela disseminação de estabelecidos

ensinamentos internacionais, que oferecem ensino bilíngue, currículo internacional e em certos casos, diplomas internacionais.

3.1. CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

Stallivieri (2016) contextualiza a questão da mobilidade acadêmica internacional e o Programa Ciência Sem Fronteiras, descrevendo como uma das mais importantes iniciativas do governo brasileiro, relacionado com a educação superior, um importante projeto capaz de ampliar a inserção do Brasil, sendo um protagonista no cenário da educação internacional. Aveiro (2014) apresenta o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) que visa promover a consolidação, expansão e internalização da ciência e tecnologia, pela inovação e competitividade brasileira por meio da mobilidade e intercâmbio internacional.

O programa Ciência sem Fronteiras foi proposto oficialmente por Aloísio Mercadantes, ex-ministro da Casa Civil, da Educação e da Ciência, Tecnologia e Inovação, em 26 de julho de 2011, durante a 38ª Reunião Ordinária do Pleno do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), na presença da ex-presidenta da República, Dilma Rousseff (Aveiro, 2014, p.2).

O projeto é uma política do governo para preparação dos recursos humanos nas universidades estrangeiras, com o objetivo de promover a internalização da ciência e tecnologia nacional, para fomentar estudos na área de inovação e ampliar a competitividade nas empresas brasileiras (AVEIRO, 2014, p. 5 e 6 apud BRASIL, 2011b).

O programa incentiva para que estudantes da graduação e pós-graduação, cientistas, pesquisadores possam participar de períodos de intercâmbio no exterior. Visando principalmente a mobilidade internacional para estudantes da graduação, pós-graduação, de cursos técnicos, tecnológicos, docentes, pesquisadores e membros de empresas. O intercâmbio será para auxiliar no desenvolvimento de projetos conjuntos de pesquisa e para a formação das redes.

Aveiro, afirma que por ser uma experiência durante um período no exterior, seja de estudo ou pesquisa, poderá também auxiliar no desenvolvimento do empreendedorismo, da competitividade e da inovação no país. Dessa forma, o projeto visa a criação de oportunidades para uma cooperação entre grupos de pesquisa no Brasil e no exterior, e motivação para a formação dos estudantes e para a ampliação de projetos científicos entre brasileiros e estrangeiros, ao atrair pesquisadores

estrangeiros, será gerada uma mobilidade de apoio para que possam conhecer o país como visitante.

Projeto que favorece a internacionalização das universidades e dos centros de pesquisa brasileiros, que contribui para a visibilidade dessas instituições no exterior, promovendo competitividade entre empresas brasileiras e favorecendo os desenvolvimentos de pesquisas aplicadas, para as áreas de tecnologia, ciência e inovação no país.

O CsF busca incentivar o desenvolvimento acelerado tecnológico e da inovação no Brasil e visa promover uma relação próxima entre a universidade e o setor produtivo. A escolha por aderir a uma diversidade de áreas, deu-se pela insuficiência de profissionais nas áreas estratégicas que favorecem o crescimento do país. Tendo contato com setores produtivos e empresariais, para conquistarem investimentos para a formação de profissionais das engenharias e das ciências exatas (AVEIRO, 2014, p. 5 e 6 apud BRASIL, 2010).

O Ciência sem Fronteiras é um programa que pretende levar e trazer estudantes e acadêmicos para além das fronteiras, para que seja uma oportunidade de colocar o Brasil no radar de empresas e instituições estrangeiras, segundo a proposta (AVEIRO, 2014, p. 5 e 6 apud BRASIL, 2011b):

O programa de intercâmbio aqui proposto não pretende revolucionar o sistema educacional, mas pretende, isto sim, lançar experimentalmente a semente do que pode ser o início da transformação estratégica na formação de recursos humanos especializados e preparados para as necessidades do desenvolvimento nacional, ao expor estudantes brasileiros a um ambiente de alta competitividade e empreendedorismo. Nesta direção, a Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação tem o claro entendimento que programas integrados de internacionalização permitem a elevação de nossas universidades a padrões de classe internacional e propiciam o aumento de sua visibilidade e articulação em nível global qualificando a produção de conhecimento e a formação de pessoas, necessários ao desenvolvimento e a soberania nacional.

O programa também pretende contribuir para a correção das limitações acima indicadas, ao atrair pesquisadores de reconhecida liderança internacional interessados em desenvolver atividades profissionais no país, fortalecendo a capacidade técnico-científica e a formação de recursos humanos altamente qualificados por meio da interação com os cientistas atuantes no Brasil. Ênfase especial deverá ser concedida para promover o retorno e a permanência de cientistas brasileiros. Nesta vertente, o programa aumentará a interação de estudantes brasileiros, de vários níveis, com os cientistas participantes.

O projeto iniciou no segundo semestre de 2011, com auxílio de bolsas ofertadas pelo CAPES e CNPq, para que ampliasse as ações tradicionais das agências e para a negociação com novos parceiros e centros de excelência no

exterior. Os dois parceiros contribuíram para o lançamento das chamadas conjuntas para a seleção de candidatos para o programa, que reuniam apoios com as universidades para a procura dos melhores alunos, para a concessão das bolsas no exterior. Em abril de 2017, o MEC (Ministério da Educação) anunciou o encerramento definitivo do CsF para graduação.

4. MOBILIDADE CULTURAL

Segundo Tamião (2010, p.1) o intercâmbio estudantil, em crescimento na última década, pode ser visto como um fenômeno turístico. Se antes o sonho dos jovens era visitar a Disney, hoje é realizado um intercâmbio cultural, permitindo acesso e vivência em outra cultura. Embora antiga, a prática se tornou mais dinâmica, motivada pelo aprendizado de idiomas e pela troca cultural.

Na Roma Antiga, membros da nobreza viajavam à Grécia para aprofundar os estudos. Segundo Sebben (2007, p.28 apud TAMIÃO, 2010, p.2), professores gregos foram levados a Roma para fundar escolas e instituições, representando uma forma de intercâmbio cultural e educacional.

Após a queda do Império, novos centros culturais surgiram, na visão de Sebben, o momento envolveu a região do Cristianismo, que influenciava a educação por meio da palavra de Deus e pela criação de seminários, monastérios e educandários. Para alguns autores, a imigração e a internalização do ensino começaram na Idade Média, através da fundação das universidades na Europa (Sebben, 2007, p.28 apud Tamião, 2010, p.2).

A Educação Intercultural com origem na Europa, no pós-Guerra, com um documento da Unesco, “Declaração sobre raça e sobre preconceitos raciais”, de 1978, apresentando conceitos sobre educação intercultural.

Segundo a Declaração:

"Todos os povos e todos os grupos humanos, qualquer que seja a sua composição ou a sua origem étnica, contribuem conforme sua própria índole para o progresso das civilizações e das culturas, que, na sua pluralidade e em virtude de sua interpretação, constituem o patrimônio comum da humanidade"

"O processo de descolonização e outras transformações históricas conduziram a maioria dos povos precedentemente dominados a recuperar sua soberania, de modo a fazer com que a comunidade internacional seja *um conjunto universal e ao mesmo tempo diversificado*"

"O direito de todos os grupos humanos à identidade cultural e ao desenvolvimento da sua própria vida cultural no contexto nacional e internacional" (Fleuri, 1998, p. 18).

As viagens visavam conhecer novas culturas e expandir os conhecimentos, também englobava questões sociais e políticas. Para alguns autores, o intercâmbio cultural é preciso que o estudante se sinta tranquilo e esteja disposto a expandir o horizonte e vivenciar os aspectos históricos, sociais e culturais do lugar, no dia a dia, para sentir que faz parte do ambiente que vive. O intercâmbio estudantil é

impulsionado pela vontade dos alunos de aprimorar conhecimentos, atividades profissionais e vivenciar novas culturas. Essa experiência enriquece o currículo, facilitando o ingresso no mercado de trabalho (Tamião, 2010, p.5).

O intercâmbio estudantil cultural desenvolveu-se muito com o passar do tempo, jovens e adolescentes passaram a sonhar com a mobilidade. Com o avanço do intercâmbio, é possível analisar o aprimoramento e a expansão do mercado de trabalho, com empresas especializadas para cada público, além de possibilitar uma vantagem no currículo.

Silveira (VIEIRA, In Fleuri, 2001, p.119 apud SILVEIRA 2008, p.23) trata da educação intercultural como uma proposta pedagógica que promove relações de cooperação entre sujeitos e culturas diferentes, para que a identidade seja preservada, de forma não etnocêntrica, visando a troca de enriquecimento mútuo.

O autor ainda cita, Andréa Sebben uma das principais autoras que trata sobre o intercâmbio cultural, como um relacionamento entre diferentes povos. Segundo a autora, quando uma pessoa trabalha, estuda ou vive em um outro país, essa pessoa está fazendo intercâmbio.

Na obra “Intercâmbio Cultural – para entender e se apaixonar”, Silveira (2008, p. 26) descreve como a psicóloga compila nos estudos e publicações, juntamente com partes da dissertação do mestrado, para tratar sobre o histórico dos intercâmbios culturais e apresentar conceitos essenciais, como Intercâmbio Cultural, intercambista, cidadão do mundo e stress aculturativo. Uma única obra que é encontrada nos conceitos e pela sua relevância, o livro tornou-se uma bibliografia fundamental para trabalhos que buscam tratar sobre a temática, oferecendo conceitos-chave para compreender a dinâmica de um intercâmbio.

Para a psicóloga, a educação intercultural é informal e não convencional, que vai além da sala de aula. Ela possui uma ideia central da temática, que vai além dos estudos, acontece uma mudança da pessoa que realiza intercâmbio. Ela define intercambista como o indivíduo que participa de uma experiência intercultural, independente dos motivos, mas que tenha como objetivo, a convivência em uma cultura estrangeira.

Quando ouço chamarem um intercambista de estudante, me dá a impressão que estão desconsiderando um aspecto fundamental do intercâmbio: a intercultural. Porque estudante ele é aqui também, correto? Porém, no intercâmbio ele é mergulhado numa complexa rede de relacionamentos com as mais diversas implicações sociais, psicológicas, políticas e, claro, culturais! Portanto, em nome de um certo rigor científico,

vamos chamá-los daqui por diante de intercambistas (SEBBEN, 2007, p.55 apud VIEIRA, 2008, p. 26).

O intercâmbio cultural promove mudanças nos estudantes de forma pessoal e profissional, e para o desenvolvimento humano, além de estar relacionada à educação intercultural, os intercambistas auxiliam para uma educação baseada em valores. Ainda sobre a psicóloga Sebben (2007, p. 37 apud SILVEIRA, 2008, p. 27) os intercambistas durante a mobilidade ampliam valores da solidariedade, ética, cidadania, melhora a relação familiar, ajudam a desenvolver um perfil mais competente e competitivo para o mercado de trabalho, contribuindo para a promoção de uma cultura de paz. Isso transforma o intercambista em um cidadão global, alguém capaz de viver em harmonia tanto em sua cultura quanto em qualquer outra.

As mobilidades acadêmicas e culturais permitem aos estudantes vivenciar outras realidades e, muitas vezes, criar laços que despertam o desejo de permanecer no exterior. Saindo desse recorte, voltamos o olhar para a imigração feminina internacional, um fenômeno em crescimento. Cada vez mais mulheres migram de forma autônoma, movidas por aspirações profissionais, segurança, qualidade de vida ou desejo de independência. Essa mudança revela um novo protagonismo feminino nos fluxos migratórios, muitas já não migram apenas por vínculos familiares, mas por decisão própria.

5. IMIGRAÇÃO INTERNACIONAL FEMININA

No estudo de Aurélie Leroy (2023) para o Centro Tricontinental (CETRI), anteriormente conhecido como Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, atua como elo entre a produção acadêmica e os movimentos sociais populares, promovendo pensamento crítico e pesquisas com perspectiva emancipatória em favor das aspirações dos povos, texto traduzido por Maurício Ayer.

O cruzamento entre gênero e migração tornou-se central nas ciências sociais por evidenciar como o gênero influencia todas as etapas do processo migratório, indo além da presença quantitativa das mulheres nos fluxos globais para destacar as desigualdades estruturais que moldam suas experiências. Como destaca o autor, o gênero estrutura relações sociais desiguais e interage com categorias como classe, raça, idade e sexualidade, influenciando desde os motivos da partida até as políticas de integração e inserção no mercado de trabalho, afetando de formas distintas homens e mulheres.

Na vasta produção acadêmica sobre o tema, a expressão “feminização da migração” tornou-se comum nos anos 1990, sendo amplamente adotada por meios de comunicação e lideranças políticas. No entanto, essa noção passou a ser questionada por carregar múltiplos significados e por transmitir simplificações que distorcem a realidade. Desde sua origem, o termo sugeria a emergência de um novo fenômeno marcado pelo crescimento expressivo da presença feminina nos fluxos migratórios globais. Leroy (2023) destaca, com base em Avril e Cartier (2019), que embora o número de mulheres migrantes tenha de fato dobrado entre 1960 e 2015, o mesmo ocorreu com o número de migrantes homens e com a população mundial como um todo.

As migrações femininas, portanto, não constituem um bloco homogêneo. Pelo contrário, são dinâmicas, complexas e se desenvolvem de maneira não linear, como defendem Christou e Kofman (2022 apud LEROY, 2023). Em oposição à ideia de uma “feminização global” da migração, Tittensor e Mansouri (2017 apud LEROY, 2023) propõem o conceito de “bolsões de feminização”, indicando que a presença crescente de mulheres ocorre de maneira localizada e contextual, variando de acordo com os fluxos migratórios e os destinos específicos.

Embora algumas mudanças quantitativas possam ser observadas nos padrões migratórios femininos, são as transformações qualitativas que mais chamam a

atenção. Essas mudanças dizem respeito à natureza dos empregos ocupados pelas mulheres migrantes, à reconfiguração das relações familiares transnacionais, à visibilidade política da mulher migrante e às estratégias de resistência diante da dupla vulnerabilidade: como migrantes e como mulheres.

Segundo Maria José Magliano (2007 apud BERTOLDO, 2018) o aumento do número de mulheres nos fluxos migratórios internacionais, aliado à ampliação de sua visibilidade, especialmente por meio dos estudos de gênero, permitiu a superação do anonimato dessas sujeitas, posicionando-as como protagonistas nos processos migratórios contemporâneos. Nessa perspectiva, a autora argumenta que os movimentos migratórios são profundamente atravessados pelas relações de gênero, entendidas como estruturas sociais que interagem com outros marcadores, como classe social e etnia, moldando as experiências migratórias de forma complexa e interseccional.

A crescente feminização das migrações internacionais levanta novas questões políticas e sociais, sobretudo ao evidenciar como as desigualdades de gênero e raça afetam os percursos migratórios e a inserção das mulheres no mercado de trabalho. Muitas dessas mulheres encontram oportunidades principalmente no setor assistencial e de cuidados, ocupando funções tradicionalmente associadas ao trabalho feminino e, frequentemente, marcadas pela precarização.

Diversos fatores têm impulsionado a mobilidade humana global nas últimas décadas, como o aumento das desigualdades entre países, transformações demográficas e conflitos internos. Segundo dados do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas (2025), em 2024 o número de migrantes internacionais alcançou 304 milhões, quase o dobro em comparação com 1990, quando o total era de 154 milhões. Apesar desse crescimento expressivo em termos absolutos, a proporção de migrantes internacionais em relação à população mundial ainda é modesta, representando 3,7% em 2024, contra 2,9% em 1990.

Em 2024, a Europa consolidou-se como o principal destino de migrantes internacionais, acolhendo aproximadamente 94 milhões de pessoas, o maior número registrado entre todas as regiões globais. A América do Norte ocupou a segunda posição, com um total de 61 milhões de migrantes, enquanto a região do Norte da África e Ásia Ocidental apareceu em terceiro lugar, com 54 milhões de migrantes internacionais.

Em relação ao trabalho, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) estimou, em 2019, que havia 169 milhões de trabalhadores migrantes internacionais, dos quais 70 milhões eram mulheres, o que corresponde a 41,5% do total. Embora esse número represente um crescimento em relação a anos anteriores (66,6 milhões em 2013 e 68,1 milhões em 2017), o ritmo desse aumento foi inferior ao observado entre os homens, mantendo a sub-representação feminina entre os trabalhadores migrantes. No mesmo ano, havia 117 milhões de mulheres migrantes em idade ativa (15 anos ou mais), mas apenas 59,8% delas estavam inseridas no mercado de trabalho, taxa consideravelmente inferior à dos homens migrantes, cuja participação foi de 77,5%.

A menor presença feminina na força de trabalho migrante pode ser explicada por múltiplos fatores, muitas mulheres migram com o objetivo de acompanhar familiares, e não necessariamente para trabalhar. Além disso, enfrentam obstáculos estruturais à inserção profissional, como a discriminação de gênero, a ausência de redes de apoio em contextos estrangeiros e as dificuldades de conciliação entre vida profissional e responsabilidades familiares. Esses elementos contribuem para restringir os benefícios potenciais da migração para as mulheres, limitando sua plena participação no trabalho remunerado e aprofundando as desigualdades de gênero em contextos internacionais.

De acordo com Maria José Magliano (2007 apud BERTOLDO, 2018), o aumento expressivo do fluxo de mulheres migrantes, especialmente no setor do trabalho doméstico, demanda uma reflexão aprofundada acerca das múltiplas vulnerabilidades que atravessam essas sujeitas ao aderirem a projetos migratórios. A compreensão da realidade migratória contemporânea exige, portanto, uma análise crítica da relação entre o sujeito migrante e a lógica político-jurídica do Estado-Nação.

A dinâmica das migrações contemporâneas evidencia a forma perversa pela qual as mulheres têm sido inseridas na engrenagem da economia global. Tal inserção está fortemente vinculada ao fenômeno da feminização da pobreza e à apropriação utilitária da força de trabalho feminina por parte do mercado. De um lado, observa-se a atuação de agências e redes que lucram bilhões com o comércio da força de trabalho de mulheres, seja por meio da exploração sexual em redes internacionais de prostituição, seja através do tráfico de migrantes destinadas a empregos precários, notadamente no setor doméstico.

Além das desigualdades estruturais relacionadas ao gênero, as mulheres migrantes enfrentam vulnerabilidades adicionais decorrentes de sua condição de estrangeiras. No interior do modelo político-jurídico do Estado-Nação, essas mulheres são frequentemente classificadas como “não nacionais”, ocupando uma posição de subalternidade que as exclui, tanto simbolicamente quanto juridicamente, da cidadania plena. Conforme aponta Redin (2013 apud BERTOLDO, 2018), o migrante é reduzido à condição de “vida nua”, expressão que representa sua existência destituída de direitos e de legitimidade no espaço público, onde sua voz e sua ação carecem de eficácia.

Esse quadro revela que os fluxos migratórios atuais são atravessados por múltiplas camadas de vulnerabilidade. A negação dos direitos humanos fundamentais às mulheres migrantes ocorre na medida em que suas experiências e demandas são desconsideradas pelas estruturas institucionais, sua presença no território estatal nunca é inteiramente reconhecida, seja no âmbito político, jurídico ou simbólico. Essa invisibilidade reforça a marginalização dessas mulheres, aprofundando as desigualdades que permeiam seus percursos migratórios e consolidando sua condição de precariedade diante das engrenagens do sistema global.

A imigração internacional feminina é um fenômeno crescente que ainda recebe pouca atenção da mídia, com fluxos migratórios em constante mudança, motivados por fatores sociais, econômicos e políticos, o tema exige maior aprofundamento jornalístico. O jornalismo, como instrumento de comunicação e construção de conhecimento, tem potencial para dar visibilidade a essas trajetórias. Ao abordar a imigração sob a perspectiva das mulheres, é possível revelar tanto os desafios enfrentados quanto a riqueza das experiências vividas. A mídia pode, assim, contribuir para informar diversos públicos e ampliar o debate sobre realidades frequentemente invisibilizadas.

6. JORNALISMO

Segundo Meditsch (1997) a questão do jornalismo como forma de conhecimento é complexa e admite diversas interpretações. A primeira considera o conhecimento como um ideal abstrato, usado como parâmetro para julgar todo o saber humano.

Na era moderna, os avanços técnicos e o domínio da natureza concretizaram o ideal positivista, que exaltava a ciência como única fonte legítima de conhecimento, com o método científico como padrão absoluto. Nesse contexto, formas de saber que fugiam desse modelo, como o jornalismo, foram desvalorizadas, vistas como imperfeitas e ilegítimas, sendo associadas à degradação do conhecimento.

A segunda abordagem considera o jornalismo uma ciência menor, mas não totalmente inútil, autor inspirado pelo pragmatismo de William James e Robert Park, em 1940, propôs que o jornalismo fosse entendido por suas características próprias como forma de conhecimento (MEDITSCH, 1997, p. 3).

James distinguia dois tipos de conhecimento: o prático, usado no cotidiano "conhecimento de", e o sistemático e analítico, típico das ciências "conhecimento sobre". Park situou o jornalismo em um nível intermediário, destacando a notícia como uma forma de conhecimento que combina elementos dessas duas categorias.

Para Meditsch (1997) a terceira abordagem do jornalismo como conhecimento destaca suas características únicas e originais, em vez de compará-lo à Ciência ou à História. Embora jornalistas frequentemente surgiram gradações baseadas na profundidade ou na rapidez da produção, essas comparações são consideradas insuficientes para definir a especificidade do jornalismo. Essa visão enfatiza que o jornalismo não é inferior nem revela menos a realidade; ele a revela de forma diferente, trazendo à tona aspectos que outros modos de conhecimento não conseguem captar.

Segundo Meditsch, Robert Park (1940) segue a tradição do pragmatismo, utilizando a distinção entre "conhecimento de", sintético e intuitivo, e "conhecimento sobre", sistemático e analítico para observar que o jornalismo desempenha para o público um papel semelhante ao da percepção para os indivíduos.

O jornalismo opera no campo lógico da realidade dominante, o que lhe confere fragilidade e força. É frágil como método analítico, por depender de noções pré-teóricas para representar a realidade, mas é forte ao conectar-se ao senso comum,

que orienta o público, incluindo cientistas e filósofos fora de seus campos específicos. Assim, o conhecimento jornalístico é menos rigoroso que o científico, mas também menos artificial e esotérico.

O senso comum, porém, não é inteiramente democrático, pois o conhecimento é socialmente distribuído, tanto em quantidade (alguns sabem mais) quanto em qualidade (sabem coisas diferentes). Cada campo de conhecimento possui um público específico, e essa dinâmica diferencia o Jornalismo das ciências em termos de auditórios e campos lógicos (MEDITSCH, 1997, p.7).

Meditich, destaca que os meios de comunicação possuem grande poder social, mas é difícil determinar se atuam de forma autônoma ou como instrumentos de outros poderes. Muitos problemas atribuídos ao jornalismo têm causas mais profundas, como a manipulação democrática, desigualdades sociais e a propagação de preconceitos, que não são criações do jornalismo, mas reflexos da sociedade em que está inserido.

Sendo complexo medir os efeitos do jornalismo no ambiente cognitivo, pois as pessoas têm múltiplos pontos de contato com a realidade, além dos media. Redes de informação externas e experiências cotidianas ajudam a formar critérios de discernimento independentes.

Para Spenthof (2015) o jornalismo é uma prática social que abrange duas dimensões principais, interligadas dialeticamente: a público-social e o privado-instrumental. A dimensão público-social reflete valores compartilhados com a sociedade, permitindo ao jornalismo cumprir um papel de serviço público, fornecendo informações factuais, plurais, verdadeiras e de interesse coletivo. Já a dimensão privado-instrumental representa o uso do jornalismo para fins econômicos e de poder.

Desde a modernidade, a comunicação humana ocorre em dois níveis principais: interpessoal e social (ou de massa). A comunicação interpessoal é direta, caracterizada pela proximidade, interação e imediaticidade, enquanto a comunicação social é pública, massiva e marcada pelo distanciamento e pela mediação. Esta última é mediada por tecnologias de ampla difusão e profissionais especializados, extrapolando o plano individual para atingir grandes escalas. Abrange diversos meios, como jornal, rádio, TV, cinema e internet, e engloba formatos variados, como jornalismo, publicidade, entretenimento e comunicação institucional (SPENTHOF, 2015, p.24).

Com o surgimento da internet, o jornalismo tem enfrentado mudanças tanto no aspecto real quanto na reflexão sobre essas transformações. Essas mudanças não são atribuídas apenas à nova tecnologia, mas também a fatores socioeconômicos. Desde os anos 1990, alguns estudos preveem o fim do jornalismo tradicional, especialmente o modelo industrial do século XIX. Independentemente de aceitar essa hipótese, muitos acreditam que as mudanças atuais são estruturais e não apenas conjunturais, ou seja, de impacto profundo e duradouro, em oposição a adaptações temporárias (SPENTHOF, 2015, p. 169).

Spenthof, faz uma classificação das estruturas no jornalismo, assim como a dos gêneros, depende do foco da análise, mas não pode ser arbitrária, devendo sempre se manter conectada ao núcleo do objeto. O conceito de "totalidade" também é relativo ao que se considera na análise, e ao falar da estrutura do jornalismo, é necessário determinar seu escopo e os critérios para identificar os aspectos estruturais. Embora seja possível listar vários fatores que moldam o jornalismo ao longo da história, é possível optar por outras abordagens para definir a totalidade a ser analisada.

O autor ainda destaca que a informação no jornalismo não é apenas estrutural, mas também estruturante, pois representa o conhecimento sobre a realidade tratada como coisa pública. Para ser eficaz, ela deve ser atual, verdadeira, de interesse público, plural e impessoal, garantindo um equilíbrio democrático e imparcialidade. Deve ser objetiva, focando nos fatos e opiniões sobre eles, sem se misturar com a opinião do jornalista, publicidade ou outros conteúdos que possam comprometer a clareza dos fatos.

6.1. GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Segundo Medina (2001), na Grécia antiga, Platão inicialmente dividiu os gêneros literários em duas categorias: o gênero sério, que abrangia a tragédia e a epopeia, e o gênero burlesco, composto pela comédia e a sátira. Mais tarde, ele reformulou essa classificação, introduzindo três modalidades com base no conceito de mimesis (imitação): o gênero mimético ou dramático, representado pela tragédia e comédia; o gênero expositivo ou narrativo, que incluía a poesia lírica e outras formas narrativas; e o gênero misto, exemplificado pela epopeia.

Essa proposta consolidou os alicerces da tripartição dos gêneros literários. Platão foi pioneiro no estudo dos gêneros literários e afirmou que todos os textos

literários narram acontecimentos. Ele também abordou a mistura de gêneros, classificando-os como mistos em sua divisão triádica, que combina os gêneros mimético ou dramático e expositivo ou narrativo.

Segundo o autor, os gêneros jornalísticos têm a função de orientar os leitores, ajudando-os a identificar formas e conteúdos nos jornais e estabelecendo um diálogo entre o veículo e o público, que influencia as mudanças nos formatos e abordagens. Eles também refletem intenções específicas, como informar, opinar, interpretar ou entreter, sendo definidos pelo estilo do jornalista ao relatar acontecimentos.

Nos jornais brasileiros, os gêneros são geralmente classificados em quatro grupos principais: informativo, que relata os fatos de forma objetiva; interpretativo, que contextualiza e analisa os fatos; opinativo, que apresenta pontos de vista; e entretenimento, que busca distrair o leitor. Essa divisão facilita a compreensão de como os fatos são tratados, ajudando os leitores a interpretar corretamente o conteúdo, como editoriais, artigos ou crônicas, que trazem opiniões explícitas (MEDINA, 2001).

Além disso, os jornais não apenas informam, mas também prestam serviços, veiculam publicidade e cumprem outras funções. Esse panorama ressalta a necessidade de reavaliar e reorganizar os gêneros jornalísticos para refletir suas múltiplas utilidades e atender às demandas dos leitores.

Medina destaca que a classificação dos gêneros jornalísticos atende às demandas dos leitores e à estrutura das empresas jornalísticas, sendo relevante lembrar que, até recentemente, o jornalismo era considerado um gênero literário. Contudo, é preciso repensar o conceito de gênero interpretativo, frequentemente associado ao aprofundamento das notícias, já que interpretar também significa opinar, dado que os textos refletem pontos de vista e podem conter elementos de manipulação. Como afirma Fiorin (2000, p. 52 apud MEDINA, 2001, p.51), “a finalidade última de todo ato de comunicação não é informar, mas é de persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. Por isso, o ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação com vistas a fazer o enunciatário crer naquilo que se transmite”.

Para Francisco de Assis e José Marques de Melo (2016), o jornalismo é uma categoria da Comunicação Periódica inserida no campo da Comunicação Massiva. Ele se organiza em gêneros (classes), que se manifestam em formatos (formas) e se desdobram em tipos (espécies). Por exemplo, o gênero informativo inclui o formato

reportagem, que pode ser desenvolvido no tipo grande reportagem. A escolha do tipo pode depender de fatores como o tratamento do acontecimento, decisões autorais ou institucionais e até padronizações do suporte midiático.

Esse modelo ressalta que o jornalismo é, antes de tudo, uma atividade comunicacional. Nesse contexto, o gênero jornalístico é definido como uma classe de unidades da comunicação massiva periódica, responsável por agrupar formas e tipos de transmissão e recuperação de informações atuais, utilizando suportes mecânicos ou eletrônicos para alcançar audiências amplas e dispersas (Melo; Assis, 2016).

6.1.1. Entrevista

Segundo Caputo (2006), muitos estudantes se sentem angustiados com a organização, a abordagem ao entrevistado, o momento da entrevista e sua edição. Ainda a autora, possui dúvidas sobre o que é de fato, uma entrevista, mesmo reunindo diversas definições, apresenta dificuldade em fixar um significado claro.

Ela buscou referências de jornalistas e pesquisadores que tentaram definir o "conceito" de entrevista. Concordando com demais autores, pois cada um, tenta cercar esse significado. Sentindo que a palavra escapa, como se algumas ideias fossem naturalmente indomáveis e resistissem a qualquer tentativa de aprisionamento.

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpretação informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano (MEDINA, 2002, p. 8 apud CAPUTO, 2006, p.20).

Caputo ao citar Medina, trata que caso a entrevista seja vista como uma técnica eficiente para obter respostas pré-definidas por um questionário, ela não cumprirá o papel de promover a comunicação entre as pessoas. Segundo Medina, a comunicação verdadeira só acontece quando a entrevista abre espaço para o diálogo autêntico, que transforma tanto o entrevistado quanto o entrevistador, deixando ambos modificados pelo encontro.

Para Caputo, a entrevista é uma forma de aproximação que o jornalista, pesquisador ou outro profissional realiza com uma determinada realidade. Essa abordagem é conduzida a partir de um tema específico e moldada pelo olhar único

do entrevistador, que utiliza perguntas direcionadas como principal instrumento para dialogar com um ou mais indivíduos.

No jornalismo, receber pautas é parte fascinante da profissão, o jornalista chega à redação sem saber o que o chefe de reportagem preparou e, no mesmo dia, pode realizar duas ou três pautas distintas. Essa dinâmica reflete a "construção receptiva" das entrevistas e matérias, onde temas, fontes e pesquisas são indicados por editores ou colegas. No entanto, para produzir boas entrevistas e reportagens, é essencial que o jornalista, ao receber a pauta, assuma uma "construção ativa", superando a passividade e enriquecendo o trabalho com sua própria iniciativa e olhar crítico (Caputo, 2006).

Para a autora, a construção ativa de uma entrevista ou matéria começa com o jornalista refletindo sobre o que considera importante escrever, questionando-se sobre o que o incomoda ou uma aflição na realidade. Essa atitude não surge espontaneamente, mas é construída socialmente, através de escolhas ideológicas. Assim como um advogado escolhe um lado com base em suas convicções, o jornalista também é moldado por suas construções ideológicas, que influenciam sua abordagem e percepção da realidade. A neutralidade, portanto, não existe, pois todos escrevem a partir de seu ponto de vista, em meio às contradições e tensões da sociedade.

Para Oliveira (2024) as entrevistas são amplamente utilizadas em pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais, sendo um gênero discursivo acadêmico complexo, pois serve tanto como ferramenta quanto objeto de pesquisa. Além da interação, é desafiador formular perguntas adequadas ao objeto de estudo e à participação do entrevistado, considerando a especificidade de cada um. O trabalho de reunir as respostas para uma análise aprofundada dos dados gerados por essas interações exige grande esforço dos pesquisadores.

As entrevistas sociolinguísticas são amplamente utilizadas para coleta de dados em estudos de variação e mudança linguística em comunidades de fala e redes sociais, especialmente no Brasil. Vários autores têm investigado as potencialidades e limitações desse gênero discursivo sob diferentes perspectivas (Oliveira, 2024, p.3).

6.2. JORNALISMO OPNATIVO

Para Francisco de Assis e José Marques de Melo (2016), a compreensão dos diferentes formatos jornalísticos exige mais do que análises textuais, é necessário

explorar a prática, incluindo processos, bastidores e antecedentes. Somente assim é possível interpretar corretamente as formas de expressão jornalística, evitando julgamentos superficiais baseados apenas na entonação ou intenção aparente do texto.

No gênero opinativo, as diferenças externas entre editorial, artigo e comentário são sutis, o editorial destaca-se por não ser assinado, refletindo o posicionamento institucional do veículo. Já o artigo e o comentário, ambos textos assinados, expõem pontos de vista, mas possuem distinções. O artigo, geralmente elaborado por um especialista, aborda temas controversos com base em seu repertório. O comentário, por sua vez, é produzido por um jornalista experiente, que analisa um evento relacionado a matérias informativas da mesma edição, contextualizando com fatos anteriores e projetando possíveis desdobramentos (Melo; Assis, 2016).

A evolução dos gêneros jornalísticos reflete a resposta às demandas sociais ao longo da história. Os gêneros hegemônicos, o informativo, surgido no século XVII, e o opinativo, no século XVIII, foram seguidos pelos gêneros complementares: interpretativo, diversional e utilitário, que se consolidaram no século XX (MARQUES DE MELO, 2010 apud MELO; ASSIS, 2016). Esses avanços estão frequentemente ligados a momentos históricos marcantes, como períodos de crise ou transformações significativas (ASSIS, 2010 apud MELO; ASSIS, 2016). Assim, jornalismo e sociedade evoluem de forma concomitante.

Para McQuail (2003, p.340 apud MELO; ASSIS, 2016, p. 47), formatos são “sub-rotinas para lidar com temas específicos dentro de um gênero”. Estariam, dessa maneira, condicionados às situações em que deles são feitos usos. Assim, o formato minissérie atende à finalidade da teledramaturgia de entreter, enquanto o formato artigo, no jornalismo, reflete a função do gênero opinativo de avaliar acontecimentos.

Para Melo (2003) jornalismo opinativo é uma obra que se destaca pela maturidade, consolidando-se como uma das pioneiras no estudo científico dos gêneros jornalísticos no Brasil, ela estabelece um modelo acadêmico de análise e investigação na área.

O enfoque está no jornalismo opinativo enquanto categoria, um campo onde a subjetividade se manifesta de maneira mais intensa. Diferentemente do jornalismo informativo, voltado ao registro do que é palpável e comparável, o jornalismo opinativo explora os aspectos subjetivos. As formas e os gêneros, neste contexto, não apenas

moldam o discurso, mas também o protegem, ocultando ideologias e especificidades estruturais subjacentes.

6.2.1. Crônica

De acordo com Lopes (2010) a crônica, um gênero histórico europeu da Idade Média e Renascimento, começou a surgir em Portugal no século XII, quando a prosa portuguesa, ainda rudimentar, começou a tomar forma como instrumento literário. Segundo Hêrnani Cidade e Carlos Selvagem (1967 apud LOPES, 2010), no período de D. Dinis, no final do século XII, a prosa consolidou-se como expressão literária, destacando-se os “cronicões” como as primeiras fontes da historiografia nacional, esses registros, desprovidos de continuidade, eram escritos por iniciativa oficial ou particular.

A crônica, um gênero misto entre literatura e jornalismo, combina elementos literários com características jornalísticas, sendo publicada em jornais e dirigida a um público-alvo específico. Embora sujeita a limitações como ideologia editorial, estratégias comerciais e economia de espaço, destaca-se como uma manifestação literária no jornal e uma forma jornalística dentro da literatura. Ao narrar factos reais ou ficcionais e alternar entre subjetividade e relato, a crônica agrega qualidade às páginas dos jornais, promovendo apreciação crítica e reflexão (Lopes, 2010).

Em 1827, foram publicados *O Cronista*, um semanário de política, literatura, ciência e artes, e *O Português*, diário onde Almeida Garrett escreveu a *Crônica da Semana*. Mais tarde, em 1867, Eça de Queirós (1845-1900), escritor e diplomata português, contribuiu com uma notável “crónica sobre a crónica” no Distrito de Évora (apud LOPES, 2010, p. 4 e 5).

“A crónica é como que a conversa íntima, insolente, desleixada, do jornal com os que o lêem: conta mil coisas, sem sistema, sem nexos; espalha-se livremente pela natureza, pela vida, pela literatura, pela cidade; fala das festas, dos bailes, dos teatros, das ondas, dos enfeites; fala em tudo, baixinho, como se faz ao serão, ao braseiro, ou ainda de Verão, no campo, quando o ar está triste. Ela sabe anedotas, segredos, histórias de amores, crimes terríveis; espreita porque não lhe fica mal espreitar. Olha para tudo, umas vezes melancolicamente, como faz a lua, e outras vezes alegre e robustamente, como faz o sol; a crónica tem uma doçura jovial, tem um estouvamento delicioso: confunde tudo, tristezas e facécias, enterros e actores ambulantes, um poema moderno e o pé da imperatriz da China; ela conta tudo o que pode interessar pelo espírito, pela beleza, pela mocidade; ela não tem opiniões, não sabe do resto do jornal; está aqui, nas suas colunas, cantando, rindo, falando; não tem a voz grossa da política, nem a voz indolente do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que conta aos seus amigos tudo o que andou ouvindo, perguntando, esmiuçando.

A crônica é como estes rapazes que não têm morada sua e que vivem no quarto de seus amigos, que entram com um cheiro de primavera, alegres, folgazões, dançando, que nos abraçam, que nos empurram, que nos falam de tudo, que se apropriam do nosso papel, do nosso colarinho, da nossa navalha de barba, que nos maçam, que nos fatigam mesmo e, quando se vão embora, nos deixam cheios de saudade” (Eça de Queirós in Distrito de Évora, N.º 1, 6 de Janeiro de 1867).

O cronista expressa abertamente sua subjetividade e desenvolve suas opiniões de forma pessoal e livre, a crônica destaca-se pelas liberdades de forma e conteúdo, permitindo narrativas repletas de adjetivos, figuras de estilo, jogos linguísticos e ambiguidades. A crônica jornalística foca-se em acontecimentos atuais, enquanto a literária desfruta de maior liberdade temática. Embora publicada em jornais, a crônica literária diferencia-se das notícias ou reportagens por não possuir um caráter efêmero ou transitório. Como texto conotativo, aproxima-se da literatura, distanciando-se do texto jornalístico, que é, por natureza, referencial e denotativo (Lopes, 2010).

Segundo o autor cubano Vigil (2006, apud REBOUÇAS e PATROCÍNIO, 2017) que observou um período em que os jornais eram dominados pelo formato da crônica. Contudo, com o advento do telégrafo, a estrutura das notícias passou por uma transformação significativa, priorizando a novidade em vez de seguir uma ordem cronológica. Embora Vigil destaque que o gênero crônica é pouco explorado no rádio, Lopez (2010) ressalta que esse meio de comunicação é essencialmente dialogal e oral, caracterizado pela predominância de gêneros informativos e opinativos.

A verdade é que não se cultiva muito esse formato nas emissoras. Mais que isso, nem se sabe exatamente em que consiste. Tenho folheado muitos livros e manuais de radiodifusão nos quais nem sequer é mencionada, como se a crônica ficasse reservada aos jornais e as revistas, ou perdida na pré-história jornalística (VIGIL, 2006 apud REBOUÇAS; PATROCÍNIO, 2010).

Cavalheiro (2020) destaca que atualmente, o uso da crônica abrange significados antigos e modernos, especialmente no campo jornalístico desde o século XIX, evidenciando ambiguidades que desafiam a definição de gênero e demandam reflexão teórica. Nos estudos linguísticos e literários, há duas tendências principais sobre o conceito de gênero. Uma, baseada nos formalistas como Vladimir Propp (1895-1970), acadêmico estruturalista russo, foca na estrutura intrínseca dos textos e propriedades formais do discurso, distanciando-se do conteúdo temático.

Segundo o autor, a noção de "crônica" varia entre culturas jornalísticas. No inglês, derivado do francês no século XIV, *chronicle* remete ao registro ou descrição

de eventos, históricos ou recentes, mas não designa um gênero específico no jornalismo anglo-americano, nem há um equivalente direto ao conceito de crônica praticado em outros contextos.

Já no jornalismo francês, a *chronique* (crônica) emerge no século XIX como uma seção distinta, ligada ao comentário sobre a atualidade e à expressão de opiniões. Inserida em uma imprensa com forte relação com os campos literário e político, a *chronique* é caracterizada como uma rubrica regular e assinada, frequentemente por intelectuais ou jornalistas renomados, valorizando um estilo pessoal e livre. Embora possa ser considerada um gênero opinativo, semelhante às colunas de *comment* na imprensa anglo-americana, a *chronique* possui especificidades culturais que a tornam única no contexto francês (Cavalheiro, 2020).

6.2. JORNALISMO LITERÁRIO

As origens do jornalismo são motivo de debate entre pesquisadores, alguns defendem que ele remonta à primeira comunicação humana, ainda na pré-história. Outros, porém, situam seu início bem mais tarde, entre os séculos XVIII e XIX, quando já surgem as características que o definem em sua forma moderna.

No livro *Teoria do Jornalismo* (Pena, 2005) destaca que a natureza do jornalismo está no medo, o medo do desconhecido, que impulsiona o ser humano a buscar justamente o oposto: o conhecimento. Dessa forma, ele sente que pode gerir sua vida de forma estável e coerente, com segurança para enfrentar o cotidiano, geralmente hostil. Para isso, é necessário ultrapassar limites, superar obstáculos e ousar.

Sousa (2002) trata que a teoria do jornalismo deve partir do reconhecimento de que as notícias jornalísticas existem e produzem efeitos. Assim, essa teoria deve concentrar-se no produto jornalístico, a notícia, buscando compreender como ela é gerada, como se dissemina e quais são seus impactos. Em essência, a teoria do jornalismo deve se constituir como uma teoria da notícia, respondendo a duas questões fundamentais: o por que das notícias têm a forma que possuem? e por que recebemos as notícias que recebemos (circulação)?

Pesquisas na área de estudos jornalísticos (SHOEMAKER e REESE, 1996; SCHUDSON, 1988 apud SOUSA, 2002) destacam que as notícias resultam de uma interação histórica e contemporânea entre fatores pessoais, sociais (organizacionais e interorganizacionais), ideológicos, culturais, históricos, físicos e tecnológicos, que

influenciam sua produção e disseminação e as notícias exercem efeitos cognitivos, afetivos e comportamentais, impactando não apenas indivíduos, mas também sociedades, culturas e civilizações como um todo.

O conceito de jornalismo literário é amplo e significa expandir os recursos do jornalismo, ir além dos eventos cotidianos, oferecendo uma visão ampla da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper com as amarras burocráticas do lead, evitar a influência dos definidores primários e, acima de tudo, assegurar profundidade e durabilidade aos relatos.

Pena (2006, p.6) denomina-se como estrela de sete pontas, diferentes itens imprescindíveis, que formam um conjunto harmônico e místico. O jornalismo literário expande as técnicas tradicionais do jornalismo, sem ignorar seus princípios fundamentais, para criar estratégias inovadoras e narrativas mais ricas. Ele ultrapassa os limites do cotidiano ao romper com a pressa da atualidade e da periodicidade, permitindo um aprofundamento maior, com a liberdade de explorar diferentes perspectivas e contextualizações amplas. A abordagem vai além da estrutura objetiva do lead (O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?), buscando uma narrativa mais envolvente que favoreça uma compreensão ampla da realidade.

Outro aspecto central é o compromisso com o exercício da cidadania, em que o jornalista deve escolher temas que contribuam para o bem comum e a solidariedade, agindo com responsabilidade social. O jornalismo literário também desafia a dependência de fontes oficiais, incentivando a inclusão de vozes diversas e anônimas. Valoriza a perenidade das obras, criando narrativas que resistem ao tempo e influenciam o imaginário coletivo, reconhecendo a complexidade e interconectividade da realidade.

Segundo Pena (2006, p. 8) a busca pela permanência na escrita reflete o medo da morte, sendo um dos principais motivos que levam as pessoas a escrever. O escritor sendo de natureza otimista, procura fugir da fugacidade da vida trilhando um caminho desafiador da escrita, acreditando no potencial e nas oportunidades do livro, para que o material seja publicado, para o público se interesse pela leitura e que permaneça nas prateleiras, amenizando a angústia da sua breve existência no planeta.

O autor afirma que a escrita depende de cada escritor e que os motivos dele são registrados nos livros, afirma ainda, que escreve pois não sabe compor músicas. Caso soubesse ler partituras e articular as notas harmônicas, sem se arriscar nas

tortas linhas e analfabetos, a música permaneceria na memória cultural por muito mais tempo do que a literatura, uma situação fácil de ser verificada. Ainda o autor descreve que o cérebro responde melhor a melodias do que a frases, ativam a memória afetiva de forma mais eficaz, o que explica por que escritores buscam sonoridade das palavras.

No jornalismo, porém, manter essa musicalidade é desafiador devido às limitações de tempo e espaço, a pressão e o estresse da rotina. Ainda assim, há jornalistas que conseguem produzir textos de alta qualidade, e a experiência na imprensa contribui significativamente para a formação de escritores.

Com o passar do tempo, o jornalismo literário atraiu diversos autores que ultrapassaram os limites da redação, sendo que alguns nem as frequentavam. As diferentes narrativas deram origem a subgêneros, considerando que o jornalismo literário seja um gênero próprio, sendo uma discussão complexa, mas inevitável.

Os autores Domenico e André (2017, p. 1) propõe que o jornalismo literário "envolve muito a construção narrativa, descrição, sensibilidade por parte do jornalista que escreve, envolvimento com o que está sendo retratado, fuga do lead, obrigação com a qualidade do texto e comprometimento com a realidade". Nessa perspectiva, o jornalismo literário, enquanto expressão jornalística, busca ir além da simples transmissão de informações. Seu objetivo é construir narrativas enriquecidas por elementos estilísticos e estéticos, combinando a objetividade factual do jornalismo tradicional com a subjetividade e o apelo estético da literatura, resultando em uma fusão única de linguagens.

Domenico e André (2017, p. 2), destacam que com a falta de espaço nos jornais impressos, houve uma migração para novos formatos, onde os autores não precisam se preocupar com a limitação de páginas. Pela necessidade constante de reinvenção, sendo uma característica humana, e o jornalismo literário responde a essa demanda, beneficiando tanto quem escreve quanto quem lê. Portanto, o jornalismo literário, tem potencial de ser envolvente, permitindo aos leitores uma experiência de compreensão aos produtos jornalísticos tradicionais.

Para Lima (2010, p. 9) o jornalismo literário ocupa um importante lugar na cultura contemporânea, esse não é o tipo de jornalismo mais popular, nem o mais constante, tampouco o estilo predominante na imprensa. Mas, justamente por não ser o maior, destaca-se por ser diferente. São essas diferenças que conferem ao

jornalismo literário uma identidade própria, com uma força comunicativa única e uma qualidade estética impressionante.

Lima enfatiza que o jornalismo literário utiliza cenas visuais para mostrar, em vez de apenas contar, os acontecimentos, envolvendo o leitor diretamente na experiência. Ele busca recriar o ambiente e a vivacidade dos eventos, fazendo com que o público vivencie sensorialmente o que o repórter presenciou, indo além da simples transmissão de informações e despertando os sentidos e emoções do leitor (2010, p. 16).

Além de Pena (2006, p. 8), Lima (2010, p.18) trazem como exemplo a música, segundo Lima, o jornalismo literário, assim como em uma orquestra, é preciso integrar diversos recursos textuais em torno de uma linha condutora para criar uma narrativa envolvente. Essa linha condutora, essencial para harmonizar elementos como a cena e o sumário, é a arte de contar uma história.

Segundo o autor, o jornalismo literário utiliza artifícios literários não apenas para tornar o texto agradável, mas para desvendar o significado dos acontecimentos e oferecer ao leitor um entendimento mais profundo do mundo e das pessoas. Embora valorize a estética do bom texto, mantém o compromisso com a precisão e a exatidão, usando uma variedade de técnicas narrativas sem perder o foco jornalístico. Escrever bonito não é um fim em si, mas um meio de enriquecer a compreensão do leitor.

O jornalismo literário inclui qualidade lírica e poética, sim, quando oportuna, mas sem perder o foco na realidade. Como já vimos juntos, porém, a realidade não significa apenas a parte objetiva das coisas. Abrange também o conteúdo simbólico. Só quando combinamos esses dois elementos é que o quadro da realidade fica mais completo (LIMA, 2010, p.29).

O jornalista literário usa técnicas narrativas de forma flexível e personalizada, adaptando-as ao seu estilo e preferência, ao contrário do jornalismo convencional, que exige uma abordagem impessoal e objetiva, o jornalismo literário valoriza a voz e o estilo próprios do autor. O jornalista é um escritor que expressa emoções e se envolve com o que relata, reconhecendo sua humanidade e não se limitando a ser um mero transmissor de informações.

Lima (2010, p.32) destaca que mesmo o jornalismo literário, embora compartilhe com o jornalismo convencional o papel de relatar a realidade social, se destaca pelo esforço em alcançar um refinamento literário. Apesar de ter uma ligação com a literatura, não se confunde com ela no sentido tradicional do termo. O autor ainda faz uma crítica de como no Brasil, alguns especialistas em literatura adotam

posturas mesquinhas em relação ao jornalismo literário, tratando-o como um campo narrativo de menor importância ou inferior à própria literatura.

Minha posição é que o jornalismo literário alcança qualidade literária, sim, de grande quilate. Sem me preocupar aqui com qualquer conceito acadêmico muito rígido, apoiando-me apenas no bom senso, considero “qualidade literária” como sendo equivalente ao atributo de eficiência narrativa conquistada por um texto escrito. Eficiência narrativa quer dizer para mim fluidez, beleza estética do texto. Um escritor só alcança essa qualidade se consegue trabalhar e integrar, com elegância, diversos recursos da arte de se contar uma história (PENA, 2010, p. 33 e 34).

O texto de jornalismo literário tem a capacidade de expressar uma experiência de mundo com vigor e clareza, ampliando a compreensão do leitor sobre o mundo e a si mesmo. Para Lima (2010) existe uma visão acadêmica limitada, baseada em teorias ultrapassadas, que pode deixar de reconhecer o valor narrativo e literário das obras significativas que o jornalismo literário já produziu ao longo de mais de um século. Embora o jornalismo literário não seja sinônimo de literatura ficcional, apresenta tanto obras de alta qualidade quanto produções medianas, assim como acontece na literatura. Algumas críticas feitas por especialistas ortodoxos ao jornalismo literário parecem baseadas em uma visão antiquada e limitada do que o jornalismo pode ser, presa ao conceito tradicional e convencional da prática.

Ainda no artigo *Jornalismo Literário para Iniciantes* (LIMA, 2010, p.89) trata de uma narrativa focada em uma pessoa. Assim como o jornalismo literário oferece uma visão sociológica ao retratar situações e grupos sociais, ele também desempenha uma função psicológica ao explorar a individualidade. A psicologia, surgiu no final do século XIX, e busca entender o mundo interno das pessoas, composto por sonhos, desejos, traumas e talentos ocultos, por meio de diversas abordagens, incluindo a psicologia experimental, a psicanálise de Sigmund Freud (1856-1939), a psicologia junguiana²⁷, e a psicologia centrada na pessoa²⁸ de Carl Rogers (1902-1987).

Independentemente da abordagem adotada por cada escola de psicologia, a ideia central é que fatores internos, psíquicos, mentais e emocionais afetam nosso

²⁷ Carl Gustav Jung (1875–1961), psiquiatra suíço e fundador da psicologia analítica, deixou um legado marcante na psicologia, psiquiatria e outras áreas. Criou conceitos como extroversão e introversão, arquétipos, inconsciente coletivo e sincronicidade. Para Jung, os sonhos são expressões do inconsciente e revelam as origens de sofrimentos e angústias que motivam a busca por psicoterapia.

²⁸ A terapia rogeriana, desenvolvida por Carl Rogers, é uma abordagem não-diretiva e empática que valoriza a experiência do paciente, buscando empoderá-lo e motivá-lo. Diferente de outras práticas da época, considera o ser humano capaz de crescimento pessoal, guiado pela "tendência de atualização" que o leva à terapia.

comportamento no mundo. Se focarmos apenas nas ações, teremos uma visão limitada da realidade das pessoas. Para compreendê-las e a nós mesmos, é necessário explorar nosso mundo interior, onde residem nossos valores, tendências e características mais profundas.

Segundo o autor, na década de 1920, a maioria dos principais jornais adotou um estilo noticioso, objetivo e frio, enquanto revistas e publicações de menor prestígio mantiveram a tradição de narrativas elaboradas. Essas publicações exploram o jornalismo literário, com coberturas de guerras e evoluiu para abordar a complexa realidade socioeconômica das grandes metrópoles em expansão. Essa modalidade, embora sem um nome específico, possui características distintas que a diferenciam.

O jornalismo literário é caracterizado pela reportagem contextualizada, pelo perfil, pelo ensaio jornalístico de natureza narrativa e pela coluna narrativa, entre outros. Todos estes formatos possuem a narrativa como elemento central de expressão, ao invés de se basearem em comentários (Pena, 2010, p.106).

O autor cita que em 1966, o grupo O Estado de S. Paulo lançou o Jornal da Tarde, enquanto o grupo Abril trouxe à tona a revista Realidade. Ambos se destacaram como importantes referências do jornalismo literário no Brasil. No Jornal da Tarde, surgiram escritores notáveis como Fernando Portela e Marcos Faerman.

Na revista Realidade, um talentoso time de editores e autores, incluindo Mylton Severiano, José Hamilton Ribeiro e Narciso Kalili, colaborou com autores de ficção, como João Antonio e Jorge Andrade, que foram convidados a escrever. A realidade destacou-se especialmente pelo uso do perfil, que foi produzido com regularidade e qualidade, através de escritores como Luiz Fernando Mercadante e Roberto Freire (Pena, 2010, p.106).

Em material sobre a revista Realidade, Faro (p.6, 1996), após 1964, a imprensa brasileira, especialmente por meio da reportagem, desempenhou um papel crucial ao articular um discurso libertário e contestador que refletia a realidade do país. Esse período foi caracterizado pela crítica ao regime autoritário e às desigualdades sociais emergentes do modelo econômico modernizador. A produção cultural, engajada e militante, buscava inspiração nas lutas contra a repressão e as injustiças, consolidando uma marca "de esquerda" que transpassa a literatura, o teatro e outras manifestações artísticas.

A revista Realidade apresentava uma proposta editorial para atender às expectativas de uma conjuntura cultural específica, combinando horizontalidade e

verticalidade. Isso significava situar o leitor nos problemas universais de seu tempo, de maneira profunda e crítica, revelando a crise do contemporâneo. A revista abordava uma ampla variedade temática de forma organizada, estabelecendo conexões entre as questões apresentadas (FARO, 1996, p.73).

Destacou-se por sua abordagem inovadora, influenciada pela conjuntura político-cultural de sua época e por um código discursivo diferente, que incorporava técnicas do *new journalism*. Sendo uma publicação mensal, ela permitia aos repórteres explorar o realismo social de forma aprofundada, mesclando emoção e razão para criar textos que rompiam com o jornalismo convencional. Embora não tivesse um padrão fixo, a revista valorizava o estilo pessoal e a experimentação estética, criando reportagens como um caleidoscópio de pontos de vista e imagens que envolviam o leitor de maneira sensorial. A fotografia, longe de ser apenas um complemento, era integrada ao texto como parte essencial da narrativa visual (FARO, 1996, p.73 e 74).

6.3. JORNALISMO DE VIAGEM

O jornalismo é uma profissão centenária, impulsionada pela curiosidade e pelo desejo de compartilhar histórias com a sociedade. Embora o mercado de trabalho para jornalistas seja incerto, não se pode ignorar seu compromisso com a ética e com a responsabilidade de informar o público. “Ao longo dos séculos, as pessoas têm desejado ser informadas sobre o que as rodeia, usando o jornalismo (ou uma forma pré-moderna do jornalismo) para se manterem em dia com os últimos acontecimentos” (TRAQUINA, 2005, p. 20 apud CARTOLANO, 2018, p.28). A internet desempenha um papel essencial para o acesso à informação, ampliando o espaço para diversas editorias, especialmente aquelas voltadas à cultura.

Os veículos de comunicação estão em constante transformação, o jornalismo busca adaptar-se, especialmente ao meio digital, que facilita o compartilhamento de conteúdos e possibilita oportunidades para a profissão, permitindo que as matérias tenham mais recursos complementares. A circulação contínua de conteúdos em múltiplas plataformas exige mudanças na forma de produzir pautas, pois tudo precisa ser ágil para captar a atenção do leitor (Cartolano, 2018, p. 29).

A internet ampliou as possibilidades do jornalismo, permitindo uma abordagem mais profunda de editorias como turismo, que pode ser integrado ao jornalismo cultural. Segundo Franthiesco (BALLERINI, 2015 apud CARTOLANO, 2018, p. 30), o

jornalismo cultural no Ocidente, ao longo do século 20, tornou-se menos opinativo e mais focado em reportagens e notícias, destacando o entretenimento e os bens culturais. O turismo, sendo um reflexo cultural das cidades, é um campo importante para o jornalismo, especialmente no ambiente digital, onde há muitos conteúdos sobre viagens. No Brasil, a qualidade das narrativas de viagem depende tanto da linha editorial quanto da habilidade do jornalista (MARTINEZ, 2012 apud CARTOLANO, 2018, p. 30), ressaltando a importância do compromisso com a informação e a qualidade do conteúdo final.

Segundo Madalena Oliveira (2021), a viagem, tradicionalmente entendida como o deslocamento de um ponto a outro, carrega em sua origem latina (*viaticu*) o sentido de provisão para o caminho. Mais do que um simples ato de transitar, envolve a ideia de percurso, descoberta e até risco, conferindo-lhe um caráter aventureiro. Apesar da funcionalidade mantida pela globalização, com deslocamentos frequentes por motivos profissionais e econômicos, a viagem também assume uma dimensão cultural, sendo vivida como experiência de aprendizado, encontro e transformação.

De acordo com Oliveira (2021), o jornalismo de viagens insere-se numa lógica de segmentação da imprensa, voltada a públicos específicos e frequentemente articulada com o setor turístico. Muitas vezes, as viagens realizadas pelos jornalistas são financiadas por agências ou promotores de turismo, o que levanta questões éticas em relação à objetividade. Essa proximidade com interesses comerciais pode comprometer a distância crítica esperada de outras áreas do jornalismo, como o político ou o econômico, uma vez que é comum a produção de reportagens publicitárias e conteúdos patrocinados.

Além disso, o jornalismo de viagens apresenta critérios próprios de noticiabilidade. Embora possa recorrer a valores-notícia tradicionais, como destaque para lugares mais visitados ou destinos emergentes, o fator da "última hora" ou a proximidade geográfica nem sempre são determinantes. Ao contrário, a distância e o valor cultural do destino costumam orientar a escolha dos temas. A noção de atualidade, nesse contexto, tende a ser mais flexível, considerando um tempo ampliado e menos imediato, o que confere à prática uma natureza distinta da cobertura jornalística convencional.

Cartolano (2018) cita os autores Silva e Conceição (2007) onde descrevem o jornalismo como uma atividade cultural em si, levando o jornalismo de viagens, na prática, ser um trabalho cultural. Porém, o jornalismo cultural, seja um gênero

específico, relaciona-se com o jornalismo de viagens. Como explica Traquina (TRAQUINA, 2005 apud CARTOLANO, 2011, p.39) o jornalismo reflete a realidade e abrange todos os aspectos da vida, no campo econômico, social, científico, educacional, cultural, artístico, literário, entre outros. Ele se fundamenta em histórias, o que torna essencial o uso de teorias para compreender a profissão antes de relacioná-la a temas específicos. Segundo o autor, esse jornalismo tem suas raízes no século XIX.

A vertiginosa expansão dos jornais no século XIX permitiu a criação de novos empregos nos jornais; um número crescente de pessoas passou a dedicar-se a tempo inteiro a uma atividade que, durante as décadas do século XIX, ganhou um novo objetivo - fornecer informação e não propaganda. Este novo paradigma será a luz que viu nascer valores que ainda hoje são identificados com o jornalismo: as notícias, a procura da verdade, a independência dos jornalistas, a exatidão, e a noção do jornalismo como um serviço ao público (TRAQUINA, 2005, p. 34 apud CARTOLANO, 2018, p.39).

Embora o turismo seja o foco tanto do jornalismo turístico quanto do jornalismo de viagens, os dois não são sinônimos. Ambos são especializações dentro do jornalismo, com a missão de fornecer informações completas e críticas sobre produtos turísticos, de forma imparcial, para que o consumidor possa avaliar a conveniência da compra. Esse trabalho deve ser realizado por observadores externos, que seguem as técnicas jornalísticas ao informar, opinar e criticar, sempre priorizando os direitos do consumidor (VAZ, 1999 apud RIBEIRO, 2011, p.46).

Ribeiro (2011) o jornalismo de viagens concentra-se principalmente em reportagens focadas em perguntas como "Onde?" (destinos, companhias aéreas) e "Por quê?" (promoção e produto). Apesar da rápida evolução do jornalismo e da crescente segmentação da profissão, existem ainda desigualdades internas na classe jornalística. O jornalismo de viagens e lazer, frequentemente, é alvo de desconfiança, sendo percebido como uma especialização inferior por tratar de temas considerados menos sérios.

No seio da profissão, o jornalismo de viagens tem sido tradicionalmente percebido como sendo detentor de um estatuto e de um nível de importância muito mais baixo comparativamente às hard news, as consideradas notícias sérias que dizem respeito, por exemplo, a temas de política ou de relações internacionais (COCKING, 2011 apud RIBEIRO, 2011, p.47).

As restrições orçamentárias enfrentadas por muitos veículos de comunicação têm reduzido o investimento na cobertura internacional. Como consequência, os jornalistas de viagens assumem um papel de "descodificadores socioculturais",

conforme Carla Santos (2004, p. 394 apud RIBEIRO, 2011, p.48). Folker Hanusch (2009, p. 624 apud RIBEIRO, 2011, p.48) complementa essa visão, afirmando que, ao relatar histórias de terras estrangeiras, o jornalismo de viagens tem o potencial de moldar a percepção do público sobre outras culturas.

Os relatos das jornadas empreendidas pelos quatro cantos do mundo formam uma parte valiosa da bagagem trazida por viajantes de todos os tempos. Segundo Martinez (2012) devemos a Homero, que teria vivido por volta de VIII a.C., a primeira narrativa de viagem: enquanto *Ilíada* descreve a Guerra de Troia, o primeiro relato de conflito, *Odisseia* narra a saga do rei Ulisses em sua volta para Ítaca. Uma produção que reflete um pensamento mítico do poeta, que registrava a coexistência que não era sempre harmoniosa entre humanos e deuses (Martinez, 2012, p.37).

Momento que nasce a literatura de viagem, marcada pela visão de um autor que visa uma longa jornada, com um ou vários destinos em sequência. Um estilo autoral de fundamental importância no estudo do Jornalismo Literário, uma vertente que se dedica às narrativas de viagem. Martinez destaca dois elementos que permeiam as narrativas de viagens: a observação, permitindo aos vários níveis uma aproximação, levando a uma profunda observação do participante e a interpretação do material coletado.

Martinez (2012) descreve como a percepção do narrador, um observador atento e frequentemente habilidoso na narrativa, é essencial nos relatos de viagem. Mesmo que as histórias de viagens em terras distantes sejam mais conhecidas, vale lembrar que as imersões em comunidades próximas, realizadas por etnólogos, antropólogos e jornalistas, também podem ser vistas como parte dessa modalidade narrativa. Quanto à natureza narrativa de viagem, podem ser classificados em três tipos principais: ficcionais, não ficcionais, baseados em fatos reais, com o uso de recursos literários para enriquecer a leitura e mistos, que combinam ficção com inspirações em eventos reais.

Como exemplo da terceira categoria, a autora cita o *Il Milione*, em português o *Livro das Maravilhas*, *As Viagens* ou *As Viagens de Marco Polo*, dependendo da editora. Em 1299, quando Marco Polo (1254-1324) narrou ao escritor toscano Rustichello da Pisa, enquanto ambos estavam presos em Gênova, a saga de sua jornada pela Rota da Seda e pela corte do conquistador mongol Kublai Kan (1215-1294), (POLO, 1999; POLO, 2001 apud MARTINEZ, 2012, p. 40).

Até o Renascimento, os relatos de viagem eram geralmente registrados em diários ou cartas, como a famosa carta de Pero Vaz de Caminha (1450-1500) sobre a chegada ao Brasil. Os livros da época, manuscritos e ilustrados por monges, eram caros e acessíveis a poucos. Com a invenção da imprensa pelo alemão Johannes Gutenberg (1390-1468), os custos diminuíram, permitindo que a emergente burguesia tivesse mais acesso a esses relatos. Ainda assim, diários e blogs, atualmente, continuam sendo uma forma importante de registro não ficcional. Um exemplo é *Minha Vida de Menina*, publicado pela primeira vez em 1942, que oferece um raro olhar sobre o cotidiano mineiro do final do século XIX sob a perspectiva de uma adolescente brasileira (MORLEY, 1998 apud MARTINEZ, 2012, p.40).

Quando se trata de contos de viagem como um gênero jornalístico, exerce influência ao explorar narrativas literárias e de viagem. A autora aborda suas origens e relaciona com a produção jornalística contemporânea, revelando conexões e influências entre esses campos. No contexto brasileiro, a qualidade da narrativa de viagem geralmente depende da amplitude da linha editorial e da habilidade de escrita do jornalista.

A moda de viajar segue em voga e para atender esse público ávido por novidades as narrativas de viagem estão presentes em publicações semanais, de interesse geral, revistas masculinas, femininas e para adolescentes, entre outras, bem como em sites, como o UOL Viagens (<http://viagem.uol.com.br>), além dos cadernos de turismo de jornais de todo o país, como o Estado de S.Paulo e a Folha de S.Paulo (MARTINEZ, 2012, p. 46).

Traquina (2005, p.43 apud CARTOLANO, 2011, p.50) explica “O saber da narração consiste na capacidade de compilar todas essas informações e “empacotá-las” numa narrativa noticiosa, em tempo útil e de forma interessante”, ou seja, a narrativa de viagem deve incorporar elementos que enriqueçam o caráter informativo da matéria.

Os tipos de narrativas de relatos e contos de viagem podem estar profundamente ligados às experiências individuais. As pautas e críticas relacionadas às produções jornalísticas presentes nas narrativas de viagem, é possível complementar com os conceitos de Nielsen (2002 apud CARTOLANO, 2011, p.51) sobre o papel da comunicação na atividade turística.

Segundo o autor, algumas questões precisam ser consideradas ao lidar com informações turísticas: o "fator desconhecido" de um país estrangeiro, relatórios sobre acidentes aéreos, flutuações cambiais, exigências de vistos, e preocupações com

saúde, higiene, vacinas e segurança hoteleira, entre outros. Elementos cruciais para que, ao analisar um conteúdo, se observe a incorporação de tais informações. Além disso, embora o jornalista enfrente uma tarefa desafiadora, seu compromisso em representar a realidade deve ser rigorosamente mantido.

Após a urbanização do século XIX, surgiram espaços simbólicos e atrativos que impulsionaram a circulação de informações sobre locais de interesse para viajantes. Evoluiu até as editoriais de turismo atuais, que refletem uma continuidade informativa sobre viagens, cuja finalidade cabe compreender (AVIGHI, 1992 apud CARTOLANO, 2011, p.53). Outro autor, Nielsen (2002 apud CARTOLANO, 2011, p.53) reforça a importância das fontes informativas para quem consome conteúdo de viagem, indicando que a mídia deve recorrer a fontes confiáveis, para ampliarem o alcance e a precisão dos conteúdos, oferecendo informações que podem atender a um público diverso.

Martinez (2012) observa que as narrativas de viagem são frequentes em grandes portais jornalísticos, impulsionadas pela crescente popularidade das viagens. Mesmo sendo vistas como uma disposição, é essencial considerar como o campo da comunicação, principalmente o jornalismo, vem dialogando com o público por meio dessas narrativas, tornando mais relevante o papel social que o jornalismo desempenha e das teorias que sustentam suas práticas.

Segundo Pena (2010 apud CARTOLANO, 2011), há fatores essenciais na construção de uma pauta, enquanto Traquina (2005 apud CARTOLANO, 2011) associa a competência profissional à verificação dos fatos. Na prática, é possível avaliar o desempenho de uma notícia ou reportagem. Além disso, técnicas de produção são indispensáveis para a criação de conteúdo jornalístico focado em narrativas de viagem. Pena (2010) ainda sugere que a narrativa noticiosa pode organizar as informações de maneira envolvente, permitindo que o jornalismo incorpore elementos do setor turístico, enriquecendo a construção do produto jornalístico.

Após a análise teórica das teorias do jornalismo e dos fundamentos do turismo, conclui-se que esses setores podem atuar em conjunto, desde que respeitem preceitos básicos. O turismo é um campo repleto de elementos que favorecem seu desenvolvimento e, através da mídia, pode contribuir para aprimorar a produção de conteúdos. Embora o jornalismo de viagem seja questionado, os portais jornalísticos analisados demonstram esforços para desenvolver matérias voltadas às narrativas

de viagem. No entanto, é necessário que essas editorias revisem as técnicas jornalísticas empregadas para obter melhores resultados no futuro e atender com maior qualidade aos interesses dos leitores (Cartolano, 2011, p.76).

As narrativas do jornalismo de viagem são consideradas parte do jornalismo especializado, que exploram temas sobre destinos turísticos em editorias culturais, especialmente de viagem, em revistas e jornais. Contudo, o modo como essas produções têm sido realizadas é questionável. Apesar da existência de cursos voltados a esse tipo de jornalismo, eles ainda são limitados: no Brasil, são oferecidos apenas na Faculdade Cásper Líbero, e, na Espanha, em nível de pós-graduação pela Universidade Autônoma de Barcelona. Observa-se, portanto, uma complexidade em compreender plenamente sua prática, as editorias de sites que atuam nesse segmento, em grande parte, publicam matérias com elaboração superficial, quando poderiam ser aprimoradas e enriquecidas com detalhes, adotando características próprias e técnicas jornalísticas mais aprofundadas, como críticas, entrevistas com fontes relevantes e informações de interesse público (Cartolano, 2011, p.17).

A credibilidade do jornalismo depende dos preceitos e técnicas que vão além do entretenimento. É urgente que sites de turismo reestruturem suas narrativas para atender à expectativa de contribuição jornalística, já que são fontes confiáveis para o leitor. O jornalista pode explorar pautas de turismo considerando o desenvolvimento que esse setor proporciona.

O jornalismo e o turismo no início do século XXI, e suas inter-relações, representam o desenvolvimento de duas poderosas estruturas do mundo moderno. Enquanto o turismo solidifica-se como a terceira economia do planeta que mais gera empregos (diretos e indiretos), o jornalismo apresenta-se como o quarto poder (RODRIGUES, 2008, p. 5 apud CARTOLANO, 2011, p.17).

O jornalismo deve abordar o desenvolvimento cultural, econômico e social nas editorias de turismo por meio de uma apuração rigorosa. Embora essas narrativas possuam um estilo mais livre, tanto na escrita quanto na composição dos materiais, a importância da informação permanece inalterada, pois o leitor interessado em viagens busca conteúdos de serviço. Nesse contexto, é essencial questionar de que forma os portais de comunicação, especialmente os jornalísticos, deveriam incorporar técnicas jornalísticas para aprimorar seus conteúdos (Cartolano, 2011, p.17).

No campo do jornalismo de viagem, ainda pouco explorado em profundidade, aspectos como lembranças e memórias desempenham um papel essencial na construção das narrativas, esses elementos não apenas enriquecem os relatos, mas

também conectam o leitor a experiências subjetivas e culturais vividas pelo repórter. A memória, nesse contexto, ultrapassa o simples ato de recordar, ela se torna um recurso narrativo poderoso, capaz de revelar camadas de significado e proporcionar novas formas de conhecimento.

7. MEMÓRIA

É fundamental destacarmos o caráter subjetivo da memória, essa subjetividade a define como um método qualitativo, voltado para o estudo do ser humano em sua relação com o meio social no qual está inserido, considerando os sentidos, sentimentos e a sensibilidade dos indivíduos envolvidos no processo de pesquisa (Dores, 1999, p.1).

A autora ressalta a importância do pesquisador em observar e analisar as interferências durante o processo de pesquisa qualitativa, como em entrevistas e análises documentais. Dado que a memória é influenciada pela percepção humana e está relacionada à capacidade de recordar eventos sociais, é necessário considerar alguns pressupostos para compreendê-la. Um desses é o entendimento básico da psicanálise, a autora cita Thompson, que por meio da psicanálise ajuda a explorar os mistérios da memória, mesmo que os pesquisadores não atuem como psicanalistas, mas aprendam com ela aspectos relevantes para sua prática e interação com informantes.

Thompson destaca que, em trabalhos de pesquisa qualitativa, a primeira lição é aprender a se relacionar com as pessoas com respeito e sensibilidade. É essencial ouvir atentamente os pontos de vista dos participantes e ser solidário, especialmente com aqueles que enfrentaram traumas ou sofrimento, respeitando sua possível relutância em falar sobre certos temas. Deve haver um resgate ao respeito pelo outro em sua humanidade. Além disso, o estudo envolve contato direto com as pessoas, suas histórias, memórias e subjetividades, que podem ser muito diferentes do pesquisador. Superar essas diferenças com paciência e respeito pode resultar em relatos valiosos e enriquecedores (DORES, 1999, p. 2 e 3 apud THOMPSON, 1992).

Segundo Dores, Thompson enfatiza a importância de estar atento ao simbolismo presente em nosso mundo consciente, ainda cita o aspecto que Jacques Lacan (1901-1981) relaciona à linguagem como ferramenta para decifrar e interpretar o pensamento e a memória. Thompson sugere observar como o entrevistado se

posiciona ao reconstruir suas memórias, prestando atenção ao uso de pronomes (como eu, tu, nós), ao significado deles no contexto social, e também à entonação das palavras e aos gestos.

Ao concluir a questão de pesquisa, Doris faz referência a Maria Isaura Pereira de Oliveira (1987), destacando as informações não ditas ou, como a autora coloca, algo indizível, e busca compreender os motivos pelos quais tais informações foram omissas.

Ecléa Bosi (1994) no livro *Memórias e Sociedade: lembranças de velhos*, cita o filósofo e diplomata francês, Henri Bergson (1859-1941), que destaca a lembrança como sobrevivente do passado. Um fenômeno individual, do passado, preservado no espírito de cada ser humano, manifesta-se na consciência como imagens-lembrança. Na forma mais pura, essas imagens aparecem nos sonhos e devaneios, uma demonstração da dimensão espiritual da memória. Bergson se dedicou a diferenciar a memória da percepção, buscando atribuir à memória um estatuto espiritual único, uma distinção e a ênfase na pureza da memória que ressaltam a singularidade de sua filosofia.

No estudo de Bergson, confrontam-se a subjetividade pura (o espírito) e a pura exterioridade (a matéria). A memória está associada ao espírito, enquanto a percepção se vincula à matéria. No entanto, Bergson não se detém na análise dos sujeitos que lembram ou das relações entre os sujeitos e as coisas lembradas. A ausência de relação interpessoal implica que a memória não é tratada como um fenômeno social, uma perspectiva sociológica essencial. Quando os sociólogos abordam a questão, muitas vezes acabam transformando, ou mesmo rejeitando, a concepção bergsoniana da memória (BOSI, 1994, p.16 apud BERGSON, 1896).

Maurice Halbwachs, em *Memória Coletiva* (1990), contesta a ideia de memória individual. Para ele, as memórias são coletivas, frequentemente evocadas pelos outros, mesmo quando se referem a eventos vividos apenas por nós ou a objetos que só nós vimos. Isso ocorre porque, na verdade, nunca estamos realmente sozinhos, não sendo preciso a presença de outras pessoas fisicamente ou visivelmente distintas de nós, pois carregamos sempre, dentro de nós, uma multidão de pessoas que se mantêm únicas e não se misturam.

Segundo o autor, para confirmar ou recordar uma lembrança, não é indispensável a presença de testemunhas materiais e sensíveis. No entanto, mesmo que outras pessoas possam descrever fatos ou objetos com precisão, reconstituindo

nossos atos e palavras em determinadas circunstâncias, isso não garante que todas essas lembranças sejam recuperadas por nós mesmos (Halbwachchs, 1990, p.27).

Bosi descreve que as imagens dos sonhos, mesmo que parecem afastadas da memória coletiva e próximas da memória pura de Bergson, possuem influências do presente. E Halbwachs faz uma comparação dessas imagens oníricas às lembranças da primeira infância: ambas surgem na consciência de maneira aparentemente desconexa e sem vínculo claro com o presente, como se tivessem permanecido intactas. Contudo, essa indeterminação aparente se deve à falta de consciência ativa durante o sonho e na infância, dificultando o posicionamento dessas lembranças ao longo de uma cronologia pessoal (1994, p.18).

Para a autora, Halbwachs apresenta uma interpretação social capaz de oferecer a capacidade de lembrar sendo profunda e abrangente. Não deixando de considerar um condicionamento externo sobre um fenômeno interno, ou seja, não se trata apenas de uma simples justaposição de panoramas sociais e figuras evocadas. Ele propõe que, já no interior das lembranças, no próprio núcleo da imagem evocada, estão presentes noções gerais mediadas pela linguagem, e, portanto, de origem institucional. É o caráter objetivo e transubjetivo dessas noções que permite às imagens resistirem e transformarem-se em lembranças duradouras (Bosi, 1990, p.22). Bosi diz, sobre o conceito de memória de Halbwachs:

“não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, 'tal como foi', e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual ... e que, às vezes, [é] estilizada pelo ponto de vista cultural e ideológico do grupo em que o sujeito está situado” (Bosi, 1994, p. 55).

Michael Pollak no livro *Memória e Identidade Social* (1992) reforça a ideia de memória individual de Bergson e da memória coletiva de Halbwachs e destaca que mesmo com uma natureza mutável, tanto a memória individual quanto a coletiva possuem marcos relativamente invariantes. Por exemplo, em entrevistas sobre a história de vida, mesmo quando a ordem cronológica não é seguida e os entrevistados revisitam os mesmos eventos de forma não linear, existem pontos que permanecem constantes. Esses elementos inalteráveis são resultado de um processo intenso de solidificação da memória, tornando-se parte essencial da identidade da pessoa. Assim, embora algumas lembranças possam mudar conforme o contexto ou a

interação, certos acontecimentos se tornam imutáveis, refletindo a essência da experiência individual ou coletiva (Pollak, 1992, p.201).

Segundo o autor, os elementos constitutivos da memória, tanto individual quanto coletiva, incluem os acontecimentos vividos pessoalmente, experiências diretas que formam a base da memória. Os acontecimentos "vividos por tabela", eventos vividos pela coletividade, que, no imaginário, adquirem tanto significado para o indivíduo que é difícil saber se ele participou diretamente. Os acontecimentos fora do espaço-tempo pessoal, históricos ou regionais, transmitidos por socialização política ou histórica, que geram forte identificação com o passado, criando uma memória quase herdada. Além disso, a memória é também formada por pessoas e personagens que influenciam a construção da identidade coletiva.

Pollak, destaca a memória, que é em parte herdada, vai além da vida física individual e é influenciada pelo contexto em que é expressa. Ela sofre flutuações conforme as preocupações do momento. Isso vale também para a memória coletiva, que, apesar de mais organizada, também é estruturada pelo contexto presente.

A memória política pode ser motivo de disputa entre organizações, sendo moldada pelo "trabalho de enquadramento". Esse processo pode ser visto como um investimento social, e sua análise equivale a uma história social da memória, observável em instituições políticas, sindicatos e igrejas. Além do enquadramento, a memória há também o "trabalho da própria memória em si", onde realiza um trabalho de manutenção, promovendo coerência e continuidade dentro dos grupos.

Em momentos de reorganização, como mudanças ideológicas no Partido Comunista, há um "rearranjo" da memória que envolve reescrever a história, um processo complexo e custoso em termos de unidade e identidade organizacional. Isso pode levar a divisões e à formação de novos grupos, fundamentados em uma memória heterogênea e, às vezes, em uma fidelidade à memória antiga (Pollak, 1992, p.206).

Ao abordarmos a memória, é preciso reconhecê-la como uma construção social permeada por sentidos, sentimentos e pela sensibilidade das experiências vividas. Diante das múltiplas influências que moldam essa dimensão, este projeto se insere no campo do jornalismo digital. O ambiente digital surge não apenas como espaço de registro, mas como lugar fértil para reconstruir narrativas, visitar memórias e ressignificar vivências. Assim, a transição para o digital ocorre como uma extensão natural da memória, conectando o passado às ferramentas do presente.

Dessa forma, o relato torna-se mais acessível, interativo e vivo, promovendo o compartilhamento sensível de trajetórias individuais e coletivas.

8. JORNALISMO DIGITAL

Alves (2006) destaca que antes do surgimento da web, os meios tradicionais, os jornais, criaram departamentos de "novos meios" para experimentar a Comunicação Mediada por Computador (CMC). Nesse contexto, o modelo dos jornais impressos foi adotado como referência para a organização e apresentação de conteúdo na nova plataforma da internet, que ainda era um meio rudimentar, por texto. A página inicial, *home page*, assemelhava-se à primeira página dos jornais, e as seções internas de conteúdo imitavam as divisões da edição em papel.

Em vez de perceber a web como um meio com características próprias, as empresas tradicionais a trataram como uma nova ferramenta para distribuir conteúdos criados em outros formatos. A presença online era vista como uma extensão ou complemento do produto tradicional. Dessa forma, a primeira década do jornalismo digital ficou marcada por um erro fundamental: a simples transferência do conteúdo de meios tradicionais para a web, com pouca ou nenhuma adaptação ao novo meio. Nos Estados Unidos, esse processo foi denominado "*shovelware*"²⁹, um termo pejorativo que evidenciava a falta de criatividade e a visão limitada das empresas, que se aventuravam timidamente na web (ALVES, 2006, p.94).

O jornalismo digital foi bastante conservador em termos de inovação e criatividade, o receio de prejudicar os meios tradicionais e a busca por lucros imediatos restringiram o impulso para experimentações, mesmo após a resolução de problemas iniciais de acesso, como a velocidade das conexões. Em vez de explorar as novas possibilidades narrativas que o hipertexto e a multimídia ofereciam, preferiu-se manter a simplicidade, com uma linguagem predominantemente textual e a reciclagem de material de outros meios, desperdiçando as oportunidades de inovação que a internet proporciona.

²⁹ "Shovelware" é um termo pejorativo usado na indústria de jogos e software para descrever produtos de baixo custo, com qualidade inferior, que são lançados em massa para preencher uma coleção ou aproveitar tendências. É um tipo de software que se caracteriza pela produção em larga escala, com pouco ou nenhum investimento em desenvolvimento e qualidade.

Essa primeira década do jornalismo digital apresenta semelhanças notáveis com o conceito de "midiamorfose" descrito por Fidler (1996 apud ALVES, 2006). Assim como, no início, o rádio era visto como "o jornal falado" e a televisão, "o rádio com imagem", os meios tradicionais simplesmente transferiram seus códigos e linguagens para a internet, especialmente a linguagem do jornal impresso. Se esse processo se repetisse, estaríamos diante de um novo "terremoto midiático", no qual os meios tradicionais se adaptaram e se modificaram para sobreviver.

A Internet não é apenas um novo meio, como o rádio ou a televisão, com um canal sensorial à comunicação existente, o som, no caso do rádio, e a imagem, no caso da televisão. A web representa uma mudança de paradigma muito mais profunda do que a simples inclusão de um novo sentido, oferecendo um alcance global e rompendo barreiras de tempo e espaço de maneira inédita. A indexação digital permite acumular e organizar conteúdos de forma totalmente nova, quebrando os paradigmas organizacionais estabelecidos pelo jornalismo tradicional. Além disso, a web traz um grau de interatividade que nunca havia sido experimentado antes, transformando-a em um meio ativo, que exige constante interação dos usuários, em contraste com a passividade das relações nos meios tradicionais, como rádio, televisão e jornais.

A Internet não é apenas a ponta visível de uma revolução tecnológica, ela faz parte de um movimento muito maior, que é a Revolução Digital, também conhecida como a Terceira Revolução Industrial (1950 e 1970) a qual está criando a chamada Sociedade da Informação. Nesse contexto, a internet é apenas a face mais popular e acessível dessa transformação.

Devido à magnitude dessa revolução, estamos no processo de midiamorfose e de um midiacídio, ou seja, a morte de meios tradicionais incapazes de se adaptar à nova realidade digital. Esse midiacídio também pode afetar as carreiras de jornalistas que não se ajustam às novas exigências, assim como empresas de comunicação que não consigam reformular seus modelos de negócio e suas linguagens (ALVES, 2001 apud ALVES, 2006).

A segunda década do jornalismo digital foi marcada por um momento de crise para os meios tradicionais, pela popularização da web, mas cujas causas vêm de antes. A televisão, por exemplo, enfrenta a fragmentação de sua audiência e o declínio no número de telespectadores. Os jornais, os primeiros meios tradicionais a

adotar massivamente a Internet, parecem estar se tornando as principais vítimas dessa ruptura tecnológica.

Alves (2006) destaca que ainda durante a primeira década do jornalismo digital, prevaleceu a ideia de que ele seria apenas um complemento aos jornais impressos. No entanto, desde o início da segunda década, já são evidentes os impactos negativos da Internet na circulação dos jornais em papel, a difusão das notícias online tem afetado significativamente as edições impressas, que enfrentam uma queda constante na tiragem.

O principal desafio enfrentado pelos jornais e pelos noticiários de TV nos Estados Unidos, tem sido o desinteresse dos jovens. Os noticiários de televisão, têm uma audiência com idade média em torno dos 60 anos, enquanto os jornais lutam, sem sucesso, para atrair leitores na faixa etária de 18 a 34 anos. Alguns argumentam que esse distanciamento dos jovens em relação à leitura diária de jornais já ocorreu em gerações passadas.

O autor diz que antigamente, os jovens não liam jornais até entrarem no mercado de trabalho, começarem suas carreiras e formar suas famílias, momento em que sentiam maior necessidade de se informar. O cenário atual é diferente, quando esses jovens atingirem essa fase da vida, já estarão habituados a encontrar as notícias online, um acesso que as gerações anteriores só podiam ter por meio dos jornais impressos.

As novas gerações cresceram em um mundo digital, onde a internet e os celulares são apenas a parte visível da Revolução Digital. Para elas, viver em um ambiente baseado em dados é normal, e suas habilidades cognitivas, diferentes das gerações anteriores, terão um impacto significativo na forma como se relacionam com os meios de comunicação.

Os meios de comunicação de massa são afetados por inovações que rompem modelos antes consolidados. A possibilidade de jornais e emissoras de TV desaparecerem (midiacídio) é tão real quanto a continuidade do processo de midiamorfose descrito por Fidler (1996). O conceito de comunicação de massas precisa ser repensado, pois as tecnologias digitais oferecem ao receptor um papel mais ativo, permitindo que ele selecione as mensagens que deseja receber, sem as limitações de tempo e espaço impostas pelos meios tradicionais, o controle agora está nas mãos do receptor, que pode acessar uma infinidade de fontes.

Alves (2006) trata que apesar do crescimento da audiência no jornalismo digital, não se consolidou um modelo de negócios sólido, baseado em publicidade ou assinaturas. As ameaças ao jornalismo, no entanto, não se limitam a questões financeiras, enquanto as empresas jornalísticas ainda seguem paradigmas ultrapassados, o mundo virtual ao seu redor é inovador e disruptivo. O monopólio do jornalismo está sendo perdido para cidadãos comuns, que agora podem publicar e alcançar grandes audiências pela web.

Ao completar sua primeira década, o jornalismo online entra em uma fase crucial, em que é essencial estudar e entender as novas iniciativas que surgem à medida que a Revolução Digital avança. Para preservar o jornalismo independente e profissional, fundamental para a democracia, é necessário adaptá-lo ao novo ambiente midiático em constante transformação.

8.1. *Longform*

Narrar é uma atividade humana essencial, presente em diversos contextos como cinema, artes, medicina, política e jornalismo. Histórias permeiam nosso cotidiano, sendo contadas em espaços variados e meios distintos, organizando os acontecimentos em narrativas que dão sentido à experiência. Essa habilidade antecede a linguagem, já que organizamos mentalmente nossas vivências em forma de histórias. No passado, as narrativas eram compartilhadas diretamente por quem as vivia, uma prática que evoluiu ao longo do tempo (Baccin, 2016).

O discurso jornalístico excessivamente burocrático pode acabar limitando a narrativa e extinguindo a arte de contar histórias. "A cada manhã, recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. [...] Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação" (BENJAMIN, 1994, p. 203 apud BACCIN, 2016, p. 91). Se pensarmos no modelo de narrativa noticiosa baseado no *hard news*, podemos concordar com Benjamin, pois cada vez mais jornais, portais de notícias, emissoras de rádio e televisão reportam as mesmas informações, encontramos a mesma notícia replicada em todos os meios.

O jornalismo burocratizado restringe a uma "inovação semântica" por modelos "pré-fabricados" de narrativa jornalística. A contextualização surge como uma das principais portas para formas narrativas mais complexas e inovadoras. Informar de maneira simplista pode burocratizar o jornalismo, enquanto a contextualização o torna

criativo e inovador. É nesse ponto que situamos nosso objeto de estudo: a reportagem, que se destaca como o gênero jornalístico mais completo e mais aberto a inovações.

Essa modalidade expressiva é a mais abrangente no jornalismo, podendo reunir características de diversos gêneros – informativo, interpretativo, opinativo, e abrindo espaço para uma narrativa mais rica. Segundo a definição de Sodré e Ferrari (1986 apud BACCIN 2016), a reportagem possui quatro características fundamentais: predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados. Complementando, Medina e Leandro (1973 apud BACCIN, 2016) veem a grande reportagem como um produto que oferece aprofundamento do tema, consideração dos antecedentes, contextualização e humanização do assunto.

A narrativa jornalística pode se manifestar em diferentes suportes no papel, na rádio, na televisão ou na web e em várias linguagens – verbal, icônica e verbo icônico. Focado na estrutura da narrativa jornalística na web e em dispositivos móveis. Nos primeiros anos do jornalismo digital, há mais de 20 anos, o conteúdo online era apenas uma reprodução do impresso, sem aproveitar as especificidades do meio digital. Com o tempo, as organizações midiáticas passaram a explorar as potencialidades da web, criando novas formas de contar histórias (CANAVILHAS, 2007 apud BACCIN, 2016).

A evolução das gerações do jornalismo digital (Mielniczuk, 2003; Barbosa, 2008, 2013 apud Baccin, 2016), que apresenta a primeira geração, a transpositiva, onde a web era utilizada para replicar o conteúdo do impresso, sem inovação narrativa. Segunda geração, da metafórica, o hipertexto começou a ser explorado, mas sobretudo como uma ferramenta organizativa. A terceira geração, com a diferenciação do digital em relação ao impresso, os webjornais passaram a integrar multimídia, interatividade, hipertextualidade, atualização contínua, memória e personalização (BARDOEL & DEUZE, 2001; PALACIOS, 2002 apud BACCIN, 2016).

Na quarta geração, os dados sustentam práticas jornalísticas, permitindo o desenvolvimento de narrativas hipermídia, que integram hipertexto, multimídia e interação (Barbosa, 2008 apud Baccin, 2016). E na quinta geração, a base de dados se torna central, emergindo o jornalismo guiado por dados (*Data Journalism*) e as mídias móveis, que impulsionam novas formas de narrativa (Barbosa & Torres, 2013). Evolução que destaca a adaptação do jornalismo digital, incorporado aos avanços

tecnológicos e novas demandas sociais, inovando tanto na narrativa quanto na interação com o público.

No digital, a narrativa jornalística se torna cada vez mais dependente de bases de dados para estruturar as histórias (Baccin; Torres, 2015). As bases de dados e a medialidade (Barbosa, 2013 apud BACCIN, 2016) desempenham um papel central na reconfiguração dos modos de narrar no jornalismo digital.

Esse contexto implica uma redefinição da relação entre palavra e imagem, onde ambas se adaptam de diversas formas para intensificar a medialidade, integrando um conjunto hipertextual de formas, conteúdos e sintaxes que compõem a linguagem hipermidiática. Assim, o conceito de hipermídia refere-se a uma “forma expressiva e de linguagem de mídia própria” (Baccin, 2017), distinta das demais modalidades comunicativas, como a televisiva, cinematográfica, radiofônica, impressa, fotográfica, de games e infografia. A hipermídia combina esses formatos midiáticos, transformando-os em uma nova forma expressiva.

A narrativa hipermidiática oferece possibilidades de aprofundamento informativo no jornalismo digital (Mielniczuk et al., 2015 apud BACCIN, 2016). Segundo Longhi (2009, p. 192 apud BACCIN, 2016, p.92), “a hipermídia atua para a criação de narrativas nas quais o acompanhamento de informações adicionais ao texto representa, em si, um elemento fundamental da informação on-line”.

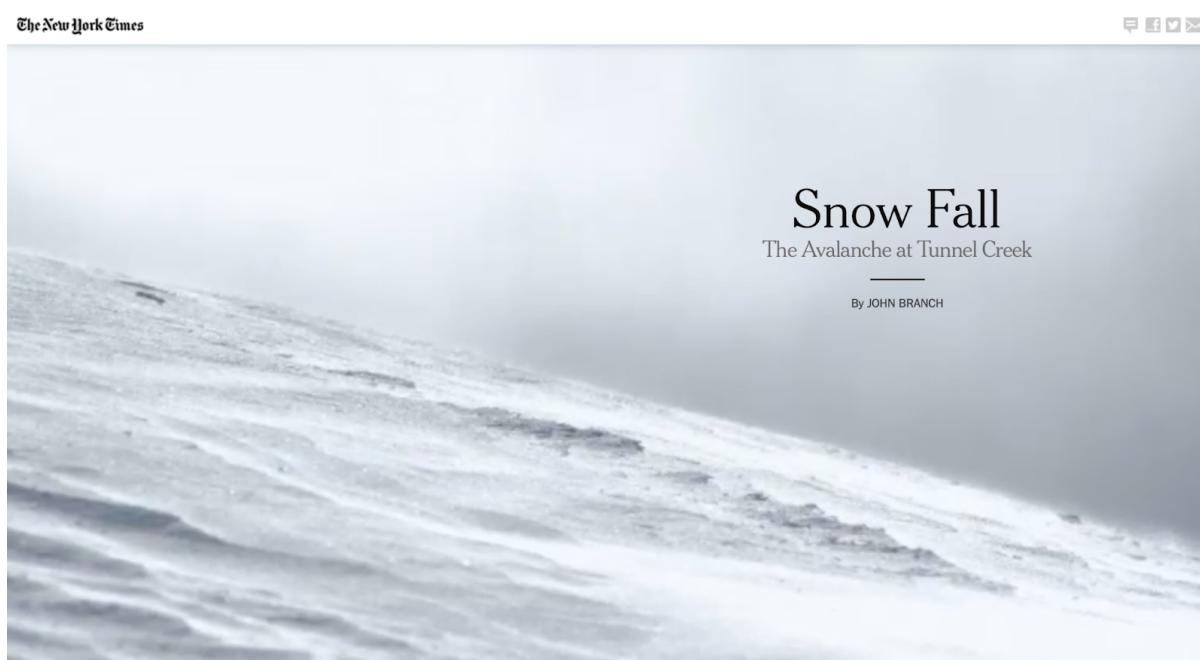
As narrativas *longform* não são exclusivas do ambiente digital, já existiam em reportagens impressas, na televisão e no rádio. No entanto, no digital trouxe uma nova dimensão a esse formato. Apesar de o jornalismo digital já contar com quase 20 anos, o uso de narrativas longas não era comum. O interesse de publicações pelo modelo *longform* ganhou força com a popularização dos dispositivos móveis. É mais prático usar um tablet para ler uma reportagem extensa do que acessar o site de um jornal ou revista pelo computador, tablets e smartphones são mais adequados a esse tipo de leitura do que o computador.

Para alguns autores, o termo *longform* refere-se à extensão da narrativa, que pode começar em 4.000 palavras (LONGHI, 2014) ou variar entre o tamanho de uma matéria de revista e o de um livro (MEYER, 2012 apud BACCIN, 2016). Sharp (2013 apud BACCIN, 2016) acrescenta que o *longform* digital se destaca pela combinação de texto bem elaborado, visual atraente e recursos multimídia.

Para Longhi e Winkes (2015 apud BACCIN, 2016), o jornalismo *longform* destaca-se não só pelo formato extenso, mas pela apuração cuidadosa,

contextualização e aprofundamento, promovendo uma leitura mais lenta e exigindo do leitor uma maior dedicação. Jacobson, Marino e Gutsche (2015 apud BACCIN, 2016) o definem como uma reinvenção do jornalismo literário para a era digital. Uma característica inovadora das narrativas *longform* é a verticalização, que permite a continuidade visual da leitura. Um marco nesse estilo foi a reportagem *Snow Fall – The Avalanche at Tunnel Creek*, publicada pelo New York Times, em 2012, que apresentou um design integrado com multimídia, ao invés do formato fragmentado tradicional.

Figura 4 - Reportagem *Longform Snow Fall - The Avalanche at Tunnel Creek*



Fonte: Reprodução/ www.nytimes.com

A verticalização das histórias e do design narrativo pode ser vista como uma adaptação dos antigos meios de comunicação ao ambiente digital e aos dispositivos móveis, que retomam uma leitura mais orientada para o fluxo vertical. Canavilhas (2014 apud BACCIN, 2016) expande a ideia de “reportagem paralaxe” para além da arquitetura da notícia, definindo-a como uma narrativa que combina navegação vertical intuitiva com a integração completa de conteúdos multimídia. Esse formato torna a leitura mais imersiva e acessível, sem exigir conhecimento técnico avançado do leitor. *Snow Fall* popularizou o modelo entre os jornais, sendo visto como um exemplo de experiência envolvente. Barbosa, Normande e Almeida (2014 apud BACCIN, 2016) acrescentam que essa inovação também se apoia no uso de bases

de dados digitais. Narrativas hipermídia *longform*, ao serem contextualizadas e integradas, proporcionam uma experiência completa e interativa para o leitor.

Baccin (2016), por meio da análise das três reportagens *longform*, de diferentes veículos: *Snow Fall*, do estadunidense The New York Times; “Portugueses nos Campos de Concentração”, do jornal Público de Portugal e “O Contrabando no Brasil” – Crime sem Castigo, da Folha de S. Paulo do Brasil. A autora estabeleceu três categorias para organizar as características das narrativas *longform* das reportagens. São categorias para identificar as dimensões dos materiais, recursos técnicos utilizados e elementos de qualidade à narrativa, identificando características próprias de cada reportagem.

Figura 5 - Reportagem Longform - Portugueses nos Campos de Concentração

OS CAMPOS POR ONDE PASSARAM PORTUGUESES

PATRICIA CARVALHO (TEXTO) • CÉLIA RODRIGUES (INFOGRAFIA)

Durante a II Guerra Mundial, dezenas de portugueses que moravam em França foram presos, colocados em campos de internamento e deportados, posteriormente, para campos de concentração na Alemanha ou na Polónia. Alguns acabaram por ser transferidos para outros campos, na Áustria ou em França. Todos eles estão aqui identificados, a par com os portugueses que passaram por cada um dos campos.

ROYALLIEU-COMPIÈGNE

Situada na calma cidade de Compiègne, a cerca de 60 quilómetros de Paris, a caserna de Royallieu foi construída em 1913 e os seus 25 edifícios ocupavam uma área de 16 hectares. O local era querido aos franceses, uma vez que fora a poucos quilómetros da cidade, nos bosques que rodeiam Compiègne, que a 11 de Novembro de 1918 fora assinado o Armistício que marcava a capitulação alemã e o fim da Grande Guerra. Agora, em 1940, quando o marechal Pétain pediu um cessar-fogo, Adolf Hitler exigiu que este novo Armistício, de carácter totalmente oposto ao anterior, fosse assinado exactamente no mesmo sítio. A 22 de Junho de 1940 era, assim, consumado o acordo que punha fim às hostilidades alemãs contra a França, Bélgica, Holanda e Luxemburgo. O território francês foi dividido, ficando Pétain com a gestão do Sul, com a capital em Vichy, e o resto do país sob ocupação alemã.

No final de Junho o complexo de Royallieu foi confiscado pelos alemães para

Fonte: Reprodução/ acervo.publico.pt

A dimensão das reportagens aborda a amplitude e profundidade da história, o tempo de produção e o tempo necessário para a leitura. Os recursos técnicos utilizam elementos de design e *layout* para melhorar a experiência e a adaptação da narrativa para diversas telas. Elementos de qualidade estão ligados à narrativa em si, incluindo o uso de hipertexto, a estrutura da reportagem e um estilo expressivo que enriquecem a leitura (Baccin, 2016, p. 95).

Com a análise, a autora percebeu sobre a dimensão, que são narrativas longas, com período de produção estendido e uma maior exigência de leitura. Nos

recursos técnicos, apresentam design versátil, com a presença de paralaxe/verticalização e uso do efeito “cortina”. Nos elementos de qualidade, contextualização e aprofundamento do tema, imersão e uso de dados, humanização da narrativa, hipertextualidade, multimídia e interatividade.

Bertocchi (2014) afirma que a narrativa digital jornalística é um sistema aberto, adaptativo e complexo, cuja sobrevivência depende da capacidade de adaptação de sua estrutura aos sistemas com os quais interage, sistema dinâmico que é articulado por dados e metadados. No jornalismo contemporâneo, os sistemas de mensuração, sustentados por bancos de dados, têm influenciado as práticas jornalísticas, mudando até a forma como os jornalistas narram os acontecimentos. Canavilhas e Baccin (2015) destacam como a reportagem é uma modalidade com inovações no modo de contar histórias no jornalismo digital. Devido ser um trajeto aberto e de oportunidades, além do design flexível apresenta os elementos de qualidade sendo essenciais para narrativas hipermídia *longform*.

Longhi e Winkes (2015 apud RODRIGUES, 2018) a *longform* surge como uma resposta ao crescimento do jornalismo investigativo na internet, impulsionado pela expansão de organizações jornalísticas nativas digitais e como uma alternativa para textos aprofundados. Nesse formato, o jornalista realiza um trabalho minucioso de checagem de informações, uma vez que o conteúdo costuma ser bastante extenso. Plataformas como Medium e Atavist são exemplos de espaços que valorizam esse tipo de narrativa, incentivando novos autores a publicarem suas obras e permitindo a integração de formatos audiovisuais (Rodrigues, 2018, p.147).

Rodrigues (2018) destaca que a busca constante pela imparcialidade é um princípio fundamental para qualquer profissional comprometido com o jornalismo ético e responsável. No entanto, é sabido que a cultura, as opiniões e o conhecimento acumulado acabam influenciando a forma como o jornalista constrói a reportagem. Mesmo que de maneira inconsciente, o jornalista reflete suas escolhas, seja na seleção de fontes, dados ou perspectivas, no material final.

O crescimento do jornalismo *longform* no ambiente digital se explica pelas características das grandes reportagens e pelas possibilidades técnicas oferecidas pela internet. Adaptando os elementos do jornalismo impresso, como o tempo de apuração, a narrativa longa e escolhas que priorizam contextualização, profundidade e humanização. No digital, o uso de multimídia, hipertextualidade, multilinearidade e interatividade ajudam a atrair leitores, ampliando a relevância do conteúdo.

Tecnologias como o *parallax*³⁰ *scrolling*³¹ enriquecem a experiência, permitindo que o leitor controle a leitura, com informações surgindo conforme o ritmo de navegação.

A *longform* se afirma como uma renovação narrativa no jornalismo digital, a reportagem As Quatro Estações de Iracema e Dirceu (2015), do Diário Catarinense, ao renovar a linguagem tradicional e explorar alternativas audiovisuais, exemplifica como o meio digital amplia temas que demandam mais espaço e profundidade expressiva, abrindo caminho para que jornalistas brasileiros explorem novas formas de contar histórias (Rodrigues, 2018, p.155).

Este projeto se propôs realizar produção de uma reportagem *longform*, formato que permite a construção de narrativas aprofundadas por meio de recursos multimídia, como áudio, fotografias e imagens, favorecendo um olhar mais aprofundado sobre o tema em questão, possibilitando um maior engajamento dos/as leitores/as. Mais do que abordar exclusivamente o intercâmbio acadêmico, a proposta buscou explorar as experiências vividas, as expectativas de quem almeja viver essa vivência e as narrativas de mulheres que migraram. A reportagem já está publicada em ambiente digital, ampliando as possibilidades narrativas por meio de uma linguagem sensível, interativa e imersiva. Para reforçar a identidade visual do projeto e contribuir com a ambientação emocional do conteúdo, foi adotada uma paleta de cores inspirada no outono, tema que será detalhado no tópico a seguir.

³⁰ O efeito parallax é uma técnica de web design na qual o plano de fundo do site se move em um ritmo mais lento do que o primeiro plano. O resultado é um efeito 3D que surge conforme os visitantes rolam pelo site, adicionando uma sensação de profundidade e criando uma experiência de navegação mais imersiva.

³¹ "Scrolling" em português significa "rolagem" ou "deslizar". É o movimento de deslizar texto, imagens ou conteúdo em um ecrã, geralmente para cima ou para baixo. É usado em várias aplicações, como navegadores web, redes sociais, e leitores de livros eletrônicos, para permitir aos utilizadores ver conteúdo que não se encontra totalmente visível no ecrã.

DESCRIÇÃO DA LONGFORM

O presente projeto de reportagem *longform* teve como tema central o intercâmbio acadêmico internacional, a partir de narrativas desenvolvidas em Portugal e uma narrativa, na Espanha. A proposta centrou em apresentar diferentes histórias de pessoas que participaram de programas de mobilidade acadêmica, organizadas conforme a ordem cronológica dos acontecimentos e guiadas pela memória afetiva, que revela os sentimentos e emoções vivenciados durante todo o processo. O objetivo foi ir além da mera transmissão de informações sobre a mobilidade, promovendo um mergulho nas camadas culturais, sociais e subjetivas que atravessam essas experiências. (<https://portugalemmemoria.com>)

A estrutura da *longform* foi composta por duas grandes reportagens e duas crônicas. A primeira grande reportagem aborda as narrativas de quem já participou do intercâmbio, bem como o desejo daqueles que sonham em vivenciar essa experiência, explorando também as questões burocráticas. A segunda reportagem reuniu relatos de quatro mulheres brasileiras que deixaram o país em busca de melhores condições de vida e aprimoramento profissional. Suas trajetórias revelam motivações singulares e os sentimentos de quem está longe de casa, em narrativas que mergulham nas memórias e expõem emoções intensas e transformadoras.

O formato *longform*, enquanto recurso de expressão jornalística, como já mencionado anteriormente, favorece uma compreensão aprofundada do tema, ao articular textos extensos e recursos multimídia que ampliam a experiência da leitura. As grandes reportagens e crônicas que integram esta pesquisa, são fruto de um extenso levantamento de informações, envolvendo entrevistas, relatos pessoais e pesquisas bibliográficas, que fundamentam e contextualizam as histórias apresentadas. Dessa forma, a proposta foi oferecer uma abordagem sensível e informativa sobre o intercâmbio acadêmico internacional, evidenciando como essa experiência impacta profundamente os sujeitos e suas trajetórias de vida.

TÍTULO E IDENTIDADE VISUAL

O título da reportagem *longform*, Portugal em Memória, foi escolhido a partir da compreensão que foi adquirida com a partir a base teórica do projeto, que envolve a memória e a experiência vivida em Portugal. Para evitar uma generalização, decidiu-se incluir o nome do país no título, enquanto memória reflete um elemento

frequentemente associado a Portugal, evocando sentimentos e imagens mentais que reforçam o propósito, as características do trabalho sem perder o caráter jornalístico.

A escolha da paleta de cores inspirada no outono para este trabalho vai além de uma decisão meramente estética, ela está profundamente ligada aos simbolismos e sensações que essa estação representa: transição, amadurecimento, introspecção, desapego e renovação. O outono é uma época marcada pela mudança, a natureza se transforma, as temperaturas se tornam mais amenas, os dias ficam mais curtos e as folhas das árvores, antes verdes, passam por uma gradação de cores quentes — amarelos, laranjas, ocre, marrons e avermelhados, até que se soltam e cobrem o chão. Esse processo cíclico simboliza a importância de deixar ir aquilo que já cumpriu seu papel, criando espaço para o novo que virá.

Do ponto de vista simbólico, essa estação nos convida à interiorização e à reflexão, o momento de colher os frutos do que foi semeado anteriormente e também de avaliar nossos percursos, rever decisões e amadurecer. Representa uma fase de transição fundamental no ciclo da vida, tanto na natureza quanto em nossas vivências emocionais e psicológicas.

Entretanto, esta escolha carrega também um aspecto pessoal e subjetivo muito significativo, durante minha experiência de intercâmbio, vivi o outono de forma especialmente intensa. Foi uma estação que me trouxe sentimentos ambíguos de alegria e tristeza, de descoberta e de introspecção. Lembro-me com nitidez de caminhar por paisagens onde, em determinado dia, as árvores estavam cheias de folhas e, com o passar das semanas, essas mesmas folhas se transformaram em tons outonais, até desaparecerem completamente dos galhos, aquela cena, o chão coberto por folhas secas, despertou em mim uma profunda sensação de tranquilidade e de conexão com o ciclo natural da vida.

Ao observar esse processo, comecei a perceber características em mim mesma que antes passavam despercebidas, essa vivência me proporcionou um momento de consciência sobre meu próprio amadurecimento. Pude compreender que, assim como as estações do ano, a vida também é feita de ciclos, e que cada um deles oferece oportunidades únicas de crescimento. Foi nesse período que me dei conta de que venho desenvolvendo ferramentas emocionais, amadurecendo minha forma de pensar e de me expressar e que estou pronta para as próximas estações da vida.

Assim, a paleta de cores outonais, composta por tons terrosos, dourados, avermelhados e alaranjados, foi escolhida por traduzir visualmente esse processo de transformação, introspecção e amadurecimento que tanto marcou minha vivência e que dialoga com a essência do trabalho apresentado. A escolha dessa paleta é, portanto, simbólica, sensível e profundamente coerente com a mensagem que se pretende transmitir.

Figura 6 - Paleta de cores da base



Código: #394002#F27507#F26835#591404#F24535

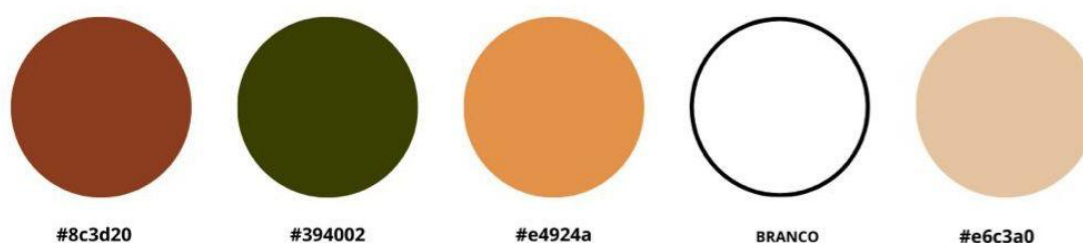
Fonte: Reprodução/Freeipik

Figura 7 - Moodboard



Fonte: Compilação do autor

Figura 8 - Paleta de cores do projeto



A identidade visual da *longform* é fortemente inspirada na paleta de cores do outono. Essa escolha está diretamente relacionada ao estado emocional da autora e ao simbolismo da estação, marcada por transformações, introspecção e certa melancolia. No que diz respeito às cores utilizadas no texto, evitou-se o uso de tons muito fortes da paleta outonal, que poderiam tornar a leitura visualmente cansativa. Assim, optou-se por tonalidades mais claras e harmoniosas, capazes de manter a essência da estação sem comprometer o conforto visual do leitor.

Para reforçar essa atmosfera, optou-se pela tipografia clássica Times New Roman, utilizada no corpo do texto como um ponto de encontro entre tradição e modernidade no jornalismo. A escolha dessa fonte, cujas origens remetem às letras esculpidas à mão e posteriormente aprimoradas digitalmente, carrega a originalidade

e a delicadeza expressas em cada traço fino, oferecendo leveza e legibilidade, além de estabelecer um contraste sutil que valoriza tanto a estética quanto a funcionalidade da composição editorial.

A fonte Oswald, escolhida para o título e intertítulos, é uma tipografia sem serifa lançada pelo Google Fonts, inspirada no estilo gótico alternativo clássico, mas com um toque moderno e digital. Mesmo em negrito, mantém uma leitura leve e clara, sem que as letras pareçam competir por espaço. Seu design é elegante e robusto, com cantos levemente arredondados, o que reforça sua aparência contemporânea. Além disso, foi redesenhada para se adaptar melhor às telas digitais, garantindo um visual limpo e legível.

Figura 9 – Tipografia Oswald do título



Fonte: Reprodução site Portugal em memória

Figura 10 – Tipografia Oswald e Times New Roman nos intertítulos e texto

A PROCURA PELA MOBILIDADE NOS ÚLTIMOS TEMPOS

Embora a mobilidade acadêmica seja amplamente conhecida, ainda é uma oportunidade pouco explorada por muitos estudantes, a falta de informação sobre os programas disponíveis impede que mais alunos se interessem. Além disso, observa-se uma diferença significativa na demanda por intercâmbio antes e depois da pandemia, especialmente devido à oferta de bolsas que auxiliam no custeio das despesas durante a experiência.

Segundo o assessor Paulo José, o interesse dos estudantes pelo intercâmbio acadêmico tem se mantido alto nos últimos anos, especialmente no período pós-pandemia (2022-2023). No entanto, a principal dificuldade enfrentada é a questão financeira, uma vez que não há mais programas de bolsas para auxiliar na mobilidade. Anteriormente, existia uma parceria com o Santander, mas ela foi encerrada, e a crise econômica global, aliada à valorização do euro e do dólar em relação ao real, tem tornado as viagens mais difíceis. Muitos alunos buscam informações por diferentes canais, como e-mail, *chat* do Teams e atendimentos presenciais, mas os custos elevados com passagem, moradia e seguro saúde acabam reduzindo o número de estudantes que conseguem concretizar a experiência de mobilidade.

Fonte: Reprodução site Portugal em memória

ELEMENTOS JORNALÍSTICOS

A Hostinger foi escolhida como plataforma de hospedagem para a reportagem por oferecer uma solução acessível, intuitiva e completa, com serviços que vão desde hospedagem compartilhada e VPS até opções específicas para WordPress e WooCommerce. A plataforma disponibiliza ferramentas que facilitam a criação e gestão de sites, como um construtor de sites e um painel de controle simplificado.

O material multimídia é composto por cinco vídeos: quatro deles apresentam respostas às perguntas padrão feitas durante as entrevistas, enquanto o quinto vídeo consiste em uma minibiografia que narra a trajetória pessoal que possibilitou a vivência do intercâmbio e a concretização deste projeto. Além dos vídeos, foram organizados cortes de áudio extraídos das entrevistas, que também integram o material final. As fotografias incluem imagens das fontes entrevistadas e um álbum dedicado a Portugal, com registros que capturam detalhes do cotidiano, manifestações como a Revolução dos Cravos e ângulos que revelam a cidade de maneira a atrair e envolver o leitor.

No início, a proposta era elaborar três crônicas voltadas, de modo geral, sobre o intercâmbio, explorando o crescimento pessoal e os encantamentos da cidade do Porto. Essas ideias foram concebidas no segundo semestre de 2024. No entanto, ao iniciar o primeiro semestre de 2025, com o desenvolvimento das entrevistas e reportagens, a compreensão do termo crônicas foi transformada. As duas crônicas que integram o projeto foram desenvolvidas a partir da memória de situações específicas vivenciadas durante a experiência de intercâmbio. Essas memórias, embora não diretamente relacionadas à proposta inicial, centralizaram-se em aspectos particulares da vivência. Como a memória sempre foi uma ferramenta recorrente no trabalho, houve um desenvolvimento natural dessas narrativas.

MATERIAIS

Ao longo de todo o processo de desenvolvimento do trabalho, foram elaboradas cinco pautas. No decorrer da produção, uma delas foi descartada por se tratar de um conteúdo não original, baseado apenas em pesquisas, que foram naturalmente aproveitadas na parte teórica deste trabalho. As quatro pautas restantes foram aprimoradas: uma dedicada à mulher imigrante na Europa e as outras três

centradas em diferentes aspectos do intercâmbio acadêmico internacional. Diante dessa configuração, decidiu-se unir as três últimas em uma única grande reportagem, ampliando a profundidade e o alcance do material. A produção das pautas, bem como o início das escolhas de fontes e das marcações de entrevistas, começou em fevereiro de 2025.

A escrita das crônicas teve início em março de 2025. A proposta inicial previa três textos: uma crônica sobre o intercâmbio de modo geral, outra sobre o crescimento pessoal e profissional da autora, e uma terceira dedicada aos encantamentos vividos na cidade do Porto. Contudo, em razão de questões psicológicas, algumas mudanças foram necessárias. Assim, as crônicas acabaram sendo elaboradas com foco em memórias específicas relacionadas à experiência vivida, preservando a essência pessoal e reflexiva da proposta original.

A escolha de um design com foco histórico reforça a forte ligação entre Brasil e Portugal. Enquanto, no Brasil, a colonização é vista criticamente, em Portugal predomina a ideia de missão civilizadora. O design destaca essa conexão desde 1500, simbolizando o intercâmbio de saberes e especiarias.

Tabela 1 - Execução das reportagens

Temática	Gênero Jornalístico	Processo	Material Multimídia
Intercâmbio: questões burocráticas: adaptação e readaptação; saúde mental; viagens; aprendizados.	Entrevista para reportagem	Entrevistas: 12 de fevereiro a 14 de março. Escrita da reportagem: 03 de março a 24 de março.	Texto escrito + áudios e vídeos de respostas das fontes + fotografias de identificação (arquivo pessoal) + algum de fotografias do Porto
Mulheres imigrantes	Entrevista para reportagem	Entrevistas: 12 de fevereiro a 14 de março. Escrita da reportagem: 27 de março a 13 de abril.	Texto escrito + áudios e vídeos de respostas das fontes + fotografias de identificação (arquivo pessoal) + algum de

			fotografias das entrevistadas
De Algarve	Crônica	Escrita: 20 de março	Texto escrito
Estações do ano	Crônica	Escrita: 25 de março	Texto escrito
Turismo em Portugal, questões financeiras	Cancelada por não ter conteúdo original, somente pesquisas.		

Fonte: Autora

As três pautas inicialmente faziam parte do tema central intercâmbio, e, ao serem reunidas, resultaram na grande reportagem, que alcançou o objetivo de abordar a experiência de intercâmbio sob diferentes ângulos. Foram elaboradas as pautas, os roteiros de perguntas e, especificamente na pauta sobre mulheres imigrantes, realizou-se uma seleção de dados atualizados. Além disso, houve a edição de vídeos e áudios, bem como a produção e edição dos textos.

Tabela 2 - Fontes das matérias

Nome	Profissão	Entrevista
Laíssa Carvalho	Jornalista	Via Teams com gravação de vídeo
Lorena Macedo	Psicóloga clínica	Via Teams com gravação de vídeo
Ana Beatriz	Jornalista	Via Teams com gravação de vídeo
Nathalia Diaz	Embaladora	Via Teams com gravação de vídeo
Paula Carolina	Médica	Via Teams com gravação de vídeo
Laryssa Leal	Estudante de veterinária no Rio de Janeiro	Via Teams com gravação de vídeo
Bianca Magalhães	Acadêmica de direito na Universidade Federal da Bahia	Via Teams com gravação de vídeo
Gabriela da Cunha	Jornalista	Via Teams com gravação de vídeo
Mariana Oliveira	Aluna relações públicas da Bahia	Via Teams com gravação de vídeo

Lídia Sacramento	Aluna relações públicas da Bahia	Via Teams com gravação de vídeo
Lua Anatalio	Artista de circo e teatro	Presencial com gravação de vídeo
Pedro Henrique	Arquiteto	Presencial com gravação de vídeo
Ana Clara	Aluna de jornalismo da PUC Goiás	Presencial com gravação de vídeo
Paulo José Gonzaga Ribeiro	Professor de Administração e assessor de Relações Internacionais da PUC Goiás	Presencial com gravação de vídeo
Bruna Oliveira	Jornalista	Via Teams com gravação de vídeo

Fonte: Autora

Todas as Fontes foram informadas sobre a finalidade das entrevistas e autorizaram a gravação.

Foi elaborada uma *playlist* no Spotify com 15 faixas de músicas portuguesas, principalmente fado, gênero que expressa uma ampla gama de emoções: amor, desamor, desgraça, nostalgia, saudade, mas também alegria e humor e, embora sua origem seja debatida, muitos acreditam que tenha surgido dos cânticos mouros, consolidando-se como um dos maiores símbolos da música portuguesa. A *playlist* foi criada para enriquecer a experiência de quem visualizará o álbum de fotografias do país, proporcionando, simultaneamente, o contato com esse gênero musical e a apreciação das belezas de Portugal. Vale destacar que, embora a *playlist* apresente um tom de cor que não corresponde à paleta do projeto, essa adequação não foi possível, pois o código visual é próprio do Spotify.

MEMORIAL

Antes mesmo de iniciar a busca por materiais teóricos, enfrentei dificuldades com a readaptação aos estudos, a idealização da minha volta foi muito diferente da realidade, e o impacto dessa mudança gerou um certo bloqueio inicial. Como comecei o Trabalho de Conclusão de Curso logo após retornar do intercâmbio, não tive tempo suficiente para assimilar a transição ou completar meu processo de adaptação. Iniciei a fase de pesquisa ainda imersa nas experiências vividas durante o intercâmbio, o que interferiu na minha concentração e dificultou o foco na nova etapa acadêmica.

Foi um choque lidar com a ideia de que eu não estava mais em Portugal e que tinha apenas um ano para concluir a graduação. No início da pesquisa teórica, eu não sabia exatamente o que buscar, quais ferramentas utilizar e, como a definição do tema e do produto ocorreu tardiamente, não realizei investigações prévias, durante toda a graduação, não havia imaginado com clareza qual seria o tema do meu TCC e do produto. A ida a Portugal despertou o interesse em abordar o intercâmbio como tema central, e a ideia do produto surgiu a partir de sugestões de colegas, que apontaram o formato audiovisual como adequado, considerando o volume de registros em vídeo e fotografias.

Com o tempo, fui compreendendo melhor os tópicos relevantes e as ferramentas a serem utilizadas. Ainda assim, a pesquisa exigiu esforço, pois muitos materiais encontrados tratavam de mobilidade sob diferentes enfoques, muitas vezes não relacionados à dimensão acadêmica e cultural que eu buscava. Em diversos momentos, selecionei artigos que, após a leitura, se mostravam inadequados, o que gerava frustração e a necessidade de ampliar ainda mais as buscas, mesmo com organização e criação de listas de leitura, a dificuldade em encontrar textos pertinentes e acessíveis permaneceu constante.

Foi somente perto do final do semestre que comecei a compreender, de fato, o propósito do meu trabalho, no início, lia e escrevia quase de forma mecânica, sem absorver profundamente o conteúdo. Somente após revisar o material teórico prestes a finalizá-lo, consegui compreender a proposta do projeto com mais clareza. Apesar das frustrações, percebi que ainda há poucos materiais acessíveis sobre o tema, e que muitos textos são de leitura complexa, o que torna o processo ainda mais desafiador e portanto, relevante.

Ao iniciar o processo de elaboração das pautas para este trabalho, minha intenção era abordar inicialmente dois grandes eixos temáticos: o intercâmbio

acadêmico internacional e a mulher imigrante, a ideia era desenvolver cinco pautas no total, distribuídas entre esses dois temas. No entanto, uma das propostas, voltada ao turismo em Portugal, acabou sendo descartada, compreendi que ela não dialogava diretamente com o propósito central do trabalho, que era produzir um conteúdo leve, acessível e envolvente, capaz de despertar a curiosidade do leitor e proporcionar uma leitura fluida, sem o peso de uma abordagem excessivamente acadêmica, por esse motivo, optei por não a incluir.

Com o desenvolvimento do trabalho, percebi que as três pautas sobre o intercâmbio eram complementares, pois abordavam, respectivamente, as motivações, os choques culturais enfrentados durante o processo, e questões relacionadas à saúde mental. Diante dessa complementaridade, decidi unificá-las em uma grande reportagem principal, centrada na experiência do intercâmbio acadêmico. A segunda pauta manteve-se dedicada à mulher imigrante, tema que inicialmente apresentou dificuldades na busca por fontes.

Na escolha das fontes, mesmo tendo construído uma rede de contatos relativamente ampla durante o período do intercâmbio, busquei selecionar com atenção quem faria parte de cada pauta. Ao longo desse processo, notei que a maioria das fontes era composta por mulheres, o que considero um ponto positivo, pois acabou conferindo ao trabalho uma perspectiva feminina muito rica e sensível. Essa predominância não foi intencional, mas sim resultado da disponibilidade das pessoas contatadas. Ao todo, entrei em contato com mais de 20 possíveis entrevistados, dos quais 14 foram efetivamente entrevistados, três delas presenciais e as demais online. Desses, apenas dois eram homens, o que reforça a presença feminina predominante nas entrevistas.

A maior parte das entrevistadas são de outros estados do Brasil e algumas estão fora do país, o que, por um lado, facilitou o alcance de pessoas em diferentes fusos horários, mas, por outro, trouxe alguns desafios. Enfrentei questões relacionadas à disponibilidade das fontes, em vários casos, as entrevistas foram marcadas de três a quatro vezes e, mesmo assim, acabaram não acontecendo. Essa instabilidade gerou uma certa frustração e ansiedade, especialmente no início, quando havia a preocupação com o número de fontes e a representatividade do material.

Houve ainda a fase de reorganização onde percebi que algumas fontes inicialmente previstas para ambas as pautas (intercâmbio e mulher imigrante) não

deveriam ser compartilhadas entre os temas, a fim de manter a coerência e a especificidade de cada abordagem, a busca por novas fontes se intensificou nesse momento.

Durante a realização das entrevistas, elaborei roteiros prévios para guiar a conversa, ainda assim, nem sempre os resultados corresponderam às minhas expectativas. Por vezes, esperei encontrar narrativas mais emocionais e sensíveis, mas algumas respostas foram mais objetivas, ou até desconectadas das perguntas propostas. Também percebi que a bagagem acadêmica das fontes influenciava na forma como respondiam, entrevistas com pessoas com maior formação tendiam a ser mais densas, com reflexões aprofundadas e bem articuladas. Já outras fontes, com menor familiaridade com o ambiente acadêmico, apresentavam respostas mais curtas ou com repetição de ideias. Em contrapartida, algumas entrevistadas demonstraram tanto entusiasmo em relatar suas experiências de intercâmbio que se estenderam bastante, o que exigiu um trabalho posterior mais cuidadoso de organização e seleção de trechos relevantes.

A entrevista mais curta teve aproximadamente 12 minutos e foi com uma pessoa que ainda não realizou um intercâmbio, mas deseja vivenciá-lo no futuro, ponto de vista que considerei interessante para incluir no trabalho. Já a entrevista mais longa durou quase duas horas e foi marcada por um relato detalhado e envolvente da experiência de intercâmbio, com uma riqueza de memórias e reflexões que contribuíram significativamente para a narrativa da reportagem, algumas entrevistas duraram mais de meia hora, outras passavam de 40 minutos e algumas chegaram a uma hora de duração ou passavam.

No início da produção dos textos, demorei um pouco para compreender qual seria a melhor forma de estruturar as reportagens. Com o tempo, percebi que queria construir uma narrativa crescente, ou seja, partindo da motivação inicial que levou as pessoas a fazerem intercâmbio ou as mulheres a migrar, passando pelas experiências vividas durante o processo, até chegar à fase atual, revelando como essas trajetórias as transformaram.

Procurei destacar aspectos centrais das experiências, com ênfase na adaptação, nas impressões e comparações feitas por cada entrevistado, bem como nos conselhos que elas dariam e nas visões que construíram antes, durante e depois de suas jornadas. Em todas as entrevistas, deixei claro que o objetivo era conduzir uma conversa em formato de diálogo aberto, em que os entrevistados se sentissem

à vontade para compartilhar o que quisessem. Isso era importante porque, embora morar fora possa ser uma experiência muito positiva para algumas pessoas, para outras pode ter deixado marcas difíceis.

Algumas entrevistas alcançaram um nível de profundidade que trouxe à tona memórias da experiência, um mergulho profundo nos sentimentos e lembranças, mais do que entrevistas, os relatos com diversas camadas, revelaram os traços de valorização e sentimentos da experiência vivida, que relembram as aulas onde discutimos sobre entrevista segundo Cremilda Medina.

Durante o processo, percebi com ainda mais clareza que ser imigrante não é fácil, seja como estudante, seja como trabalhadora. O preconceito é real e foi mencionado por boa parte das entrevistadas, muitas vezes de forma direta, outras de forma mais sutil. A discriminação se manifesta tanto nas instituições de ensino quanto no mercado de trabalho, especialmente em relação à cor da pele ou à condição de estrangeira.

Com o amadurecimento do texto, notei que minha escrita foi tomando um formato menos acadêmico e mais voltado ao relato. Os textos se transformaram em um espaço para que as entrevistadas contassem suas histórias, relembraassem momentos felizes ou difíceis, e refletissem sobre como estão hoje. Ao finalizar as duas reportagens, gravei vídeos meus para compor a reportagem sobre o intercâmbio. No entanto, optei por não fazer o mesmo na reportagem sobre mulheres imigrantes, apesar de eu mesma ter vivido essa experiência ao morar em Portugal por 11 meses, não me senti confortável para falar a partir desse lugar, por considerar que ainda não estou pronta para representá-lo de forma justa.

A grande reportagem sobre as mulheres imigrantes ficou, por isso, mais técnico e menos emotivo, com foco nos relatos das entrevistadas. Já a grande reportagem sobre o intercâmbio teve uma escrita mais envolvida emocionalmente, talvez porque eu mesma tenha vivido essa experiência de forma muito positiva. Tomada por entusiasmo na produção do primeiro rascunho, o que resultou em um texto longo, corrido e com repetições, faltavam subtítulos, o que tornava a leitura cansativa, graças ao *feedback* da minha orientadora, compreendi a importância de revisar, reestruturar e organizar o texto. Ao substituir palavras, excluir sentenças repetitivas e inserir subtítulos, o conteúdo ganhou fluidez e se tornou mais agradável de ler, o processo de correção foi essencial para enxergar o texto com outros olhos,

resgatar elementos do jornalismo literário e perceber como ajustes pontuais fazem grande diferença no resultado final.

A edição dos vídeos começou a partir da análise de como as entrevistas haviam sido feitas, como a maioria das entrevistadas estava em outros estados ou países, na grande maioria as conversas foram realizadas online, mesmo com orientações prévias, o enquadramento das câmeras não ficou ideal para a edição posterior e algumas fontes não se portaram formalmente. A princípio, pensei em unir todos os cortes, mas optei por separar as entrevistas por pauta, mantendo uma estrutura com duas perguntas padrão para todas. Durante a edição, percebi que algumas pessoas falam mais do que outras, enquanto algumas respostas passavam de dois minutos, outras mal chegavam a um minuto. Mesmo assim, escolhi manter algumas entrevistas com respostas mais longas, pois como bem nos ensina Medina em *Entrevista: o diálogo possível* (1986) é fundamental no jornalismo dar voz as fontes escolhidas.

Conforme orientado, iniciei diversas tentativas para escolher o melhor formato de edição dos cortes. No entanto, em determinado momento, percebi que meus conhecimentos técnicos não seriam suficientes para finalizar a edição com a qualidade desejada. Diante disso, recorri ao auxílio de um profissional, o que resultou em um trabalho muito superior ao que eu esperava.

Sou grata ao Daniel, responsável pela edição dos vídeos, e também à Gabriela e a Laís, que contribuíram significativamente na produção, criação e no desenvolvimento do roteiro, o que foi essencial para garantir a fluidez da narrativa. As reportagens possuem quatro vídeos com as respostas das fontes às duas perguntas padrão.

Em relação à parte teórica, as correções foram devidamente realizadas, os pontos destacados, como a necessidade de acrescentar autores e ampliar o conteúdo, foram atendidos. De modo geral, considero extremamente valioso receber *feedbacks*, pois sempre há aspectos a serem ajustados, reestruturados ou aprimorados. Finalizar o trabalho com as devidas revisões proporciona uma sensação de realização, a certeza de que cada etapa foi cumprida com dedicação.

A seleção de fotografias foi pensada a partir da ideia de montar álbuns que representem as experiências vividas tanto pelas pessoas que foram entrevistadas. Assim, cada vez que uma fonte é apresentada ao longo do texto, ela ganha um momento de destaque, com a presença de fotografias e do áudio de sua voz. A

proposta é que durante a leitura, ao escutar as falas e visualizar os rostos, conseguissem imaginar uma situação real de conversa com aquela pessoa.

Além das imagens disponibilizadas pelas próprias fontes, foi criado também um álbum com fotografias da cidade do Porto, feitas por Arthur Corrêa, um amigo que conheci durante o intercâmbio. Ele possui uma sensibilidade única para capturar imagens e, ao perceber que seria interessante trazer diferentes ângulos da cidade, pedi que alguns registros. Admiro muito o trabalho dele e acredito que essas imagens poderão transmitir um sentimento de curiosidade e apreciação pela cidade do Porto.

A escolha da fotografia dos barcos para a capa marca o início de uma travessia simbólica, evocando jornadas, aventuras e a busca por novos horizontes. A navegação carrega significados profundos, entrelaçando cultura, espiritualidade e liberdade. Representa o movimento constante e o desejo de equilíbrio. Assim, conduz a uma viagem tanto exterior quanto interior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho, é impossível não refletir sobre como essa jornada imersa na cultura, na educação e nas histórias compartilhadas, foi profundamente marcada pela encantadora cidade do Porto. A experiência deixou marcas duradouras e despertou reflexões sobre o valor de aproveitar cada momento, de manter a mente aberta e de reconhecer a riqueza da diversidade que o mundo oferece.

Transformar esta pesquisa em uma reportagem *longform* foi mais do que um exercício acadêmico, foi um compromisso com as memórias e os relatos daquelas pessoas que, de alguma forma, contribuíram para a construção deste percurso. Cada narrativa reunida carrega uma mistura de sentimentos e experiências autênticas vividas ao longo de meses às margens do Rio Douro. A escolha do Porto como cenário dessa aventura surgiu da influência de um veterano, que compartilhou uma narrativa repleta de expectativas, aprendizados e belezas da própria cidade. Essa influência foi decisiva para dar início a uma vivência que transformou não apenas o olhar acadêmico, mas também o pessoal.

A realização deste trabalho foi marcada por uma jornada singular de descobertas, desafios e aprendizados, a escolha das fontes ocorreu, em alguns casos, de forma espontânea, e em outros, pela oportunidade de reencontro com pessoas com quem já havia tido contato. A dinâmica das entrevistas revelou narrativas únicas, mesmo quando os contextos e experiências apresentavam similaridades. Cada depoimento contribuiu com uma perspectiva própria e, muitas vezes, surpreendente, revelando aspectos da mobilidade acadêmica que vão além do relato idealizado comumente associado a esse tipo de vivência.

As entrevistas, mais do que relatar experiências educacionais no exterior, permitiram um mergulho nas emoções que envolvem o processo de mobilidade, expectativas, descobertas, dificuldades e transformações. Ao transcrever e analisar esses relatos, emergiram memórias e sentimentos que, mesmo vividos por mim, foram revisitados sob novas lentes. Esse exercício trouxe à tona a complexidade emocional do jornalismo e do intercâmbio, incluindo aspectos pouco discutidos, como as adversidades e os impactos subjetivos do deslocamento.

A escrita do texto enfrentou momentos de hesitação, especialmente nas primeiras versões, marcadas por uma linguagem mais coloquial e emocional, as sucessivas releituras e revisões foram fundamentais para aprimorar a estrutura e a clareza do material, sem, contudo, apagar a identidade das vozes entrevistadas. O

processo de construção narrativa exigiu atenção, sensibilidade e um esforço contínuo para conciliar a dimensão pessoal com os rigores da produção jornalística.

Desde a fase de pesquisa bibliográfica até a condução das entrevistas e elaboração dos roteiros, houve a necessidade de adaptação frente a imprevistos e aprendizados práticos. A flexibilidade ao conduzir as conversas foi essencial para capturar aspectos que iam além das perguntas inicialmente previstas. Assim, o trabalho se configurou como um exercício não apenas técnico do ponto de vista jornalístico, mas também intelectual e afetivo.

O uso de fotografias, enquanto recurso visual, buscou contribuir para uma outra experiência e percepção das histórias narradas, possibilitando um deslocamento simbólico aos espaços vivenciados e reforçando a dimensão sensorial e afetiva do conteúdo apresentado.

A mobilidade acadêmica, como se pôde constatar, vai além do campo educacional, trata-se de uma experiência que promove transformação pessoal, reconfigura identidades e ressignifica até mesmo a percepção de pertencimento à própria cultura de origem.

Apesar dos desafios enfrentados ao longo do percurso, sejam eles técnicos, pessoais ou emocionais, a conclusão deste trabalho representa uma experiência de amadurecimento. O que permanece é o sentimento de gratidão e de missão cumprida, com a esperança de que, no futuro, novas portas se abram, quem sabe, novamente, na cidade do Porto.

Por fim, mais do que cumprir uma etapa acadêmica, a elaboração desta reportagem em formato *longform* tornou-se uma oportunidade singular para entender profundamente o jornalismo como elemento de compreensão da vida, além de registrar memórias, refletir sobre trajetórias e revisitar significados, neste caso, lusitanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves, Rosental Calmon. Jornalismo digital: Dez anos de web... e a revolução continua. **Comunicação e Sociedade**, [s. l.], v. 9-10, p. 93-102, 2006. Disponível em: <https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/1217/1199>. Acesso em: 9 nov. 2024.

ANAIS DO VI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL - SABERES E FAZERES NO TURISMO: INTERFACES, 2010, Caxias do Sul -RS. **Revisão da literatura sobre intercâmbio cultural estudantil: renovação das práticas turísticas** [...]. [S. l.: s. n.], 2010. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/02/Revisao%20da%20literatura%20sobre%20intercambio%20cultural%20estudantil%20renovacao%20das%20praticas%20turisticas.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

Aveiro, Thais Mere Marques. O programa Ciência sem Fronteiras como ferramenta de acesso à mobilidade internacional. **#Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, [s. l.], v. 3, n. 2, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/1867>. Acesso em: 20 nov. 2024.

Baccin, Alciane. A narrativa *longform* em reportagens hipermídia. **Estudos em Jornalismo e Mídia - EJM**, [s. l.], 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n1p89>. Acesso em: 9 nov. 2024.

Baganha, Maria Ioannis; Marques, José Carlos; Goiás, Pedro. Imigração em Portugal: uma síntese histórica. **Ler História (online) 56**, [s. l.], 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/lerhistoria/1979#notes>. Acesso em: 13 maio 2025.

Caputo, Stela Guedes. **Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. Disponível em: https://dennisdeoliveira.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/09/stela_guedes_caputo_-_sobre_entrevistas-1-1.pdf. Acesso em: 2 dez. 2024.

Cartolano, Marcela Marçon. Sobre entrevistas: teoria, prática e experiências. 2018. **Jornalismo de viagem: técnicas jornalísticas empregadas em narrativas das editoriais de turismo em sites brasileiros**(Jornalismo) - Universidade Federal do Pampa, [S. l.], 2018. Disponível em: <https://repositorio.unipampa.edu.br/handle/riu/3864>. Acesso em: 3 nov. 2024.

Carvalho, José Ricardo. A crônica como gênero jornalístico e o emergir do subgênero “do cotidiano”. **Comunicação Pública**, [s. l.], v. 15, ed. 29, 2021. Disponível em: <https://journals.ipl.pt/cpublica/article/view/84>. Acesso em: 3 dez. 2024.

Castells, Manuel. **O Poder da Identidade**. 9. ed. [S. l.: s. n.], 2018. v. 2. Disponível em: <https://tonaniblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/05/o-poder-da-identidade.pdf>. Acesso em: 24 set. 2024.

ENCONTRO INTERNACIONAL DE JOVENS INVESTIGADORES - EDIÇÃO BRASIL, 2017, Campina Grande. **As características do gênero crônica: O jornalismo opinativo e a crônica de Wilson Machado [...]**. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/49556> .Acesso em: 2 dez. 2024.

Faro, José Salvador. **Realidade, 1966-1968 tempo da reportagem na imprensa brasileira**. 1996. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ensinodareportagem/artigos/revistarealidade.pdf> .Acesso em: 3 nov. 2024.

Gastal, Susana. Festa e identidade: o São João do Porto. **Andares**, [s. l.], v. 5, n. 9, 2013. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/2209/1327> .Acesso em: 29 nov. 2024.

Leroy, Aurélie. Migração em todos os "gêneros". **Alternatives Sud**, [s. l.], 2023. Disponível em: <https://outraspalavras.net/desigualdades-mundo/a-face-feminina-da-migracoes-globais/> .Acesso em: 13 maio 2025.

Lima, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário Para Iniciantes**. 1. ed. [S. l.: s. n.], 2010. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1TusvX7mALcLkAwR_q2aJfV8aZqxpSb-W/view .Acesso em: 12 out. 2024.

Lopes, Paula. **A crônica (nos jornais): O que foi? O que é?**. Universidade da Beira Interior, Portugal, 2010. Disponível em: <https://repositorio.grupoautonoma.pt/entities/publication/35867b6d-9a40-4912-b2a1-df779b01edfe> .Acesso em: 2 out. 2024.

Machado, Igor José de Renó. Imigração brasileira na viragem do século XX: processos de exotização no Porto (Portugal). **Ler História (online)** 56, [s. l.], 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/lerhistoria/2004> .Acesso em: 13 maio 2025.

Mahfoud, Miguel; Schmit, Maria Luisa Sandoval. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, [s. l.], v. 4, n. 1-2, 1993. Disponível em: <https://revistas.usp.br/psicousp/article/view/34481> .Acesso em: 4 nov. 2024.

Martinez, Monica. Narrativas de viagem: escritos autorais que transcendem o tempo e o espaço. **Revista Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, [s. l.], v. 35, n. 1, p. 34-52, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/intercom/a/cwHQrWzSNdpzLmrtj3dJB4K/?format=pdf&lang=p> .Acesso em: 3 nov. 2024.

Medina, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Atica. Acesso em: <https://repositorio.usp.br/item/002890995>

Medina, Jorge Lellis Bomfim. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. **Symposium**, [s. l.], n. 1, 2001. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3196/3196.PDF> .Acesso em: 4 dez. 2024.

Melo, José Marques de; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom - RBCC**, [s. l.], v. 39, n. 1, p. 39-56, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/interc/a/YYXs6KPXhp8d7pRvJvnRjDR/?format=pdf&lang=p>

.Acesso em: 1 dez. 2024.

Oliveira, Érica Marciano de. O gênero entrevista sociolinguística e suas dimensões cronotópicas / The Sociolinguistic Interview Genre and Its Chronotopic Dimensions. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso está sob Licença Creative Commons CC**, [s. l.], 2024. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/bak/a/Tvr3csWPT3rYQ9t56RcCjnz/?format=pdf&lang=pt>

.Acesso em: 2 dez. 2024.

Oliveira, Madalena. Moçambique na rota do jornalismo de viagens. **Culturas e turismo: Reflexões sobre o património, as artes e a comunicação intercultural**, UMinho Editora/Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, p. 105-115, 2021. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/74485>. Acesso em: 13 maio 2025.

Peixoto, Renata da Penha Lima. **A Crescente procura pelo intercâmbio cultural - (Turismo)** - Centro Universitário de Brasília – UNICEUB, [S. l.], 2005. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/7441/1/20173331.pdf> .Acesso em: 25 ago. 2024.

Pena, Felipe. O jornalismo Literário como gênero e conceito. **Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom**, [s. l.], 2006. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/77311256385591019479200175658222289602.pdf> .Acesso em: 12 out. 2024.

Pollack, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/system/files/acervo-livre/cg0181/textocg0181013.pdf> .Acesso em: 4 nov. 2024.

PORTAL DIPLOMÁTICO. **Sobre Portugal: Dados Gerais**. Online. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://portaldiplomatico.mne.gov.pt/sobre-portugal> .Acesso em: 30 set. 2024.

PORTO. **Economia**. Câmara Municipal do Porto. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.cm-porto.pt/economia/economia> .Acesso em: 27 nov. 2024.

PORTO. **História da cidade**. Câmara Municipal do Porto. Online. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.cm-porto.pt> .Acesso em: 22 set. 2024.

RIBEIRO, Susana Correia. Jornalismo Turístico - Os Eventos no Centro da Notícia. 2011. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, [S. l.], 2011. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/entities/publication/9ea9b04c-30ab-4790-8f0b-ed1b2f60e541>. Acesso em: 3 nov. 2024.

Santana, Hadassah; Motta, Bernardo; Canais, Vitalino (org.). **Brasileiros são 26% dos universitários estrangeiros em Portugal**. 2024. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2024-fev-14/brasileiros-sao-26-dos-universitarios-estrangeiros-em-portugal/> .Acesso em: 12 jun. 2025.

Silveira, Éder da Silva. **A contribuição de um projeto escolar para a educação intercultural: o "Intercâmbio Internacional Estudantil Delta do Jacuí/Brasil e Mostazal/Chile"**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, [S. l.], 2009. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/3579> .Acesso em: 15 nov. 2024.

Souza, Jorge. **Construindo uma teoria do jornalismo**. Universidade da Beira Interior, Porto, Portugal, 2002. Disponível em: <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-jornalismo.pdf> . Acesso em: 20 nov. 2024.

Spenthof, Edson Luiz. **Jornalismo e sociedade: O lugar da mediação profissional e da informação tratada como res pública**. Tesse (Doutorado) - Institucional da Universidade de Brasília, [S. l.], 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/reader/33551266> .Acesso em: 29 nov. 2024.

TRABALHO, Organização Internacional do. **ILO Global Estimates on International Migrant Workers Results and Methodology**. 3. ed. Geneva: Ilo, 2021. Disponível em: https://www.ilo.org/sites/default/files/wcmsp5/groups/public/%40dgreports/%40dcom/m/%40publ/documents/publication/wcms_808935.pdf .Acesso em: 2 abr. 2025.

UNIDAS, Organização das Nações. **International Migrant Stock 2024: key facts and figures**. 13. ed. New York: Un Desa/Pop/2024/Dc/, 2025. Disponível em: https://www.un.org/development/desa/pd/sites/www.un.org.development.desa.pd/files/undesapd_2025_intlmigstock_2024_key_facts_and_figures_advance-unedited.pdf .Acesso em: 2 abr. 2025.

XVI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTIÓN UNIVERSITARIA - CIGU, 2016, Arequipa - Peru. **Mobilidade estudantil internacional: Programa Ciência sem Fronteiras em evidência [...]**. [S. l.: s. n.], 2016. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/170995/OK%20-%20101_00419.pdf?sequence=1 .Acesso em: 18 out. 2024.

APÊNDICE

Apêndice A - Capítulo do diário de viagem: Do sonho ao Porto

Este capítulo marca o início do diário de viagens que integra o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), dedicado a relatar as experiências vividas durante o intercâmbio acadêmico. Em particular, será abordada a primeira viagem realizada durante esse período: uma jornada inesquecível para Sevilha, na Espanha. Mais do que uma simples aventura turística, essa experiência despertou reflexões profundas sobre a valorização da autoestima, a aceitação pessoal e os caminhos da autodescoberta.

Desde o início da minha graduação, em 2021, aumentou o desejo de participar de um programa de intercâmbio acadêmico na universidade. Determinada a concretizar esse objetivo, dediquei os primeiros anos da faculdade em completar a carga horária de atividades complementares exigida pelo curso. Assim que finalizei essa etapa, iniciei o planejamento do meu período de mobilidade e me preparei para o processo de candidatura para a Universidade do Porto, em Portugal.

Quando o edital foi lançado, mergulhei nos detalhes dos requisitos e comecei a organizar minha documentação. A escrita da carta de motivação, embora parecesse simples, se revelou um desafio que exigiu muita reflexão. O processo em si foi tranquilo: incluía o envio do histórico escolar, da carta de motivação e de um plano de ensino. No entanto, a organização foi fundamental, principalmente após o início das comunicações com a Universidade do Porto. Recebi uma série de e-mails com instruções para me cadastrar no sistema da instituição. Apesar da confusão inicial, com o apoio do professor responsável pelo programa, consegui organizar cada etapa.

A emoção de ser selecionada foi indescritível. Quando recebi a notícia, chorei de alegria e encomendei um bolo para comemorar. Entretanto, a aprovação foi apenas o início de uma longa jornada. A próxima etapa foi a solicitação do visto de estudante, um processo burocrático, caro e demorado. O envio da documentação à embaixada trouxe um alívio momentâneo, mas a espera foi angustiante. Em alguns momentos, considerei desistir, até que, finalmente, recebi a confirmação de que meu visto havia sido aprovado. O passaporte chegou em menos de dez dias para minha partida, e a correria foi intensa: precisei comprar passagens, arrumar malas e me despedir de amigos e familiares.

Após mais de 24 horas de viagem, desembarquei no Porto em um sábado de verão. A luz do sol ainda iluminava a cidade às 20h. Exausta, tomei banho, jantei estrogonofe e dormi profundamente. No dia seguinte, comecei a explorar a cidade e a conhecer a faculdade onde passaria o semestre seguinte — que, eventualmente, tornou-se quase um ano. Durante os trajetos, fui me encantando pelo Porto, uma cidade que gradativamente ocupou um lugar especial no meu coração. O período de intercâmbio, que durou 11 meses, foi transformador. Gostaria que tivesse sido ainda mais longo, pois vivi um crescimento pessoal e profissional imensurável.

Nos primeiros meses, minhas viagens se concentraram em lugares próximos ao Porto, onde visitei amigos que se tornaram uma verdadeira família. Desde fevereiro de 2024, comecei a explorar outros países da Europa. A primeira viagem internacional, entre mim e duas amigas, aconteceu na semana do meu aniversário, coincidindo com a Queima das Fitas, uma tradicional festa universitária do Porto. Escolhemos Sevilha, na Espanha, como destino pela proximidade e pelos custos acessíveis.

O dia da viagem foi intenso: pela manhã, busquei a pulseira para as festas da Queima das Fitas; à tarde, decidi fazer as unhas — algo que não fazia há tempos. À noite, partimos para o aeroporto rumo a Sevilha.

Chegamos tarde e, exaustas, fomos diretamente para a hospedagem. No dia seguinte, fomos recebidas por um céu azul intenso e um verde vibrante das árvores. As ruas de Sevilha nos encantaram: limpas, tranquilas e coloridas. Começamos o dia com um café delicioso antes de explorar os pontos turísticos.

A primeira parada foi na Praça de Espanha, um lugar tão grandioso que me deixou sem palavras. Era minha primeira experiência fora de Portugal, e tudo parecia indescritível. Seguimos para a Universidade de Sevilha, onde a arquitetura histórica impressionava: pedras, escadarias, fontes e detalhes arquitetônicos que pareciam saídos de um filme.

Mais tarde, visitamos as catedrais e monumentos marcados pelo tempo. Cada detalhe — das muralhas aos ornamentos em mármore — refletia a história de gerações passadas. Durante o almoço, em um restaurante tradicional, experimentei pratos locais e me senti envolvida pela atmosfera alegre das ruas ensolaradas, com música ao fundo.

Depois, encontramos um bar típico que servia churros com chocolate quente. O ambiente era repleto de história, com fotografias antigas e uma decoração

autêntica. Provar os churros espanhóis, diferentes dos brasileiros, foi uma experiência deliciosa.

Sempre fui apaixonada por fotografia, mas tinha dificuldades em gostar das minhas próprias imagens. Naquele dia, ao tirar fotos enquanto esperava o Uber, percebi o quanto me sentia bonita e confiante. Para muitos, isso pode parecer algo simples, mas, para mim, foi uma forma de valorização da minha própria imagem.

Antes de assistir a um show de flamenco naquela noite, minha amiga decidiu me maquiar. Apesar do delineado um pouco torto, ela me elogiou, e, ao me olhar no espelho, enxerguei minha própria beleza. Foi um momento de autodescoberta, em que percebi minha força, beleza e singularidade. Durante anos, recebi elogios com descrença, como se não fossem para mim. Naquele instante, algo mudou.

A viagem a Sevilha foi muito mais do que turismo: foi uma experiência transformadora que marcou um capítulo de autovalorização e crescimento. Assim como uma árvore que desabrocha na primavera, comecei a enxergar meu potencial e minha beleza. Esses momentos refletem a essência do intercâmbio: não apenas conhecer novos lugares, mas também descobrir novas versões de mim mesma.

Quem te ensinou a se comparar assim?

Vivemos em uma sociedade que reforça estereótipos de gênero, impondo padrões rígidos para o corpo feminino. A busca por "corpos perfeitos" frequentemente leva a rotinas exaustivas e irreais, inacessíveis para a maioria das pessoas. Além disso, aqueles mais próximos de nós também podem pressionar para que sigamos essas normas. Para mim, a autoestima sempre foi um desafio, com breves momentos de elevação, mas geralmente marcada por inseguranças reforçadas por essas expectativas sociais.

Para esta autora, o corpo sempre foi — e ainda é — uma questão sensível. Palavras como autoestima, autoconhecimento e autoaceitação não faziam parte do meu vocabulário e demoraram muito para se tornarem significativas na minha vida. Posso dizer que, quando me sentia melhor comigo mesma, isso geralmente acontecia porque estava usando uma roupa nova e diferente do dia a dia, com o cabelo arrumado e maquiada.

De acordo com a psicóloga Karoline Gomes Rabelo de Oliveira, também formada em Direito e estuda o autocuidado transformador, a comparação e a pressão

social são os principais fatores psicológicos que afetam a autoestima feminina em relação à aparência física. Segundo ela, muitas mulheres procuram terapia porque não se sentem bonitas o suficiente, e isso geralmente está relacionado à comparação constante e à pressão imposta pela sociedade de consumo, que promove padrões irreais de beleza e leva ao sentimento de inadequação.

“Eu sempre levo perguntas, eu nunca dou a resposta. Então, a gente chega juntas, sabe, geralmente na resposta. E aí, quando a gente faz assim, sobre essa comparação feminina. Quem te ensinou a se comparar assim? Sabe, sempre começa por uma pergunta mais ou menos nesse sentido.”

Durante as sessões, a psicóloga adota uma abordagem reflexiva, analisando os fatores que afetam o cotidiano de cada paciente. Ela costuma retomar perguntas de sessões anteriores, incentivando a paciente a reavaliar suas respostas, pois acredita que a reflexão contínua pode levar a novas percepções. Uma de suas perguntas mais recorrentes e significativas é: *“Você está fazendo isso para atender a quem e ou a quê?”*.

O Instagram é atualmente uma das redes sociais mais populares do mundo, oferecendo conteúdos variados para todos os gostos. Seu algoritmo, ágil e inteligente, é capaz de interpretar rapidamente as preferências dos usuários. Basta uma pesquisa ou uma interação, como curtir uma foto, para que a plataforma passe a exibir com frequência conteúdos semelhantes ao que foi acessado.

Ao curtirmos a foto de alguém com um corpo ou estilo de roupa que admiramos, o algoritmo intensifica a exibição de perfis semelhantes, gerando uma constante comparação entre o que vemos na tela e a nossa realidade. O Instagram está repleto de conteúdos de influenciadores focados em beleza, moda, vida fitness, alimentação saudável e rotinas de exercícios. No entanto, muitas vezes, essas práticas não se alinham com a realidade ou as possibilidades de algumas pessoas.

Diante desse cenário, a psicóloga recomenda aos pacientes uma limpeza dos perfis que seguem, selecionando conteúdos que promovam bem-estar e sejam compatíveis com suas realidades e objetivos.

“A aparência física não é tudo. É muito bom se amar, é muito bom se gostar, é muito bom você olhar pro espelho e ver aquela imagem que você sempre quis ver, é muito

bacana. Só que, de nada adianta um corpo maravilhoso, um corpo que é instagramável, se você não se aceita por dentro. Acredite, pessoas que são ditas e consideradas modelos lindíssimas e belíssimas, adoecem. A cabeça adocece. Imagina a pressão dessas pessoas para se manterem nesse lugar inatingível. Isso causa adoecimento mental. Então, se a gente for pensar em mulheres, primeira coisa que eu sempre falo, vamos juntas olhar seu Instagram. Você está fazendo o uso correto do Instagram? Está sendo uma ferramenta que está te causando bem-estar ou sofrimento? A gente sempre parte daí. É possível parar de seguir as pessoas que te trazem sofrimento? Sim, é possível, é comportamental isso. É simplesmente ir lá no botãozinho e deixar de seguir.”

O autocuidado, a autoestima e a autoaceitação são elementos fundamentais que capacitam as mulheres a se valorizarem tal como são, respeitando suas limitações, formas e características únicas. Quando esse aprendizado não ocorre naturalmente, a terapia pode ser uma ferramenta importante nesse processo. Conforme destaca a psicóloga, a terapia oferece um espaço de reflexão e autoconhecimento, onde muitas mulheres aprendem a se amar e a se aceitar. Com o auxílio de uma profissional, é possível desenvolver um novo olhar sobre si mesmas e sobre as situações vividas, promovendo um cuidado feminino mais profundo e transformador.

“Quando você se conhece, já era. Quando você sabe as coisas que te dão gatilho, quando você sabe que a pessoa está falando alguma coisa da sua aparência física, por exemplo, para te atingir, você já sabe como lidar com isso. É meio clichê, porém, eu acredito nisso, né? Quando a pessoa fala, ela fala muito dela, né? Então, a pessoa que atinge a outra, por exemplo, com essas questões físicas, principalmente questões que não podem ser mudadas, ela está falando dela.”

A relação com o próprio corpo é uma questão que, para mim, vem de muito tempo. Contudo, um momento significativo de mudança aconteceu em maio de 2024, na semana do meu aniversário. Não sei o dia ou horário exato, mas foi a partir dali que comecei a transformar a percepção sobre mim mesma. Hoje, consigo me olhar com um olhar mais crítico e reconhecer minha beleza. Claro, não sou perfeita — até porque ninguém é —, mas já me sinto mais confortável com quem sou.

Durante anos, fui comparada a parentes e amigos, como consequência construí barreiras emocionais que dificultaram meu desenvolvimento social. Essas comparações constantes, vindas de pessoas muito próximas, me faziam sentir muito mal. Falar sobre isso é reviver traumas que ainda carrego e que, embora não possa dizer que superei completamente, estou aprendendo a enfrentá-los de forma que não me paralisem.

Como a psicóloga destaca, muitas vezes o julgamento dos outros reflete mais sobre eles do que sobre nós. Com o amadurecimento, percebi que cada pessoa tem sua própria perspectiva, e a melhor coisa que posso fazer é focar em mim mesma. Tenho tentado implementar essa filosofia: a opinião é minha, e não preciso expressá-la ou me preocupar com o que os outros pensam, pois cada um vive sua própria vida e faz suas próprias escolhas.

Outro aspecto dessa transformação tem sido meu estilo de vestir. Comecei a me cuidar mais e percebi que as mudanças acontecem nos pequenos detalhes. Confesso que o autocuidado ainda é um desafio. Estou satisfeita com meu progresso atual, mesmo sabendo que ainda há pontos a melhorar. Por exemplo, desejo realizar procedimentos estéticos, como ajustes no meu sorriso, que é algo que me incomoda. Também preciso adotar uma rotina mais saudável de alimentação e exercícios.

Já me sinto à vontade em algumas peças que antes evitava, embora ainda enfrente frustrações ao não conseguir me adaptar a determinadas roupas ou por elas não servirem. Ainda assim, comparando com um período em que estava muito acima do peso e lidava com olhares e comentários traumáticos, percebi o quanto avancei. Naquela época, cheguei a frequentar a academia diariamente por um semestre, sempre no horário de almoço para evitar outras pessoas, e fazia dietas rigorosas. Foi um choque de realidade que, apesar de ter me impulsionado a mudar, deixou marcas que carrego até hoje.

Não posso afirmar que estou satisfeita ou que me aceito completamente, mas reconheço a evolução na forma como vejo a mim mesma. Quero melhorar minha qualidade de vida e conquistar um corpo com o qual me sinta mais à vontade para usar roupas que ainda não consigo imaginar em mim. Durante muito tempo, tive vergonha de usar blusas sem mangas ou shorts curtos, e isso moldou meu estilo de vestir de forma que hoje considero ultrapassado. Estou tentando superar essa vergonha e, aos poucos, tenho conseguido vestir peças que antes evitava, mesmo sabendo que meu corpo ainda não corresponde ao ideal que gostaria.

É desafiador sair de casa com uma blusa sem mangas e lidar com o fato de não me sentir bem comigo mesma. No entanto, também compreendo que não posso esconder quem sou. Percebi que, em algumas situações, roupas mais abertas podem até me valorizar mais do que aquelas que tentam disfarçar o que não precisa ser escondido. Esse processo de aprendizado é lento e exige paciência, mas é uma evolução que escolhi abraçar. Cada pequeno passo é um marco nesse caminho, e continuo aprendendo a me sentir bem comigo mesma — uma jornada que, apesar de desafiadora, é profundamente recompensadora.

A psicóloga destaca que, durante as sessões, busca fazer perguntas que incentivem a paciente a refletir sobre o diálogo que mantém consigo mesma: se esse diálogo é positivo ou negativo, e como as mudanças em sua identidade estão sendo percebidas. Ela explora questões como a maneira de moldar os próprios pensamentos, o início de uma postura mais gentil consigo mesma e o aprendizado de gostar de si própria.

A psicóloga também traz contribuições da autora estadunidense Gloria Jean Watkins (1952-2021), mais conhecida pelo pseudônimo Bell Hooks, foi escritora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista. Segundo a psicóloga, a autora segue uma linha de pensamento em que devemos falar conosco mesmas como se estivéssemos conversando com alguém que amamos profundamente, sendo gentis e respeitosas em nossas palavras.

“No momento em que escolhemos amar, começamos a nos mover contra a dominação, contra a opressão. No momento em que escolhemos amar, começamos a nos mover em direção à liberdade, a agir de formas que libertam a nós e aos outros.”
- Bell Hooks.

Faço sessões de terapia, algo que no início eu evitava falar sobre, mas que hoje considero essencial. Sinto-me tão confortável com essa jornada que afirmo, sem hesitar: “faço terapia!”. Tem sido uma experiência transformadora, ajudando-me a compreender melhor o meu processo de desenvolvimento, estou no processo da autodescoberta, aprendendo mais sobre mim mesma.

Estou enfrentando medos e tentando derrubar barreiras que eu mesma construí, especialmente em relação à minha imagem física. Sei que é um processo lento, e não será de um dia para o outro que aprenderei a aceitar meu corpo ou a me amar plenamente como sou. No entanto, estou determinada.

Estou nesse caminho de amor-próprio, aprendendo a cuidar mais de mim, a me olhar no espelho e enxergar mais do que apenas a gordura. É uma jornada de se reconectar com quem sou, com paciência e compaixão por mim mesma.

Ainda a psicóloga destaca que muitos dos comportamentos e sentimentos que temos hoje foram aprendidos ao longo da vida, e que, às vezes, acreditamos que eles fazem parte de nossa essência, quando na verdade foram ensinados.

Concordo plenamente com essa visão. Aliás, de tudo o que conversei com a Karoline, não há nada que eu discorde. É desafiador para qualquer pessoa, e para mim não é diferente, identificar quando e como começou o desconforto com meu corpo ou a ansiedade.

É claro que existem aspectos em mim que desejo mudar, mas, acima de tudo, quero me sentir confortável com quem sou, mesmo que isso não se encaixe nos padrões impostos pela sociedade ou pela minha família.

Para alcançar esse objetivo, continuarei investindo em mim por meio da terapia. É um caminho que escolhi trilhar com paciência e dedicação, em busca de mais amor e respeito por mim mesma.

A experiência da viagem para Sevilha foi o empurrão que eu precisava para começar a me olhar com mais carinho, a gostar mais de mim e a cuidar de quem eu sou. Hoje, vejo a mim mesma com outros olhos. Sinto orgulho do que sou e do quanto já evoluí.

Nos últimos meses, minha autoestima tem se mantido em um nível muito bom. É claro que há dias em que me olho no espelho e não me sinto tão bem, mas, mesmo assim, consigo reconhecer minha beleza. Desde essa viagem, comecei a fazer coisas que antes me incomodavam, como usar cropped ou deixar os braços à mostra. Passei a me arrumar mais, a ousar em detalhes que antes evitava.

Sevilha foi um marco na minha vida, pois me deu coragem para enfrentar medos que antes pareciam intransponíveis e me impulsionou a continuar nesse processo de transformação.

“Amor Próprio

Em um mundo ideal, todos aprenderíamos na infância a amarmos a nós mesmos. Cresceríamos seguros do nosso valor e merecimento que, espalhando amor aonde quer que fôssemos, deixando nossa luz brilhar.

Se não aprendemos o amor próprio na juventude, ainda há esperança.

A luz do amor está sempre em nós, não importa quão fria esteja a chama.

Ele está sempre presente, esperando uma fagulha que o inflame, esperando que o coração desperte e nos leve de volta para a primeira lembrança de ser a força da vida dentro de um lugar escuro esperando para nascer - esperando para ver a luz.”

Bell Hooks em seu livro: "Tudo sobre o amor - Novas perspectivas"

Apêndice B – pauta da reportagem “ Mulher imigrante na Europa”

PAUTA

ASSUNTO

Mulher imigrante na Europa

INFORMAÇÕES E ORIENTAÇÕES

- Contexto sobre a imigração feminina na Europa: motivações para imigração
- Os desafios, tanto sobre o gênero como reconhecimento de qualificações, discriminação
- Violência de gênero e vulnerabilidade
- Representatividade e inclusão

<https://360rewin.eu/pt/desafios-enfrentados-pelas-mulheres-migrantes-violencia-e-discriminacao-na-europa/#:~:text=De%20acordo%20com%20dados%20recentes,em%20seus%20pa%C3%ADses%20de%20origem.>

<https://museudaimigracao.org.br/blog/migracoes-em-debate/mulheres-e-migracao-numeros-e-fontes-sobre-mulheres-na-migracao-contemporanea>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-03/mulheres-de-diferentes-continentes-relatam-realidade-da-imigracao>

<https://capiremov.org/analises/solidariedade-feminista-as-pessoas-migrantes-e-refugiadas-na-europa/>

<https://www.acnur.org/br/noticias/notas-informativas/moverse-fortalece-o-olhar-sobre-genero-na-migracao-durante-ii-comigrar>

[https://outraspalavras.net/desigualdades-mundo/a-face-feminina-da-migracoes-globais/#:~:text=A%20maioria%20dos%20movimentos%20ocorre,internos%20\(OLT%2C%202021\).](https://outraspalavras.net/desigualdades-mundo/a-face-feminina-da-migracoes-globais/#:~:text=A%20maioria%20dos%20movimentos%20ocorre,internos%20(OLT%2C%202021).)

Com entrevistas online, será gravado áudio e imagem (com autorização)

ENTREVISTADOS/CONTATO

Laíssa Carvalho - Jornalista -

Lorena Macedo - Psicóloga clínica -

Beatriz - Jornalista -

Natthalia Diaz - embaladora -

Paula Carolina - médica -

DADOS

A Europa tem testemunhado um aumento significativo na migração feminina nos últimos anos. De acordo com dados recentes, estima-se que milhões de mulheres migrantes residam em países europeus. Essas mulheres frequentemente migram em busca de melhores oportunidades econômicas, reunificação familiar ou para escapar de conflitos e perseguições em seus países de origem.

A violência e discriminação contra mulheres migrantes são resultado de diversos fatores inter-relacionados. Entre eles estão os estereótipos de gênero enraizados em algumas sociedades europeias, bem como as atitudes discriminatórias em relação a pessoas de diferentes culturas e origens étnicas. Além disso, o status migratório precário e a falta de conhecimento sobre direitos e recursos disponíveis também aumentam a vulnerabilidade dessas mulheres. As mulheres migrantes estão expostas a várias formas de violência e discriminação. Violência doméstica, tráfico de pessoas, exploração laboral e mutilação genital feminina são apenas alguns exemplos dos desafios que enfrentam. Além disso, elas enfrentam barreiras no acesso a serviços básicos, como cuidados médicos, educação e emprego, o que dificulta sua integração social e econômica.

Apêndice C – pauta da reportagem “Além do intercâmbio: saúde mental, adaptação e as transformações da experiência internacional”

PAUTA

ASSUNTO

Além do intercâmbio: saúde mental, adaptação e as transformações da experiência internacional

INFORMAÇÕES E ORIENTAÇÕES

Buscar narrativas de acadêmicos que passaram por dificuldades mentais antes ou depois de um intercâmbio acadêmico. A visão de uma psicóloga que trate sobre o assunto

- Explorar os impactos emocionais psicológicos enfrentados por intercambistas, desafios e estratégias de autocuidado
- Contexto: alisar o crescimento de estudantes, descrever sobre um contraste entre as expectativas sobre o intercâmbio e as dificuldades emocionais que os mesmos enfrentam.
- Explorar alguns tópicos que podem ser descritos como desafios: choque cultural, isolamento social, sobre a língua, pressão acadêmica, questão financeira, longe da família, possibilidade de independência.
- Mesmo o intercâmbio sendo uma experiência enriquecedora, apresenta desafio de adaptação de readaptação. A fase de se adaptar em um novo país pode ser bastante desafiadora: barreiras linguísticas, choque cultural, integração social e acadêmica e autonomia.
- Na instituição escolhida, pode haver algumas questões diferentes em relação ao método de ensino, dificuldade em criar amizades.
- Longe de casa e dos amigos, a saúde mental pode ser afetada.

Art: <https://www.scielo.br/j/ep/a/ncP7zLgbPM48QqtbjLcYBpD/?lang=pt> e https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902009000100006

Mental: <https://tagarela.com.au/desafios-emocionais-no-intercambio-como-nao-deixar-que-eles-atrapalhem-sua-experiencia/>

<https://www.bil.com.br/blog/como-se-adaptar-ao-intercambio-dicas-para-uma-transicao-suave/>

https://www.terra.com.br/noticias/cresce-numero-de-jovens-que-buscam-estudar-no-exterior_ef16ac8573a91bc8ef107dcb1ae60827ypjx4xxj.html

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/educacao/audio/2023-09/aumenta-numero-de-pessoas-que-querem-estudar-fora-do-brasil>

<https://veja.abril.com.br/brasil/busca-por-graduacao-no-exterior-cresce-377-entre-estudantes-brasileiros>

- Motivação dos estudantes para estudar fora
- Quais os benefícios de estudar fora
- Os desafios e obstáculos para realizar esse desejo
- O papel das bolsas de estudos e programas de intercâmbio

Com entrevistas presenciais e online, será gravado áudio e imagem.

ENTREVISTADOS/CONTATO

Lorena Macedo - Psicóloga clínica -

Paulo José Gonzaga Ribeiro - Professor da RI responsável

Laryssa Leal - estudante de veterinária -

Bianca Magalhães - acadêmica de direito na Universidade Federal da Bahia –

Ana Clara - acadêmica de jornalismo

Bruna Oliveira - jornalista -

Gabriela da Cunha - jornalista -

Mariana Oliveira - aluna relações públicas na Bahia

Lidia Sacramento - aluna relações públicas na Bahia

Pedro Henrique - arquiteto

Lua Anatalio - artista de circo e teatro

DADOS

Morar no exterior é uma experiência que proporciona muitos benefícios educacionais, sociais e culturais. No entanto, a adaptação a um novo ambiente pode ser desafiadora e estressante, gerando assim impactos emocionais e psicológicos durante o intercâmbio.

Pesquisar agência. Procurar escola. Estudar as regras do país. Entender o processo de visto. Estudar o idioma local. Compreender a cultura. Juntar dinheiro. Comprar malas, roupas, acessórios e equipamentos para a viagem. Tirar o passaporte.

A primeira tarefa de todo estudante que deseja estudar fora é aprender a como se adaptar ao Intercâmbio. Isso porque esta é uma experiência de flexibilidade e adaptação. Será uma nova cultura, novos hábitos e você será jogado para fora da sua zona de conforto. Ou seja, é justamente isso que fará com que você tenha um crescimento grandioso como ser humano e com que aprenda mais rapidamente o idioma.

Certamente, se adaptar rapidamente em um intercâmbio pode parecer desafiador, mas com algumas estratégias práticas, é possível tornar essa transição mais suave e aproveitar ao máximo sua experiência no exterior. Não espere que as pessoas locais se adaptem ao seu jeito de ser. É preciso que você seja flexível e consiga se adaptar ao ambiente, à cultura e aos costumes.

Dados da pesquisa Selo Belta 2023, da Associação Brasileira de Agências de Intercâmbio - Belta, revelam que o mercado brasileiro de educação internacional registrou um crescimento de 18% em 2022 em comparação a 2019, consolidando em 455.480 estudantes. A pesquisa ainda revela que em um contexto mais amplo, a faixa etária de 25 a 29 anos tem ocupado a primeira posição no ranking de jovens que estudam fora do país, ultrapassando os estudantes de 18 a 24 anos.



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
GOIÁS**
**PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL**
Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)
3946.3080
www.pucgoias.edu.br | prodin@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO nº 038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O (A) estudante Nívia Santos Menegat do Curso de Jornalismo, matrícula 2021.2.0127.0001-6, telefone (94) 99203-7073, e-mail niviamenegat2021@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei nº 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado, PORTUGAL EM MEMÓRIA: LONGFORM SOBRE A EXPERIÊNCIA DE VIVER UM INTERCÂMBIO gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 10 de junho de 2025.

Assinatura do(s) autor(es): 

Nome completo do autor: Nívia Santos Menegat

Assinatura da professora-orientadora: 

Nome completo da professora-orientadora:

Maria Carolina Giliolli Goos